

A GNR EM FOCO

**Costa Brás
e Passos
Esmeriz
reunem
em Évora**

**S. TOMÉ
E PRÍNCIPE
Miguel Trovada
acusado
de conivência
em atentado
contra
Pinto da Costa**

Págs. 12 e 13

CASO DOS 700 MIL CONTOS E DOS SELOS FISCAIS ESTÃO LIGADOS

Rede de burlões actua com intuitos políticos

O «DL» conseguiu obter elementos que provam haver relação directa entre a burla dos «cheques retardados», que terá atingido a importância de 700 mil contos, e a emissão em larga escala de selos fiscais falsos, de valores que oscilavam entre os 50 e os mil escudos.

Os investigadores de duas secções diferentes da Polícia Judiciária — a das burlas e a das falsificações — cruzaram acidentalmente

os seus passos, pois quando procuravam elementos sobre a burla dos cheques detectaram na casa de dois suspeitos grandes quantidades de selos fiscais, cuja falsidade foi determinada pelo Laboratório da Polícia Científica. Verificou-se depois tratar-se de selos da mesma origem dos encontrados no Lumiar e em Odivelas, onde entretanto havia sido localizada a oficina onde se fizera a falsificação.

Já em princípios de 78 um preso de Custodias havia comunicado à PJ a existência de um grupo que, entre as muitas actividades criminosas que tinha planeado, incluía a desestabilização económica do País, através duma emissão gigantesca de selos fiscais falsos. No entanto as autoridades policiais e judiciais não acreditaram nessas informações, apesar de o delicto ter referido o nome de Ângelo do Nascimento, co-

nhecido por Ângelo de Trancoso, homem ligado a Galvão de Melo, ao ELP e ao MDLP. Ângelo encontra-se agora no Brasil, para onde fugiu há três semanas, precisamente na véspera do dia em que a PJ o procurou em Chaves...

Tudo leva a crer que fraudes bancárias, selos fiscais falsificados, armas, são peças do mesmo «puzzle», o que prova tratar-se duma organização única que actua em diferentes secto-

res da vida do País, tentando criar, com fins políticos, uma situação caótica.

Para além das libertações extemporâneas e pouco claras que se têm verificado, de indivíduos ligados a estas actividades, estranha-se que as autoridades responsáveis tenham vindo a actuar de um modo disperso, e que, só por acaso, «casos» tão intimamente ligados tenham sido relacionados.

Pág. 24



**Hua Guofeng
partiu de Pequim
para visitar
Europa Ocidental**

Pág. 15



**Moshe Dayan
ameaça
demitir-se**

Pág. 15

**Sete membros
da ETA presos
em S. Sebastian**

Pág. 14



Telefones públicos: pesadelo colectivo

Para o pesadelo que neste momento constitui telefonar nas cabinas públicas de Lisboa (são moedas e minutos pedidos), os TLP vão avançar ainda este mês com uma nova receita: os «cabineiros», operários especializados na função de detectar e informar avarias em telefones públicos e acelerar a sua reparação.

Atenção pois aos «cabineiros» com a esperança sempre renovada de que para breve se torne mais rápido (e operacional) telefonar do que ir.

Pág. 6

AMANHÃ NO DL

**Os verdes anos
da República
de 1910
por Chianca
de Garcia**

**SEGUNDO CAPÍTULO
Juvenis
Indecisões**



HOJE HÁ



Ex-presidente do Fundo de Fomento da Habitação diz porque abandona as suas funções

Pág. 5

post-scriptum

CHEGO A SORRIR AO SOFRIMENTO

Agradeço o favor de que esta simples carta possa ser publicada no Jornal que V. Ex.ª dirige.

Como ser humano e eleito PS, não posso ficar alheio a tudo que se vai passando neste cada vez menos nosso Portugal.

Com tristeza e dor recebi a notícia da morte de dois trabalhadores da Cooperativa Bento Gonçalves de Montemor-o-Novo, pelas forças da GNR. Não considero esta força militarizada totalmente culpada, mas sim a PS em que cheguei a acreditar, que aprovou com a direita a Lei Barreto.

Hoje não tenho dúvidas de que a palavra justiça continua a ser palavra vã neste Portugal. Não é por acaso que se aumenta as forças militarizadas e se um Governo deseja justiça e diálogo não precisa de aumentar as forças da repressão, mas sim dar confiança a quem trabalha e produz a riqueza.

Mais casos reprováveis se passam de Norte a Sul. Hoje para qualquer português honesto e minimamente atento, não tem dúvidas que o objectivo é entregar este País aos tubarões de sempre, mascarados de democratas e bem falantes!

É com tristeza e mágoa que vejo os sempre famintos que tudo produzem a sofrer, enquanto os privilegiados do fascismo e outros oportunistas tudo têm, sem nada produzir!

É preciso que todos os democratas se levanten, pois a direita não tem pejo de tudo fazer para reforçar ainda mais os seus privilégios.

Chego a sorrir ao sofrimento, quando vejo os responsáveis do País, falarem-nos em direitos humanos e em tolerância. Por favor não brinquem com este pobre e desfavorecido Povo, vítima do fascismo!

Mas para onde vai o meu e o nosso País de quem trabalha?

Saibamos defender hoje o que amanhã será mais difícil! Certo que esta possa ser publicada, favor que desde já renovo pois é preciso que sejamos humanos nos actos e não nas palavras.

Subscrevo-me com estima e consideração.

António Lopes Macedo
Reboleira Sul-Amadora

O «J'Accuse» do sr. Sousa Tavares

Pois é. O 25 de Abril produziu coisas maravilhosas. Maravilhas que evidenciam uma mudança e que, por isso mesmo são encarniçadamente atacadas, agora sob a forma de uma certa Aliança que, em desespero de causa, tudo tenta. Mas como as mais belas coisas nascem de contradições, que todavia continuam por obra e graça de um processo de acção e reacção, o 25 de Abril produziu também em muitas circunstâncias, o ridículo: um Amaro da Costa nas barricadas, um Barreto legislador agrícola, um Pinheiro de Azevedo primeiro-ministro, etc., etc., etc. Mas, pasme-se!, produziu também um Zola de nova vaga, personificado no terrífico, famigerado, e quase bíblico Francisco Sousa Tavares: um homem clarividente que descobriu este fenómeno espantoso, que fazia inveja à mais apurada alquimia medieval: a Graciosa Aliança deixara de ser reacção porque nela havia entrado Medeiros Ferreira.

Ora a última do sr. Sousa foi erguer-se na ponta dos pés e, de cabeça iluminada, dar à luz um «J'Accuse» do século XX, onde servindo-se demagogicamente e sem respeito nem escrúpulos, da morte de dois trabalhadores alentejanos, culpa de tal tragédia o Presidente da República, a Primeiro-Ministro e os Partidos Comunista e Socialista.

... Zola, com a sua pena vigorosa, libertou um homem. O sr. Sousa Tavares, com a sua escrita impar, libertará uma província inteira. Que tal uma ajudazita dos «Cavaleiros do Templo»?

Moniz Rebelo
COVILHA

Guardas venezuelanos violentam emigrante

Esta notícia é feita em nome de cerca de 200 emigrantes que se encontram há dois meses a trabalhar na Barragem de Guri, na Venezuela, através da Companhia Construtora Brás-Pacheco.

Há dias um português, nosso colega de trabalho, passava durante a noite numa cidade de nome Puerto Ordaz, a cerca de 100 km do local de trabalho, em busca da casa de um compatriota onde ia passar a noite. Foi então interpelado por quatro guardas nacionais, fardados e armados de metralhadoras, que o transportaram num jeep para dentro de uma mata. Ai o violentaram deixando-o num estado lastimoso. Após o acontecimento conseguiu pedir auxílio e foi trazido para Guri, onde se encontra a barragem, e está presente em tratamento e de baixa.

É claro que o acontecido o transtornou profundamente e a tal ponto que quer pôr termo à vida. É claro que nós todos lhe temos dado o máximo apoio moral visto que as autoridades, depois de alertadas, nada fizeram. Parece que este não é o primeiro caso deste género.

Além de tudo o mais somos maltratados pela população, pela Guarda Nacional que revista as nossas camaratas, etc.

José Joaquim Alfredo
VENEZUELA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

O longo combate de «A Voz do Operário»

Na sessão comemorativa do centenário da publicação do jornal «A Voz do Operário», que ontem à noite se realizou na sede da sociedade com o mesmo nome, esteve presente o ministro dos Assuntos Sociais, Bruto da Costa, que presidiu à mesa. Ali o acompanhavam membros dos corpos gerentes da «Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário», um representante do Secretariado da CGTP-Intersindical, representantes dos Sindicatos dos Gráficos e dos trabalhadores tabaqueiros. O director adjunto do «Diário de Lisboa», dr. Piteira Santos, fez uma conferência evocativa dos primeiros tempos do jornal, donde reproduzimos a seguir extractos:

Costa Goodolfim, o benemérito paladino do movimento associativo, em 1876, no seu livro «A Associação», ao referir-se à organização da classe dos tabaqueiros e, em particular, à Associação de Socorros Mútuos União Fraternal dos Operários da Fabricação do Tabaco, fundada em 1867, socorrendo-se dos apontamentos que lhe foram fornecidos por um operário da classe, escreveu: «A primeira associação a dos manipuladores do tabaco, foi fundada em 1862. A associação de socorro mútuo matriculou, até 25 de Julho de 1874, 583 sócios e existem 309. Grande número tem morrido de tísica, tuberculose, etc. O seu capital era de 462\$244 réis. A segunda organização, sob os estatutos da Fraternidade Operária, teve 2536 sócios, e o seu capital elevou-se a 1874\$385 réis, que foi despendido em greves. A terceira organização tem 106 sócios que se federaram na Associação dos Trabalhadores. Fundaram já uma escola e um gabinete de leitura.»

Traçado o quadro do movimento associativo da classe dos tabaqueiros, descreve Costa Goodolfim, com tintas carregadas, a sua situação socioprofissional. Citamos: «A classe dos operários do tabaco é de todas, assim com as dos operários das minas, das mais desgraçadas. Os salários são pequenínimos, a matéria em que trabalham danifica-lhes horrorosamente a saúde. Contemplem-se as casas desses misérrimos e ver-se-á a sombra pálida da morte debuxada nas suas faces. Não é necessário mais que entrar numa fábrica, e ver-se-á com aquele pó subtil nos sufoca, a dificuldade com que respiramos. Médicos distintos têm já demonstrado as qualidades nocivas do tabaco, as enfermidades que produzem, o mal que causam a todos os que dele usam. A grande mortalidade que se nota na classe dos manipuladores é uma prova irrefragável do mal que causa o tabaco.» («A Associação», Lisboa, 1876, reedição em 1974, pág. 159).

E o bom Costa Goodolfim interroga: «Mas como remediar este estado, se ele (o tabaco) dá para o Tesouro um tão grande rendimento e crescendo tão progressivamente?»

«O rendimento dos direitos do tabaco na Alfândega foi: em 1872: 1 665 642\$766 réis; em 1873: 1 893 933\$461 réis.»

E para permitir que os leitores tivessem uma ideia da importância relativa destes números, Costa Goodolfim indicava seguidamente os valores dos direitos gerais:

«Em 1871 a 1872: 2 753 189\$065 réis; em 1873 a 1874: 3 366 747\$756 réis.»

Mais de metade dos «direitos gerais», para o biénio 1871-1872 cerca de 61%, eram provenientes dos direitos aduaneiros aplicados aos tabacos.

A importância da indústria dos tabacos no conjunto da incipiente indústria portuguesa da segunda metade do século XIX, a importância dos direitos e taxas relativos aos tabacos no conjunto das receitas do Estado, as péssimas condições de trabalho, a intensa exploração, as violências e os vexames da disciplina laboral, explicam que a classe dos tabaqueiros surgisse, na alvorada do associativismo operário, como um destacamento combativo e com uma grande capacidade de organização.

Em 1879, era de crise, a situação na indústria dos tabacos. Os trabalhadores sentem necessidade de reagir, de protestar, de levar o seu protesto à opinião pública. E sentem necessidade de realmente se constituírem como classe.

Na frase atribuída ao tabaqueiro Custódio Gomes — «Soube eu escrever que não estava com demoras. Já há muito que tínhamos um jornal; bem ou mal o que lá se disser é o que é a verdade. Amanhã reúne a nossa associação e hei-de propor que se publique um periódico que nos defenda a todos e mesmo aos nossos companheiros de outras classes» — deparam-se-nos, numa linguagem imprecisa, primitiva com certeza, o esboço de algumas noções fundamentais: a necessidade de levar à classe a consciência possível da sua situação e da justeza do seu ponto de vista de classe; a

de dar à classe dos tabaqueiros, como diríamos na linguagem sociológica dos nossos dias, uma «consciência de classe». Entendia Custódio Gomes que o que o jornal dissesse era a verdade; entendíamos nós, lendo a frase, que Custódio Gomes tinha a percepção de que o que viesse escrito no jornal da classe era a verdade da classe. Entendia Custódio Gomes que o jornal da classe defenderia todos os tabaqueiros, mas compreendia que o periódico da classe dos tabaqueiros poderia defender, igualmente, os «nossos companheiros de outras classes». Não seria um jornal — na consciência do operário que propõe a sua publicação — exclusivamente para os tabaqueiros, mas seria o jornal dos trabalhadores dos tabacos destinado a transformar, pela força do associativismo operário e pela prática da reivindicação de classe, para usarmos conceitos de uso corrente da sociologia contemporânea, aquela «classe em si» na «classe para si», capaz de, como classe, se organizar e lutar.

O jornal «A VOZ DO OPERÁRIO»

terá por missão: «pugnar denodadamente pelos interesses materiais e morais da classe que representa; concorrer quanto possível para a educação profissional e moral da classe operária e instrução do povo; defender os que sofrerem injustiças, vexames e violências; promover o desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio, e trabalhar incessantemente para o bem-estar social em harmonia com o presente programa.»

Assina este artigo, editorial sem título do 1.º número de A VOZ DO OPERÁRIO, Custódio Brás Pacheco. Nascera em 27 de Novembro de 1828, em Vila Nova de Milfontes e destacara-se na sua classe, a dos manipuladores do tabaco. Fizera a sua formação no Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas. Ingressara, com José Fontana, na Fraternidade Operária, quando a experiência das greves revelara as contradições do Centro Promotor. Fora um dos fundadores da União Fraternal dos Operários da Fabricação do Tabaco, cujos estatutos, segundo regista Costa Goodolfim, se inspiraram nos estatutos da Fraternidade Operária. É um militante activo na época em que esgotada a experiência interclassista do Centro Promotor, a classe operária faz a viragem para a luta de classes e para a criação do partido de classe.

A Fraternidade Operária surge em 1872. O seu «simplicíssimo estatuto», para utilizarmos palavras de Nobre França, é da autoria de José Fontana. O Partido Socialista será criado em Janeiro de 1876, e à sua constituição estarão associados José Fontana, Antero de Quental, Azevedo Gneco. Na carta escrita, a pedido de Sebastião Magalhães Lima, e por este inserta no seu livro «O Socialismo na Europa», Nobre França, cumprindo «a promessa de esboçar o início do movimento socialista em Portugal», fala-nos dos progressos da organização da Fraternidade Operária, devidos à acção esforçada de Fontana e «graças à ardente dedicação de sinceros e honestos operários de todas as classes». Refere os números de filiados das «secções de resistência» e em relação aos tabaqueiros diz: «Na organização da numerosíssima classe dos manipuladores de tabaco, de Lisboa, apareceram organizadores e propagadores tão activos e inteligentes como Brito Monteiro, Pedro Carvalho, Júlio, Brás Pacheco e outros.»

Júlio, de seu nome completo, Júlio Maria da Costa, e Pedro José de Carvalho farão parte com Custódio Brás Pacheco da redacção do jornal, mas logo no primeiro número Custódio Brás

Pacheco se revelará, ele o militante tabaqueiro expediente, como um grande jornalista operário. Nesse 1.º número, de A VOZ DO OPERÁRIO, são de Brás Pacheco o Editorial, a continuação do Editorial que é um artigo independente, e os textos intitulados «Os manipuladores do Tabaco», «Os operários», «A lei igual para todos», «O saneamento da capital». Deve-se a Custódio Brás Pacheco mais de metade do texto do primeiro número de A VOZ DO OPERÁRIO.

Luz no editorial um lampejo de internacionalismo proletário e nele se espelha a tendência para o abstencionismo político. Custódio Brás Pacheco é um operário combativo, conduziu os protestos e as lutas dos tabaqueiros, mas defende uma actividade de classe, num plano que será o do sindicalismo, independente, na definição e na prática da actividade política e actividade de classe autónoma da organização de tipo partidário.

Se por um lado, no editorial de que foi autor, abre as colunas de A VOZ DO OPERÁRIO «aos manipuladores de tabacos d'outros países», condiciona, no entanto, essa «prova de boa camaradagem», ao tratamento de «assuntos que tenham por fim o melhoramento de classe». É categorico, linhas adiante, no que concerne o abstencionismo político. Citamos: A VOZ DO OPERÁRIO não está ligado, nem se ligará a partido algum político, mas, como jornal independente louvará os actos bons e condenará os maus, partam eles d'onde partirem, e seja qual for a cor política do Governo constituído.»

Não nos apressemos a julgar Custódio Brás Pacheco e a caracterizar a corrente ideológica a que, negando vinculações, o jornal A VOZ DO OPERÁRIO parece vincular-se. Estamos a sete anos da constituição da Fraternidade Operária, a quatro anos da fundação do Partido Socialista, no ano do seu 3.º Congresso, realizado em Lisboa de 22 a 25 de Março.

Reinava o senhor D. Luís, havia dezanove anos e por mais nove reinaria. Um longo reinado de vinte e oito anos que assistiria a duas rupturas decisivas: a cultural, a proibição das Conferências Democráticas do Casino e a consequente passagem da inteligência ao campo socialista e republicano; a social, o surto de greves que destruiria a concepção de uma evolução conduzida por organizações interclassistas e a consequente perda de influência do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas que levou à constituição da Associação de Resistência Fraternidade Operária.

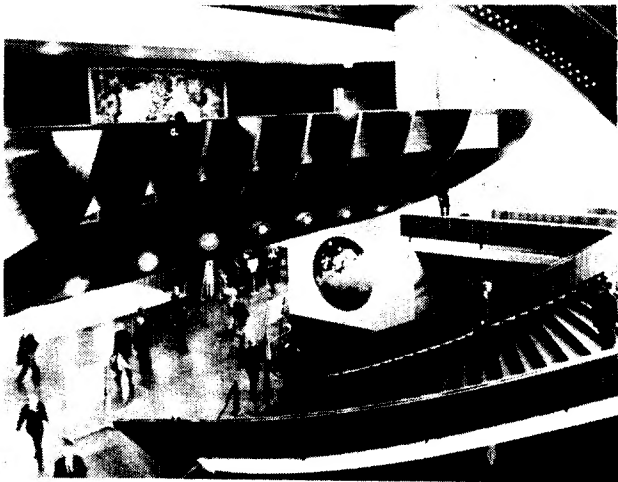


SUPERTAMP
Breakfast in Cascais

Bilhetes à Venda!

AGÊNCIA ABEP (Restauradores)
MUSIC CENTER (Centro Com.Terminal)
VALENTIM DE CARVALHO
DISCOTECAS (Av. D. de Loulé)
SINFONIA (Av. de Roma)
MELODIA (R. do Carmo)
PIANISSIMO (Algés)
AIFA (Cascais)

ponto a ponto



Uma notícia curiosa que a ANOP veicula desde Estrasburgo. Primou pela ausência quase total a representação portuguesa à sessão de Outono da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa que ontem encerrou os seus trabalhos. Com efeito, dos 15 deputados (efectivos e suplentes) que fazem parte da representação parlamentar portuguesa, apenas dois assinaram o livro de ponto. A agência não lhes cita os nomes.



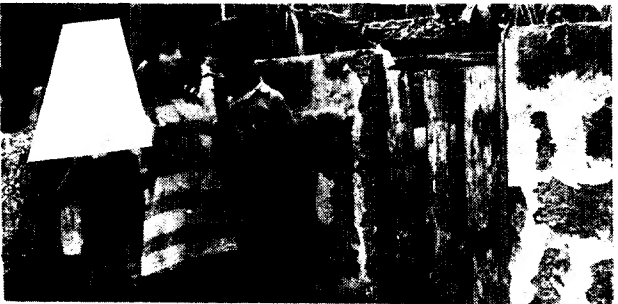
A foto ao lado é uma vista de Roma e serve para ilustrar a notícia de que chegou ontem a Lisboa o novo embaixador da Itália no nosso país, Mario Magliano. Diplomata desde 49, tem «curriculum» em Roma, Zurique e Bruxelas. Ultimamente era ministro conselheiro da delegação italiana junto da OCDE em Paris. Vem ocupar o lugar deixado por Pierluigi Alvera.



Um título para Nandim de Carvalho: este deputado do PSD foi eleito presidente da direcção da Associação Atlântica dos Jovens Dirigentes Políticos, que é uma instituição da NATO e tem sede no Canadá, onde o parlamentar social-democrata se encontra há alguns dias. Nandim de Carvalho foi eleito por unanimidade.



A convite da Embaixada norte-americana em Lisboa, partiu ontem para uma visita aos Estados Unidos o vice-governador do Banco de Portugal, Emilio Rui Vilar. Enquanto nos «States», Rui Vilar terá contactos com diversas instituições e personalidades, quer a nível político quer a nível profissional.



Mota Amaral está, desde ontem e até ao fim do dia de hoje, de visita ao concelho de Ribeira Grande, na ilha de S. Miguel, Açores. Objectivo desta visita: inteirar-se de problemas locais, os mais deles visitantes a assistência, energia, educação, estradas e saneamento básico (problemas fundamentais, como se pode calcular).

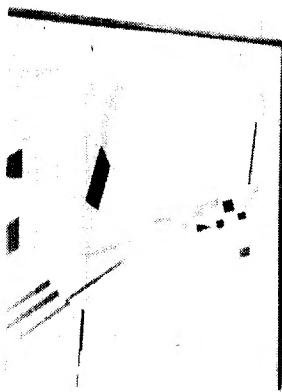
FOLHETIM ARTISTICO

JOSE AUGUSTO FRANCA

Lembrando 51 independentes

Há vinte anos, em Julho, «50 artistas independentes» expunham em Lisboa. A designação não era nova, na vida artística portuguesa, mas era nova a intenção, e tinha propósito polémico.

Em 1923 cinco artistas assim sem designaram: Diogo, Dórdio, Miguéis, os dois Francos, Francisco e Henrique. «Independentes de tudo e de todos», de grupos e de intrigas, ou da «intriga nacional», anunciavam-se eles, no morno ambiente lisboeta já esquecido das aventuras dos anos 10. Viviam todos em Paris e mais ou menos lutavam contra moinhos de vento. Já não assim os homens do «Salão dos Independentes» de 1930, animados também por Diogo e, muito, por



Nadir Afonso



Um desenho de Júlio

Jorge Segurado, e ainda por António Pedro, poeta que lhes escreveu o manifesto. Eram ao todo 51 (também) e eram todos os possíveis. Mas deles falei para o ano, comemorando o seu meio século, com um «dossier» completo que me veio às mãos. Em 1944 houve outros «independentes», em salões sucessivos, até 1950, no Porto e em Lisboa, em Coimbra, em Braga e em Leiria, animados pelo Lanhás e contando com o apoio de mestre Dórdio Gomes da Escola de Belas-Artes do Porto, que com eles expunha, ao lado de Abel Salazar, Augusto Gomes, Cândido, Júlio, Nadir, Pomar, Resende e outros. Nove salões ao todo, como os de 30 tinham feito dois — o segundo já caindo de qualidade e de significado. Nos anos 40 era facto de jovens portugueses desejosos de se demarcarem das confusões dos primeiros anos da década, antes que o neo-realismo e o surrealismo lhes dessem sentido. Nos três casos, de 20, 30 e 40, tratava-se de posições estéticas, sempre abertas e alheias a compromissos, e a reivindicação de 1930 era apaziguadora, procurando uma inserção social que a idade já madura dos «modernistas» justificava.

Mas, no fim dos anos 50, as intenções dos artistas reunidos eram de outra ordem — e a sua exposição, na SNBA, tomou o lugar de outra, marcada, que seria o jamais realizado «Il Salão de Arte Abstracta». Sacrificio deste, que a conjuntura provo-

cara, ao mesmo tempo estética e política.

Nesse mesmo ano de 1959 uma clivagem da vida artística portuguesa tinha-se definido com a recusa de participação dos mais importantes artistas da «terceira geração» nas representações oficiais do S.N.I., então nos Estados Unidos e em S. Paulo e depois em Veneza. Não só da «terceira», mas sobretudo estes contavam ante o apagamento dos mais velhos que tinham ficado pelo caminho, com raras excepções do Almada (que em 57, na Gulbenkian, apresentara as suas primeiras composições abstractas), do Dórdio, do Viana, do Botelho, do Bernardo, e dos escultores que as encomendas oficiais prendiam. Sem eles, não era possível, ao S.N.I., representar Portugal — e era isso que se pretendia, por razões imediatamente políticas. Tratava-se de mostrar, além da força própria, que os artistas nacionais estavam em oposição ao Estado Novo — e definitivamente estavam, depois da crise de 58 marcada pelas eleições de Humberto Delgado, oficialmente ganhas já não sei por quem. Eu próprio recusara ocupar-me das exposições oficiais em busca de padrinho, e comigo estavam, naturalmente, os artistas da minha geração. A partir dessa altura decidira ir viver para Paris — e começaram então os anos de emigração dos meus amigos. Que haviam eles, que havíamos nós de fazer, nesse período triste e sórdido da vida portuguesa? A



«Meu filho» de Dórdio Gomes



«Meu filho» de Dórdio Gomes

exposição de 1959 (depois do sucesso de anteriores salões, dos «Artistas de Hoje», em 56, e do «Moderno» da S.N.B.A., em 58) marcava uma linha de conduta — e para mim seria uma despedida, como foi.

«Independentes de quê?» perguntava com mal reprimido ódio um apaniguado do S.N.I., com resposta pronta, igual à que denunciara, em 47, os expositores da II «Geral de Artes Plásticas» e lá fizera ir a polícia apreender quadros. «Independente quer dizer não dependente — e como independentes se afirmam os artistas portugueses presentes nesta exposição», explicara eu numa prosa anónima do catálogo, certo de que, para os bons entendedores, que todos éramos na altura, minhas palavras bastavam, já que as inteiras trariam desgraça...

Demonstração de força, quiseram os organizadores (o Conceição Silva, o Fernando Azevedo, o João Abel Manta, o Jorge Vieira, o José Júlio, o Pomar e o Vespeira) reunir os nomes mais significativos — e estes foram entre outros: Albertina Mântua, Alice Jorge, António Alfredo, Charrua, Areal, Avelino Cunha, Bartolomeu Cid, Benjamin Marques, Bertina Lopes, Calvet, Dourado, Daciano, Azevedo, Conduto, Lemos, F. Keil do Amaral, Relógio, Gonçalo Duarte, Casquilho, João Abel, Cutileiro, Hogan, Rodrigo, Jorge Martins, Jorge Vieira, Escada, José Júlio, Pomar, Lima de Freitas, L. Jar-

dim, M. Baptista, Menez, Nikias, N. San Payo, Pedro Vieira de Almeida, Querubim, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Rui Filipe e Vespeira.

Dificuldade de sala não houve, por via dum truque imaginado: tratava-se de uma simples alteração do programa da exposição que marcara realmente tempo na S.N.B.A., quanto muito uma cedência entre camaradas. Os «abstractos» (que eu era...) desistiam da sua exposição a favor de um programa unitário mais urgente, que envolvia «figurativos» — então, uns e outros, em luta acesa, de alecrins e mangarons (darei hoje, mas a história era bem diferente então!). Quando a S.N.B.A. se apercebeu da coisa, era tarde — e, no seio da

direcção, o José Júlio, numa famosa noite de reunião (e em comunicação telefónica com minha casa, onde outra reunião de estado-maior adverso se realizava) aguentou os nossos direitos. O presidente da S.N.B.A., discordante e atemorizado com a responsabilidade, ali mesmo se demitiu, vítima inocente da independência dos outros... E a exposição fez-se. E inaugurou-se, como se pretendia, nos mesmos dias e hora em que o S.N.I. inaugurava o seu primeiro e insignificante «Salão dos Novíssimos», nova fórmula de aliciação, a oito anos de distância do fim das «Exposições de Arte Moderna» do António Ferro, vencidas, elas, pelas «Gerais de Artes Plásticas». Mas o Ferro já não estava no departamento da propaganda governamental, e fora substituído por gente sem amor às artes...

Inauguração de desafio, correm boatos de ir haver intervenção da PIDE — e foi no salão deserto que, pelo contrário, uma hora depois, eu vi entrar o prof. Reynaldo dos Santos, presidente da Academia Nacional de Belas-Artes. Vinha do Palácio Foz, visitou-nos compassadamente, comigo ao lado. E disse-me com malícia (e independentemente...), que nós éramos melhores que os outros.

...Tudo isto se conta para que se lembre, num país de fraca memória. E para que se pergunte se haveria hoje, caso fosse preciso, outros tantos independentes «do mundo e da fortuna»...

PODER LOCAL

Crianças da Brandoa cantam a aventura do transporte humano

«Para ir a qualquer lado/ há muitos anos Zé/ via-se grego e ralado/ tinha mesmo de ir a pé» — afirma-se numa edição dos Pioneiros da Brandoa, através de um texto em verso de Manuel Xerepe, com arranjo gráfico de Fernando Silveira.

Texto que continua:
«Por vezes havia pressa/ E ficava arreliado/ percorria a floresta/ chegava muito cansado.»

Depois, referindo-se ao cavalo:
«Foi dos primeiros transportes/ que o Zé utilizou: / um amigo de bom porte/ e a ele se afeiçoou.»

Pormenorizando:
«Veloze no caminhar/ muitos lindos no galope/ quando vão mais devagar/ dizemos que vão a trote...»

Surge, no entanto, o meio líquido. Que fazer...?

«Pelos rios e pelo mar/ era a coisa complicada.../ Contudo vá de pensar/ e nasce então a jangada.»

E depois...?
«Da jangada pró barquito/ dos barcos prás caravelas/ que eram barcos bonitos/ com ramos e muitas velas/ Sonhava e sonharia/ mais depressa queria andar/ sonhava por maravilha/ que o fizesse descansar...»

Observando:
«Estando a água em fervura/ ia largando o vapor/ era energia futura/ nascia assim o motor.»

Surge então, um outro meio de transporte:

«Os comboios vão à apitar/ muita gente viajando/ barcos grandes pelo mar/ carvão ou lenha queimando.»

Isso, no entanto, não era suficiente. Assim...

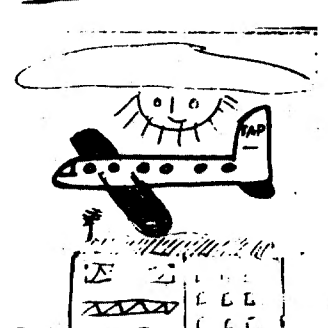
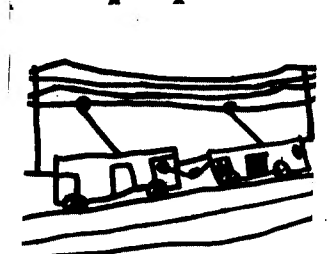
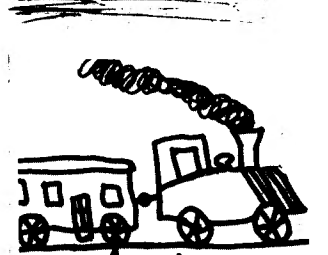
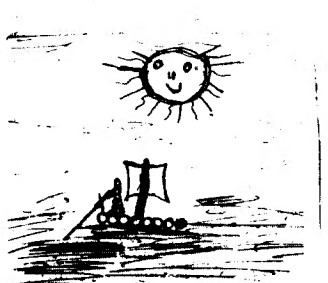
«Trabalhando com ardor/ na fábrica ou oficina/ nasceu então o motor/ consumindo gasolina...»

Mas era preciso mais. Isto... «Outra coisa aparecia/ uma grande novidade/ outra fonte de energia/ era a electricidade!»

A insatisfação continuava. Até que...

«Mais depressa pra mais longe/ mais veloz que um trovão/ temos nos dias de hoje/ o gigantesco avião...»

E depois...?
«Ao homem ninguém detém/



porque parar é morrer: / sempre pra além do além/ há-de chegar, conhecer!»

Chega-se, finalmente, a uma conclusão: «Sem nunca mostrar

cansaço/ o homem quer muito mais/ quer viajar p'lo espaço...»

Os desenhos que lustram esta aventura são de uma menina e de três meninos: Isabel Conceição, Filipe Leonardo, Luís Carlos e Mário Figueiredo.

«AULAS QUANDO?» — PERGUNTAM PAIS E MORADORES

Apesar das promessas feitas pela Câmara Municipal de Oeiras e pelo MEIC, e após intensos e prolongados esforços desenvolvidos pela comissão de moradores e comissão de pais, tanto junto daquela edilidade como da Junta de Freguesia da Amadora, a realidade é que,

neste momento, ignora-se ainda na Brandoa para quando está marcado o início das aulas...

Quais foram, no entanto, as promessas do MEIC...?

Construção (por exemplo) de uma escola a funcionar para o circo na Brandoa, até Outubro — e, também, funcionamento de uma escola no Bairro de S. João.

«Ora (afirma a comissão de pais), chegados a Outubro, encontramos-nos quase na mesma situação — sem escola e sem garantia do começo das aulas...»

Em extenso abaixo-assinado, quer a comissão de moradores, quer a comissão de pais, exigem do Governo solução para o problema.

Castelo Branco carecido de um hotel de turismo

A falta de publicação de uma portaria que estabeleça bonificação de juros para empreendimentos turísticos é o principal obstáculo à construção de um hotel em Castelo Branco, segundo opinião de Armindo Ramos, presidente da Câmara Municipal.

Com a demolição há vários anos do antigo hotel, esta cidade ficou «privada de corresponder às suas necessidades turísticas».

O terreno do antigo hotel foi vendido a uma empresa hoteleira de Lisboa que ainda não efectuou as obras de construção.

Mais de 3 mil turistas, a maioria dos quais de nacionalidades portuguesa, francesa, espanhola e inglesa, utilizaram o Posto de Informações de Turismo de Castelo Branco no período de Janeiro a Agosto.

Museu (na Covilhã) Eduardo Malta

A Associação «Cava Juliana» acaba de anunciar a abertura do seu museu, e que deu o nome do pintor Eduardo Malta, que era

natural da Covilhã. A inauguração está marcada para o dia 20, data do 109.º aniversário da cidade.

Rede de água em Reguengo

Foi recentemente inaugurada, na freguesia rural do Reguengo, concelho de Portalegre, a rede de abastecimento de água.

Este melhoramento, pelo qual há muito os habitantes ansiavam, orçou os 800 mil escudos.

Seia: 20 mil contos em água, esgotos e viação

Obras novas no montante de cerca de 20 mil contos vão ser adjudicadas pelo Município de Seia.

A parcela maior destina-se à construção de redes de esgotos.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 3.ª Secção da Secretaria Judicial do Tribunal do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de 20 dias contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada AUTO CHOQUE, LD.ª, com sede na Rua Freitas Gazu, n.º 19-A, para no prazo de 10 dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução de Sentença n.º 7577-A/78 movida por Utic-União de Transportes Para Importação e Comércio, LD.ª, com sede na Avenida da Liberdade, 136.ª, em Lisboa, desde que gozem arantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 8/10/79

O Juiz de Direito António dos Reis Fernandes

O Escrivão de Direito Henrique Leote

que absorverão 10.845 contos.

Os encargos com novas redes de abastecimento de água elevam-se a 7.105 contos.

As povoações contempladas são Folhadosa, Sazes da Beira, Aldeia de S. Miguel, Santa Comba e Carragosa.

Estão ainda incluídos 1985 contos destinados à construção da estrada municipal entre Cabeça e Portela do Arão.

Siemens-Évora festeja AIC

A Siemens-Évora leva amanhã a efeito uma festa destinada, no âmbito do AIC, aos filhos dos trabalhadores daquela empresa.

Programa:
De manhã, jogos de todos os feitios e movimentos: a lebre e o caçador, a caça ao piriquito, etc.; de tarde, no Teatro Garcia de Resende, espectáculo infantil, com canções de José Barata Moura interpretadas por Armando.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Três jornalistas portugueses candidatos ao prémio de agência

“Bernard J. Cabannès

Três jornalistas portugueses vão candidatar-se ao Prémio Internacional de Jornalismo Bernard J. Cabannès, destinado ao melhor telegrama de agência.

Os candidatos portugueses são Maria Helena Mensurado, Roby Amorim e Jorge Heitor, todos redactores da Agência ANOP.

Os restantes sete candidatos pertencem às agências noticiosas de França, Suíça, Japão e Tunísia. O nome do premiado deverá ser anunciado no próximo dia 24 de Outubro.

O Prémio — uma caneta de

ouro — será atribuído por um júri, presidido pelo antigo director-geral da Agência France Presse Jean Marin e que inclui directores e chefes de Redacção de jornais como «Le Monde», «Times», «Le Point», «Midi Libre» e «ABC News».

Bernard J. Cabannès foi chefe da Redacção da Agência France Presse e morreu em 1975, vítima de um atentado. Em sua memória foi criado em 1977 o prémio com o seu nome, destinado exclusivamente aos jornalistas de agência, tradicionalmente anónimos.

Titular do MCS propõe-se melhorar situação dos jornais desintervencionados

O ministro da Comunicação Social, major João Figueiredo, prometeu para breve a legalização da situação dos jornais desintervencionados pelo seu antecessor.

A informação procede da Associação de Imprensa Diária, que ontem se reuniu com o titular da pasta da Comunicação Social.

Segundo a AID, o ministro mostrou «a maior receptividade» aos problemas postos pela Di-

recção desta Associação, afirmando «o seu propósito de promover, junto das entidades competentes, a solução dos passivos em termos convenientes».

Ainda segundo a mesma fonte, João Figueiredo irá propor «a inserção no Orçamento Geral do Estado para 1980 de uma verba para o subsídio ao papel, tendo em conta as subidas dos respectivos preços no corrente ano».

“Diário de Notícias” do Funchal completa 103 anos de existência

O matutino funchalense «Diário de Notícias» está a celebrar o seu centésimo terceiro aniversário.

Fundado em 11 de Outubro de 1876, o «Diário de Notícias» do Funchal constitui o maior órgão de informação escrita da Região Autónoma da Madeira, com uma

tiragem de cerca de dez mil exemplares.

Reivindicando uma linha de orientação «independente» face ao Poder, este órgão de Comunicação Social tem ao seu serviço uma equipa de oito redactores e vinte colaboradores.

Jornal do MIR sob vigilância do Serviço Secreto Chileno

O «Serviço Secreto Chileno» está a investigar os nomes dos jornalistas que constam de uma lista apreendida num local clandestino e que recebiam regularmente o jornal «El Rebelde», do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR).

Entretanto, a Federação Latino-Americana de Jornalistas (FELAP) enviou um telegrama ao Supremo Tribunal de Justiça exigindo que os jornalistas chile-

nos Ulisses Gomez Navarro e Claudio Zamorano Nunez, presos e acusados de redigir «El Rebelde», gozem dos direitos garantidos pela Carta das Nações Unidas e outros acordos internacionais, relacionados com a profissão jornalística.

«El Rebelde» foi legalizado após o golpe militar de 1973, que proibiu outras 200 publicações em todo o país.

Jornalismo científico em congresso no México

O III Congresso de Jornalismo Científico Ibero-Americano foi inaugurado na Cidade do México pelo reitor da Universidade Nacional Autónoma do México, professor Guillermo Soberon.

No Congresso participam representantes de treze países da América Latina, a Espanha e ainda delegações do Canadá e

da União Europeia do Jornalismo Científico.

Nas primeiras sessões de trabalho foi posta em evidência a importância que a divulgação científica e técnica tem para grupos sociais hoje marginalizados por causa do atraso cultural nos países em vias de desenvolvimento.

Ref. Com.

EUROCOM PROMOVE O BRASIL E VASCO CALLIXTO

No Solar do Vinho do Porto, em Lisboa, durante uma recepção promovida pela Agência de Viagens Eurocom, a que compareceram numerosos convidados, o publicista Vasco Callixto, director da revista «Rodoviária» e autor de uma já longa série de livros de viagens pelo mundo, apresentou ontem a sua mais recente obra, intitulada «Por estradas do Brasil».

Com 200 páginas e cerca de 30 fotografias em extratextos, este novo livro de Vasco Callixto relata a viagem de automóvel que o autor efectuou no Brasil, através de 9 Estados e do Distrito Federal, num percurso de 9500 km, que o levou do Rio de Janeiro à Baía, a Goiás, ao Paraná e ao Rio Grande do Sul,

revelando-lhe não só os maiores expoentes do progresso e desenvolvimento do Brasil, como algumas das mais flagrantes imagens do imenso e setanejo Brasil, do interior, além de locais de grande significado histórico, como Porto Seguro, Ilhéus e S. Vicente, e os grandes pólos de atracção turística que são as Cataratas do Iguaçu e as ilhas de Itaparica e de Santa Catarina. O fraterno acolhimento dispensado por brasileiros e portugueses, ao longo de toda a jornada,

é muito justamente posto em evidência nesta obra, que se apresenta de grande interesse para quantos, de longe ou de perto, desejem conhecer o Brasil de hoje, menos conhecido.

CORRESPONDÊNCIA REVELADORA

O ex-presidente do Fundo de Fomento da Habitação explica ao ministro porque se demite das suas funções

Não querer cooperar em actuações que, no seu entender, conduzem à desvalorização de um organismo que não pode ser desvalorizado sem prejuízo do interesse público — esta uma das razões da carta enviada pelo eng. Manuel Agostinho Duarte Gaspar, ex-presidente do Fundo de Fomento da Habitação, ao ministro da Habitação e Obras Públicas, pedindo-lhe a demissão do cargo que vinha exercendo de há três anos a esta parte.

Porque o «caso» do Fundo de Fomento da Habitação continua a dar que falar, porque a importância do único organismo estatal voltado para a promoção de habitação social é por de mais evidente na resolução dos problemas habitacionais com que o país se debate, porque na sua carta ao ministro da Habitação e Obras Públicas o eng. Manuel Agostinho Duarte Gaspar aborda com clareza aspectos relacionados com o FFH até agora na «sombra», o «DL» passa a publicar na íntegra (os subtítulos são da nossa responsabilidade) a carta do ex-presidente do Fundo de Fomento da Habitação.

2 de Outubro de 1979

SENHOR MINISTRO

1 — Nesta mesma data e conforme ontem já anunciei na reunião que tivemos, envio a Vossa Excelência pelas vias competentes um requerimento solicitando a minha aposentação, no uso de um direito que a lei me confere, uma vez que se verificam os requisitos que o tornam efectivo.

Não é, todavia, o gozo desse direito que motiva a minha atitude; ela fundamenta-se num direito, sim, mas de outra ordem e que, de resto, mais tenho como um dever: o de não atrair princípios que sempre me nortearam e que estão na base da minha opção pela função pública.

UM ORGANISMO SEM ESTRUTURA ADEQUADA

Na verdade, senhor Ministro, a função pública não constitui, para mim, mais uma entre outras modalidades de emprego nem o meu ingresso e permanência nela têm motivos fortuitos.

Escolhi-a deliberadamente, há mais de 38 anos, como forma elevada de exercer a profissão sem sujeições a interesses materiais de terceiros, ao serviço apenas do interesse colectivo; nela permaneci ininterruptamente até agora, animado sempre dos mesmos princípios, de constante disponibilidade para o serviço público — a que nunca pedi benefícios e de que nunca recusei os encargos — condicionada apenas pela exigência de um mínimo de condições de dignidade para o respectivo exercício.

2 — Foi esse espírito de disponibilidade que, há 3 anos, me levou a aceitar o convite do então ministro da Habitação, Urbanismo e Construção para dirigir o Fundo de Fomento da Habitação, sabendo, embora, que a missão não era fácil nem de êxito garantido.

Tratava-se, com efeito, e em

curto prazo, de dar resposta ao extraordinário aumento do volume e da complexidade das atribuições de um organismo sem estrutura adequada, que se ressentia ainda das sequelas de uma fase agitada da sua vida, com pessoal na sua maioria desvinculado da função pública.

Mais adiante me referirei à reestruturação do organismo; mas a obra que, mesmo sem ela, se conseguiu realizar entretanto, está à vista por todo o País e maior seria ainda se limitações de ordem financeira não tivessem obrigado a paralisar quase por completo, de há um ano a esta parte, a promoção habitacional pública.

«ESFORÇO BRUTAL»

Esta obra — que um ministro da Habitação já classificou em público de «esforço brutal» e que só poderá ser negada negando a evidência dos factos — essa obra não foi nem poderia ter sido de uma só pessoa. Ela deve-se, sim, a todos os que trabalham no Fundo e também, é de justiça dizê-lo, a acções iniciadas por direcções anteriores.

Não a refiro, pois, para realçar méritos próprios, mas para sublinhar que um organismo que consegue em 4 anos, sem estruturas apropriadas e mercê, apenas, da mobilização de entusiasmos, boas vontades e competências, aumentar de 25 vezes a sua posição, estendendo-as a âmbitos em que não possuía, nem ninguém, experiência alguma, merece consideração, e, acima de tudo, que um tal organismo, enquanto se lhe não encontrarem alternativas válidas, não pode ser desactivado e menos ainda destruído, sem projecto notório para a execução de uma política nacional de habitação que efectivamente se pretenda dirigida para objectivos sociais.

E, no entanto, e no meu entender, é para essa situação que presentemente se caminha a passos largos, por força de vários factos que se estão verificando, conforme recentemente

foi exposto verbalmente a Vossa Excelência por todo o pessoal dirigente do Fundo, num alerta que me julgo na obrigação de agora repetir.

3 — É, por exemplo, o que está a suceder com a reestruturação do Fundo, condição essencial de maior eficiência do organismo, em especial dos seus serviços regionais, e da regulamentação das situações dos seus funcionários e agentes, a que assiste o direito irrecusável à estabilidade de emprego e de perspectivas de progressão na carreira em harmonia com as funções que efectivamente desempenham.

Desde 1974 que o processo de reestruturação do Fundo se vem a arrastar, embora tenha figurado desde então essa medida de política de primeira urgência nos programas de quase todos os Governos.

TODOS OS MINISTROS PROMETERAM...

Todos os Ministros da pasta têm prometido a sua publicação a breve prazo e todos, na verdade, nela se têm empenhado.

É a expectativa do cumprimento dessas promessas que tem proporcionado ao organismo a colaboração interessada dos seus trabalhadores.

Mas é fácil compreender a decepção destes último e dos que os dirigem quando, mesmo finalmente aprovados, em Junho último, pelo Governo de então, a nova orgânica e o novo quadro de pessoal do Fundo, são surpreendidos pelas declarações do senhor secretário de Estado da Habitação, posteriormente reafirmadas por Vossa Excelência, de que o actual Governo não enviaria a lei para promulgação sem previamente a analisar à luz da lei das finanças locais — já conhecida quando da aprovação do diploma —, da lei da delimitação de competências — por enquanto inexistente — e de uma eventual reestruturação do Ministério — tanto quanto se sabe ainda não empreendida.

Vai, assim, reiniciar-se o ciclo da apreciação do diploma, cujo percurso o Fundo sabe, por experiência própria, ser largo e moroso, por muito boa vontade que haja em apressá-lo, mormente quando se pretende fazê-lo a partir de dados ainda não disponíveis.

«CONDIÇÕES DE EMPREGO ESTÁVEIS E DIGNAS»

Esta forma, o panorama que se oferece é o do protelamento por meses, se não por anos, da

publicação da nova lei orgânica do Fundo, e da regularização da situação do seu pessoal, cuja expectativa de há anos se vê gorada quando estava por dias a sua concretização; que, desejando condições de emprego estáveis, sim, mas também dignas, não pode ter por garantia suficiente para tal a perspectiva de ingresso no Quadro Geral de Adidos que há pouco lhes foi apontada; e a quem é difícil compreender que, tendo sido publicadas recentemente novas leis orgânicas de quase todos os organismos do Ministério, haja receio de publicar a do Fundo, por eventual colisão com uma também eventual reestruturação do mesmo Ministério — eventual no sentido, pelo menos, de nem sequer a formulação das suas bases ter probabilidade de verificar-se no período de vigência do actual governo.

As reacções que são de antever a esta frustração de expectativas legítimas, quer sejam actuais quer passivas, só podem redundar em prejuízo da produtividade do organismo.

4 — Mas há mais, e em simultaneidade: em Maio do ano passado, o Fundo recebeu a incumbência de prosseguir o Ex-Programa CAR, até aí conduzido, por uma comissão criada «ad-hoc» na dependência directa do ministro, a uma situação de completo descalabro técnico e administrativo, fácil, aliás, de prever, dadas as condições em que foi lançado.

A passagem para o Fundo da condução do programa teve a oposição de algumas das empresas nele envolvidas, que a manifestaram expressamente em documento apresentado ao ministro da Habitação e Obras Públicas por um Secretariado que as representava.

Nesse documento é exigido, além de muito mais, o lançamento «de novos programas de construções pré-fabricadas que assegurem um mínimo de ocupação dos meios de produção existentes» e «a continuação da coordenação e controlo do Programa pela equipa actual» (a da CAR) «até ao início da execução da pretensão expressa na alínea h)» (isto é, do lançamento de novos programas).

O Secretariado, para fundamentar esta última exigência, acusa o Fundo de incapacidade, de ser manipulado por razões políticas, de «complexos» e más predisposições quanto ao programa, de «atrazar quanto pode os pagamentos», etc.

O facto, porém, é que, apesar de só mais de um ano depois de receber o programa o Fundo ter podido dispor de todos os processos a ele referentes — processos, aliás, na maioria incompletos e insuficientes para um devido clarificar de situações — o Fundo conseguiu já, no saneamento desse programa resultados que o anterior secretário de Estado da Habitação considerou notáveis.

Não pensa, todavia, assim o actual sr. secretário de Estado que, em despacho recentemente proferido, constituiu um grupo de trabalho cujo mandato retira ao Fundo as acções que, em relação ao programa, ainda poderiam ter algo de motivador. Isto, note-se, à revelia do Fundo e do seu presidente, com quem julgou desnecessário discutir o assunto, limitando-se a dar-lhe conhecimento do despacho antes de o enviar para publicação.

E o pior é que o senhor secretário de Estado, ao pretender, nesse momento, justificar a sua decisão, invocou para o efeito «a incapacidade demonstrada pelo Fundo na condução do programa» em relação ao qual, e na opinião do senhor secretário de Estado, o Fundo tem preconceitos vários — opinião essa, por sinal, coincidente com a constante da exposição do secretariado de empresas que mais atrás já referi.

E o pior ainda é que o grupo integra, além de dois elementos do Fundo (um dos quais nem foi ouvido) mais um que é funcionário de uma das empresas ligadas ao programa e ainda um outro, actualmente funcionário do Secretariado já referido e, antes disso, elemento destacado da CAR.

Quere dizer: do mesmo passo que me que indigna o Fundo e os seus funcionários, já pelo despacho em si próprio, já pelos comentários com que o deu a conhecer ao seu presidente, o senhor secretário de Estado reabilita os responsáveis pelo total insucesso a que foi conduzido o programa.

Dificilmente se encontrava, se fosse procurado, processo mais eficaz de agravar um organismo e de desmotivar os seus funcionários.

A «DESCONFIANÇA» DO SECRETÁRIO DE ESTADO

5 — Tudo isto, de resto, se inscreve numa linha de procedimento do senhor secretário de Estado revelador de total desconfiança em relação ao Fundo e ao seu presidente, descon-

fiança, neste último caso, que até poderia compreender, dadas as diferenças de formação, mas de que lamento os meios por que tem sido manifestada.

E, a este propósito, não posso deixar de registar a afirmação de Vossa Excelência, na audiência que há dias concedeu aos dirigentes do Fundo, de que o senhor secretário de Estado, ao constituir o grupo de trabalho em questão, o fez no uso do direito que lhe assiste de se apoiar em pessoas da sua confiança para o lançamento de acções que vise empreender.

AS RAZÕES DA DEMISSÃO

Porque também penso que é assim, só posso agir em conformidade.

6 — Em suma e conclusão:

Atendendo a que:

— como funcionário disciplinado que sou e sempre fui não posso recusar o cumprimento de orientações superiores;

— mas, pelo que devo à minha consciência, também não devo cooperar em actuações que, no meu entender, conduzem à desvalorização de um organismo que fui chamado a dirigir, quando — sempre em meu entender — ele não pode ser desvalorizado sem prejuízo para o interesse público;

— por outro lado, e pelo que devo à minha dignidade e à do cargo que desempenho, só o poderei desempenhar com a confiança do membro do Governo com quem despacho;

— em qualquer caso, a total divergência de conceitos que verifico existir entre o senhor secretário de Estado da Habitação e eu próprio, impedindo relações fluidas de trabalho entre ambos, só poderia ter reflexos nocivos no funcionamento do Fundo se eu continuasse na sua presidência, julgo-me no dever de deixar de exercer essa presidência.

E, não me parecendo justificar-se que, já na ponta final da minha carreira, vá iniciar novas funções, retiro-me da actividade na função pública.

Estas as razões do meu requerimento, com o qual espero aplanar os caminhos do senhor secretário de Estado na procura de quem melhor se acomode aos seus desígnios.

7 — Resta-me dizer, senhor ministro, que o muito apreço em que tenho os que comigo colaboraram no Fundo e o que lhes devo pela lealdade e dedicação, sobejamente demonstradas; me obrigam a justificar perante eles

Continua na pág. 22

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO GUIMARÃES

I ENCONTRO DE NUMISMATAS

Leva-se ao conhecimento de todas as pessoas interessadas que integrada no I ENCONTRO DE NUMISMATAS a realizar nos dias 27 e 28 do mês corrente, na sede desta Instituição Cultural, na Rua de Paio Galvão, em Guimarães, se realizará uma FERIA livre de Moedas, que estará aberta ao público no dia 28 do mês referido, das 10 às 24 horas.

Guimarães, 8 de Outubro de 1979

A DIRECÇÃO

Sociedade Filarmónica Incrível Almadense 131.º ANIVERSARIO

Sábado dia 13, às 21,30 espectáculo

com Carlos Mendes, Edmundo Silva,

Joaquim Pessoa, "Os Galés",

José Manuel Osório

e Teresa Paula Brito.

ANÚNCIO SOLIDARIEDADE COM O POVO COREANO

O Comité Português para a Reunificação Pacífica e Democrática da Coreia, realiza uma sessão pública no dia 15, segunda-feira, às 21 horas e trinta minutos, na Academia de Santo Amaro, na Rua de Santo Amaro, n.º 9 — sessão de solidariedade com a luta do povo coreano pela reunificação do seu País.

Durante a sessão intervirão um representante da República Popular Democrática da Coreia e dirigentes do Comité Português, será exibido um filme sobre a realidade coreana.

O COMITÉ PORTUGUÊS

DE ONTEM PARA HOJE

Desmantelada rede de droga e presa toda a "equipa"

Dezasseis implicados no tráfico da droga, oito dos quais constituíam uma rede, foram detidos pela Polícia Judiciária de Lisboa.

A droga (haxixe) era proveniente de Marrocos e — segundo uma nota ontem distribuída pela PJ — era depois contrabandeada pelo Sul de Espanha por um emigrante. Esta vendia-a utilizando a rede, agora desmantelada, composta por indivíduos muito jovens — entre os 18 e os 25 anos — que actuam como «retalhistas».

A rede começou a ser detectada em operações de vigilância efectuadas por aquela Polícia nas áreas de Sintra, Queluz e Cacém, e na tarde do passado dia 1 foram detidos oito dos seus membros no decorrer de uma rusga.

Na sequência a Secção Central de Investigação de Tráfico de Estupefacientes da PJ apreendeu cerca de um quilograma de haxixe, uma viatura e uma motorizada utilizadas nas operações de tráfico, e ainda várias armas brancas e objectos diversos adquiridos com os lucros resultantes da venda dos estupefacientes: uma aparelhagem estereofónica completa, duas máquinas de projectar, várias máquinas fotográficas, binóculos, etc.

Foram igualmente apreendidos vários cachimbos e seringas hipodérmicas e uma balança de precisão destinada, obviamente, a pesar a droga vendida. Os traficantes — por enquanto apenas presumíveis — tinham também em seu poder munições de calibre de 9 mm e um carregador de espingarda-metralhadora G3.

O valor destes objectos está avaliado em várias centenas de contos, tendo também sido apreendidos à «rede» cinquenta mil escudos em dinheiro.

A «rede», da qual todos os elementos eram portugueses, operava a partir das regiões de Alcanena, Nazaré e Torres Novas, e desenvolvia a sua actividade nas áreas da Grande Lisboa, Caldas da Rainha e Marinha Grande.

Os oito presumíveis traficantes foram presentes aos juizes de instrução criminal, encontrando-se presos, sem admissão de caução.

Tal pai, tal filho

Pai e filho foram presos ontem pela Polícia Judiciária do Funchal, no sítio do Martinal, junto à Portela, entre Machico e Santo da Serra, na ilha da Madeira.

Motivo: numa área de cerca de 200 metros quadrados tinham uma plantação de liamba — que tratavam carinhosamente — e já atingia os dois metros de altura. A droga estava misturada com outras plantas tradicionais.

Pai e filho foram já apresentados ao juiz de Instrução Criminal. A droga foi avaliada em cerca de mil contos.

Assalto em tribunal

A PJ enviou ao Tribunal da Comarca de Valença o processo em que é arguido José Manuel Quintas, caixa da agência bancária local da União dos Bancos Portugueses.

Quintas está implicado no assalto àquela agência praticado por dois jovens espanhóis no passado dia 14 de Junho.

De recordar que passados minutos sobre o assalto o Quintas passou a fronteira. Na altura foi preso Inácio Alvarez Giraldes, de Vigo, que se fazia «acompanhar» de um saco com mais de três mil contos. No dia seguinte, no entanto, evadiu-se da cela existente no posto fronteiriço. Só depois a PJ teve conhecimento que o assalto havia

sido praticado em colaboração com o «caixa», que até chegou a telefonar aos assaltantes, seus conhecidos de um bar em Vigo, indicando-lhes a data e a hora «mais convenientes» para o «trabalho».

José Manuel Quintas aguarda julgamento na cadeia de Custóias.

Falta de água

Várias creches da Guarda e das proximidades estiveram ontem fechadas. Motivo: a falta de água, provocada por uma avaria na estação elevatória do rio Mondego, principal ponto de abastecimento da cidade.

De acordo com um responsável pelos SM da Guarda, o «incidente» ficou a dever-se à acumulação de detritos no local.

Fátima

Principia hoje a «grande peregrinação» a Fátima, este ano dedicada às mães. A iniciativa pertence às aldeias SOS dos vários países onde estão implantadas. Preside à peregrinação o bispo de Uíge, Angola, D. Francisco da Mata Mourisca.

Homenagem

A tripulação do «Libertad» — o navio-escola argentino que está de visita a Lisboa — prestou ontem homenagem aos navegadores portugueses. A cerimónia decorreu naturalmente junto do Monumento aos Descobrimentos.

TELEFONAR, UM PESADELO COLECTIVO

Vêm aí os "cabineiros"

«Mais vale ir do que telefonar», é uma máxima que sendo quase tão velha como a implantação do invento de Bell em Portugal, teima em manter-se actualizada, sobretudo na área da chamada Grande Lisboa, onde factores vários fazem com que o cidadão apressado, e não só, tenha de saltitar de cabina para cabina, perdendo as moedas e a paciência, até que do outro lado do fio surja a voz desejada. «Está, está lá, quem fala?», três moedas de escudo e de lá não está ninguém, ninguém responde; mãos aos bolsos, um remexer frenético, mais três moedas, «está, está lá?». De lá está mesmo alguém, só que não ouve; o cidadão perde a paciência, não tem mais moedas, disca as reclamações «188, 189, 180», nada. E lá se foi a notícia que a Redacção esperava, a edição está fechada, ou o encontro com a «amiguinha» de olhos verdes, ou azuis, ou amarelos, é o negócio que falha, é o doente que vai piorar porque já não há mais moedas e o médico (do outro lado do fio), do inacessível lado de lá, não pode escutar o apelo. Só que, atenção, muita atenção, toda esta «ladainha» nada tem de publicitária, não está em causa o «sepote» dos TLP (que por sinal até tem a sua força — aquela do tipo que corta o fio de ligação entre o auscultador e a «caixa» e que depois morre atropelado — não é conversa fiada. E, já foi, muitas vezes, continua a ser o espelho de uma realidade duramente vivida no quotidiano.

Então começemos por aqui: debitemos a tese dos vândalos, os tais «mauções» que por lá vai aquela palha, sacam da navalha e «trás», fio para um lado, auscultador para o outro, e em fundo a gargalhada «à Júlio de Matos» de vingança, contra a sociedade em geral (quase nunca), mas quase sempre contra o vizinho da esquina, contra o rival amoroso, contra o polícia (ou guarda-nocturno de giro), contra o concorrente do supermercado, do barbeiro, do «drugstore» da zona.

Destes dos tais «vândalos» que nesta história dos telefones urbanos (leia-se cabines públicas) avariadas aparecem sempre como bodes expiatórios, diz-nos a PSP (através do comissário-principal Costa) que são detectados, e detidos, anualmente, cerca de trinta. Destino: Tribunal de Polícia, onde poderão ser sujeitos a penas não muito duras, na base jurídica do «dano público», com a agravante de, no caso decorrente, afectar o interesse geral.

Mas o que são trinta infractores perante as avarias (cerca de mil computadas mensalmente), que afectam os 2385 postos públicos neste momento instalados, só na área de Lisboa, com a seguinte distribuição: via pública (instalados em quiosques e nichos), 1096; locais públicos (no interior de gares, estações, etc.), 184; locais diversos (em cafés, restaurantes, centros comerciais), 1058; locutórios (Rossio e Rua do Crucifixo), 47?

O público acusa os CTT/TLP de múltiplas insuficiências, porque as moedas perdidas se multiplicam e as reclamações raramente as devolvem. «Dinheiro que entra no buraco é quase sempre dinheiro perdido. Aconteceu-me hoje, como ontem, como há anos e anos, quase desde que me conheço. E aconteceu-me mesmo agora, aqui em Sete Rios. Meti três moedas de dez tostões. Responderam-me de lá. Ali para o Campo Grande. Meti as três moedas. Nada. Foram-se. E agora é reclamar. Mas para onde, se as meninas do lado de lá, das reclamações, só aparecem por mi-

lagre?, lamenta-se à nossa reportagem, José Dia, (um homem que trabalha no sector laneiro, como vendedor, 56 anos de idade, nascido e criado ali para os lados do Intendente. Mas o clamor não é só dele, é geral. Toda a gente se queixa, e o facto não resulta de uma «epidemia» colectiva, mas sim de uma constatação geral, fruto da experiência, do «laboratório» do dia-a-dia.

Moedas à «vela» só aqui

Para «desactivar» esta praga de avarias, os TLP/CTT têm um contraveneno, «multiplicamente dimensionado, no topo do qual se encontra a chamada campanha do «Trim-trim», com os seus «pagens» mais terra-aterra, bem fora da campanha exclusivamente psicológica e publicitária: a substituição das cabines de fabrico espanhol por cabines de manufactura nacional de que já se vêem numerosos exemplares por essa Lisboa. Daí, segundo a empresa, retiraram-se alguns resultados palpáveis. (Note-se que o cabo de ligação da caixa ao micro destas últimas já se encontra revestido de um suporte metálico, qual «escudo» visível contra os doentes da faca).

Só que a boa vontade, se não for expressa em mais resultados concretos, provoca a justificada desconfiança de que as palavras do funcionário dos «Wagon-Lits», Alcino Cardoso, são reflexo: «Viajo muito. Hoje estou aqui, amanhã estou em Paris ou no País Basco. E acredite: moedas à vela só aqui. Ainda agora queria telefonar para Santa Apolónia e nada, depois de já ter visto «comidas» seis moedas de escudo».

«Não telefone, vá, senhor Alcino!», pensamos, mas (claro) não o dissémos. Sobre tudo não o fizémos porque somos crentes e pacientes até ao limite do possível. E sobre a nossa mesa de trabalho, há minutos abandonada, tínhamos deixado um «memorandum» que nos fora enviado (a nosso pedido) pelos Serviços de Informação e Co-



O Itinerário inglório do senhor Alcino: já vão três cabinas, e muitas moedas, e a ligação com Santa Apolónia a tornar-se cada vez mais uma miragem

municação dos TLP/CTT, em que se lê entre outras coisas: «Até agora não existia pessoal que se dedicasse própria e exclusivamente à vigilância e fiscalização das cabinas, pelo que a detecção de danos ou avarias em cabinas, era feita pelos mecânicos que, detectando uma avaria, a reparavam. Um ou outro elemento do público poderia denunciar uma avaria, «se bem que esta regra não se verificasse infelizmente com a frequência desejável». Mas a partir de Outubro (o mês em curso), os

circuitos de inspecção serão «melhorados com a atribuição a pessoal especializado-cabineiros, da função de detectar e informar avarias em telefones públicos e acelerar assim a sua reparação».

Esperemos portanto pelos «cabineiros». E que haja, de futuro, telefones a cem por cento, para se poder telefonar, e não ir e vir... sem telefone (e a pé, que até é mais depressa).

MANUEL GERALDO (texto)
RUI PACHECO (fotos)

Caso da Corame foi esta manhã a S. Bento

Um pequeno grupo de trabalhadores afectos ao patrão da Corame, empresa recentemente desintervencionada pelo Governo de Mota Pinto e devolvida, deslocou-se esta manhã à residência oficial da Primeira-Ministro, em S. Bento, para ali ser recebido.

Entre os elementos que acompanhavam esta delegação, segundo nos informaram no local, contavam-se dois responsáveis do SIMA, um sindicato paralelo que representa no sector metalúrgico as linhas defendidas pela UGT e, pelos vistos, não só.

Por outro lado, junto da residência oficial da Primeira-Ministro compareceram, também, elementos que representam a maioria dos trabalhadores da Corame no sentido de procurarem obter uma audiência, que, aliás, já tinham pedido na quinta-feira da semana passada.

Segundo um elemento da Comissão de Trabalhadores daquela empresa, o facto de os elementos representantes de uma minoria serem recebidos em S. Bento em nada poderá contribuir para a resolução dos problemas que se põem na Co-

rame. De facto, aquela empresa encontra-se totalmente paralisada desde o dia 1 de Agosto e essa situação terá, inevitavelmente reflexos na produção, que se destina à refinaria da Petrogal, no Porto, ao complexo de Sines e à Covina. Os atrasos assim originados poderão causar inestimáveis prejuízos.

Ao pretender ser recebida pelo chefe do Governo, a Comissão de Trabalhadores, em representação da maioria dos trabalhadores da empresa, visa sensibilizar o Governo para a necessidade de resolver o conflito, sem recurso à intervenção da GNR, como aliás parece pretender a parte oposta.

A maioria dos trabalhadores da Corame tem-se pronunciado por uma solução do problema que, ao impor a desintervenção, não passe pela devolução ao antigo proprietário, de seu nome Carlos Nogueira, ausente em parte incerta e procurado pela Interpol por ser acusado de tráfico ilegal de divisas. Além disso o mesmo elemento deverá ser julgado por deserção uma vez que era 1.º tenente da Marinha.

Ministério das Finanças desmente carta de Sousa Franco para Eanes

O Ministério das Finanças desmentiu formalmente que o ministro Sousa Franco tenha enviado uma carta ao Presidente da República, queixando-se de ter sido marginalizado nas con-

versações luso-francesas. A notícia fora hoje publicada no jornal de direita «O Dia», que acrescentava alguns pormenores da carta que Sousa Franco nunca chegou a escrever.

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE



GRAVURAS

PARA UM TOQUE DE REQUINTE NA
DECORAÇÃO DE SUA CASA
VISITE:



O MUNDO
DAS
GRAVURAS

NO: Shopping Centro PALLADIUM

LOJA 19

AV. DA LIBERDADE, 1 E 7 — LISBOA-1200
TEL. 369102 E 369180 — EXTENSÃO 8

CLIMA DE INTIMIDAÇÕES EM VALPAÇOS

Protegido de Sobrinho agride um funcionário

A confirmar a falta de liberdade de expressão existente em Valpaços, já denunciada pelo «D.L.», um funcionário da câmara local foi agredido mesmo nos Paços do Concelho, por um protegido do presidente (dr. Sobrinho Morais) acusado também de estar implicado em algumas das muitas ilegalidades praticadas naquele município transmontano. Com efeito, Francisco Gomes Gonçalves, mais conhecido pelo «Pinto» agrediu a soco um dos depoentes do inquérito que está a ser feito às actividades camarárias por uma equipa de inspecção do MAI. Trata-se do funcionário Francisco Eugénio Claro agredido mesmo junto da secretaria e que teve de receber tratamento hospitalar.

Homem íntegro, Francisco Claro estava disposto a esclarecer junto da Comissão de inquérito muitas das irregularidades praticadas, designadamente as que recaem sobre o próprio agressor. Ex-motorista, Francisco

Gonçalves tem tido uma ascensão meteórica, sob a protecção do chefe do PSD local, Sobrinho Morais. Actual encarregado dos trabalhadores assalariados, o ex-motorista vive à larga, suspeitando-se que tem feito fofas com nomes fictícios de jornaleiros e calceteiros, recebendo assim elevadas quantias em dinheiro. Deste processo tinha o presidente conhecimento e sempre deixou correr — garantiram-nos.

Logo após a agressão, Eugénio Claro foi ao gabinete da Comissão de Inquérito, tendo o secretário da Câmara lavrado, a pedido daquela Comissão, um auto de notícia sobre a agressão.

Prossegue entretanto o inquérito às irregularidades camarárias praticadas pelo dr. Sobrinho Morais, designadamente aos desvios de fundos e suspeitas de fraudes a outros níveis, por compadrio e corrupção. A par disto «as comadres» começam a zangar-se. E o ex-vereador António Secundino Vaz um dos beneficiados com as fraudes ao F. F. H. manifesta-se disposto a depor no inquérito devendo ser ouvido ainda hoje ou amanhã pela respectiva comissão. Secundino Vaz sente-se

traído pelo presidente e quer pôr tudo a nu.

Até agora, várias pessoas foram já ouvidas pela Comissão de Inquérito, contando-se entre elas, o ex-vereador Abílio Mourão, autor do pedido de inquérito, e Manuela Saraiva, funcionária da câmara que, em consequência das ameaças do presidente chegou a ser retirada do gabinete deste, em maca para o hospital por ter desmaiado.

Em consequência da agressão verificada ontem, aumenta o clima de medo e terror que já vigorava naquele concelho. Algumas pessoas que se têm oposto às manobras do presidente temem pela sua integridade, conforme tivemos ocasião de saber, telefonicamente.

DE PASSAGEM POR LISBOA

Cristãos da RDA comentam as suas relações com o Poder

«Uma sociedade com classes não pode corresponder, de maneira nenhuma, aos apelos da doutrina cristã, a qual preconiza que nos amemos uns aos outros» — assim se expressaram, no termo de uma visita de sete dias ao nosso País, dois membros da União Cristã Democrática (CDU), da República Democrática Alemã, Kersten Radzimanowski e Johannes Kratzig, respectivamente chefe do sector internacional do Secretariado da Junta Directiva daquela organização política, e director, por parte da mesma organização, da Comissão Distrital de Dresden e deputado na Câmara desta cidade.

Ao longo de uma conversa informal, constatámos que a actividade da CDU se encontra orientada para elevar constantemente o nível de vida material e cultural do povo através do rendimento da indústria, agricultura e comércio, numa acção que assenta na unidade da política económica e da política social.

«Isso seria impossível — disseram-nos, se não existisse uma forte e grande colaboração entre cristãos e marxistas.»

A CDU dá todo o seu esforço para o aperfeiçoamento ininterrupto da democracia socialista e para salvaguarda da responsabilidade cívica dos cidadãos marxistas e dos cristãos. Outros pontos que a CDU não descarta: o matrimónio e a família como base essencial da vida em sociedade; o ensino como etapa a que todos devem ter direito; o desenvolvimento da ciência, da técnica e da investigação ao serviço do homem e como forma de enriquecer a vida intelectual da sociedade; o contínuo aperfeiçoamento das formas de protecção à saúde; a protecção do meio ambiente; a incrementação da amizade entre todos os povos e a cooperação com as comunidades dos Estados socialistas; e a manutenção da paz.

Relativamente à amizade entre os povos, os nossos dois interlocutores referiram-se, nomeadamente, a todos aqueles países onde o homem se ergue contra a opressão, «por mais habilmente camuflada que ela se apresente». Que países, que povos...? Surgiram, a título de exemplo, África do Sul, Chile, Rodésia. E também certas manchas do Terceiro Mundo, onde um certo tipo de neocolonialismo, liderado pelos EUA e por alguns países da Europa Ocidental, tenta implantar-se. Igualmente o povo palestino mereceu palavras de simpatia, bem como «a construção ainda em começo do povo da Nicarágua...». Como se concretiza essa amizade...? Pelo envio de médicos, de medicamentos, de técnicos, de professores, de subsídios...

«Armas é que não enviamos» — acentuaram os dois nomes da CDU.

Factos

Os cristãos, na RDA, estão enquadrados por várias igrejas

evangélicas (protestantes), sendo os católicos uma minoria no país.

Essas igrejas dispõem de mais de 54 hospitais e sanatórios, compreendendo um total de 16.500 camas, assim como de lares para a Terceira Idade com, por sua vez, 13.500 camas. A Igreja Católica vela por 39 hospitais com mais de 12.000 camas.

«Qual a posição do Estado...?»

O Estado apoia quer os hospitais protestantes, quer os hospitais católicos, com, aproximadamente, 600 milhões de marcos anuais.

«Nós, os cristãos, católicos ou protestantes que sejamos, podemos afirmar que não somos cidadãos de segunda classe. Mais: cristãos e marxistas somos todos cidadãos iguais perante a lei e também iguais nos actos da vida prática. Diferenças sociais, não as conhecemos na RDA. A colaboração entre marxistas e cristãos é um facto que nenhuma pessoa de boa vontade pode afirmar que não exista entre nós. Que nos visitem e observem...»

Contactos

Kersten e Johannes deixam hoje o nosso País, de regresso à RDA, após uma visita que teve como guia o pastor Dimas Almeida. Destinou-se a viagem a uma apreensão da nova realidade portuguesa.

Que levam, pois, da visita...? Tendo lidado com meios católicos, e trocado impressões com as mais diversas personalidades, ambos os visitantes afirmam que «é forte», nos meios contactados, o espírito do 25 de Abril.

«Há muito quem, no meio católico, não deseja recuar para os tempos anteriores a essa data — acentuaram os dois membros da CDU. — E isso é bom: significa que a democracia está em desenvolvimento no vosso país.»

Quanto às carências que notaram entre nós, «é coisa (disseram) que não existe na RDA.» Mas a RDA é um país que neste momento comemora trinta anos em socialismo — e a nossa democracia só ainda há pouco é que fez cinco anos de existência. Em certa medida, é tudo (também) uma questão de tempo.

Naufrágio no Campo Grande

Estava bêbedo, estava no Campo Grande, era noite, queria embriagar com alguém e não tinha com quem. Ainda quis embriagar com o polícia que por ali passou, mas o guarda não lhe ligou peva e disse-lhe mesmo: «Veja lá mas é se cai ao lago».

O bêbedo nem tinha reparado que estava ali o lago, mas, então, reparou, e, então, mais dele se abeirou, no seu passo que a relva escorregadia mais vacilante tornava.

Viu o barco encostado à margem e quis deitar-lhe a mão, e quis deitar-lhe o pé, mas o barco também não estava para ali virado, era domingo, estava cansado de tantas voltas e voltinhas, durante todo dia. Só lhe faltava agora aquele «pielas» a chatear a humanidade.

Não se conformou o bêbedo, e ficou para ali a resmungar. Já tinha com quem embriagar. Disse ao barco tudo o que tinha para dizer, até parecia o Santo António a pregar aos peixes:

«Ouve lá, mas tu és parvo ou quê? Tás armado em carapau de corrida? Se calhar julgas que és um transatlântico... Ou se calhar nunca ouviste mas é falar no Atlântico. Se calhar nem sabes que há um oceano Atlântico e há oceanos ainda maiores. É que eu fui marinheiro, percebes, ó estúpido? A mim não

me lixas tu, porque eu fui marinheiro, andei pelos sete mares, há mais mares do que terra, embirro com a água. Vem cá, malandro, não fujas! Nascestes aqui, nunca saíste daqui, e se calhar julgas que só há esta água, isto não é lago nem é nada, é um bidé, é um lago a brincar, há lagos a sério, muito grandes, mas um lago é sempre uma prisão, bom mesmo é um rio, é o mar... E há barcos enormes, sabias? No barco onde eu andei cabia um milhão de barcos como tu, que não és barco nem és nada, eu quero que tu te lixes, não preciso de ti para nada. Olha, vai-te matar!»

O barco assim fez. Não sabia nada daquilo, não sabia nada do que se passava para lá do lago do Campo Grande, e ficou muito impressionado com aquelas revelações maravilhosas e tão decepcionado, tão, tão, tão que se foi afastando, foi-se afundando e desapareceu.

O bêbedo, esse também desapareceu, também impressionado, nunca pensara que o barco o tomasse tão a sério, nunca pensara dar-lhe um desgosto tão grande, aquilo tinha sido mais um desabafo...

«Olha, que se lixe!» — voltou a desabafar.

Carlos Pinhão

RESTAURANTE "PAPAGAIOS"

— DE —
José Outrelo Magalhães

Rua Cascais, 13 a 21 LISBOA 13 — Tel. 636076

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP Direcção de Distribuição Tejo-Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/65 382, arquivo 14, para o estabelecimento na freguesia de Almoester, concelho de Torres Vedras, da modificação da linha mista a 10 kV, n.º 354, entre o apoio n.º 4 em Paul, e o posto de seccionamento 5079, na Fonte Santa de Cima, com um aumento de 458 metros no comprimento total.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Outubro 1979

O DIRECTOR DE SERVIÇOS
José Flores

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mafra, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP-Direcção de Distribuição Tejo-Zona de Lisboa, a que se refere o processo 8/65359, Arquivo 14, para o estabelecimento na freguesia de Igreja Nova, concelho de Mafra, da linha aérea a 10 kV, n.º 1742, com 2542 metros, entre a subestação n.º 4300 (Mafra) em Alcainça, e o Posto de Transformação e Seccionamento n.º 2912.

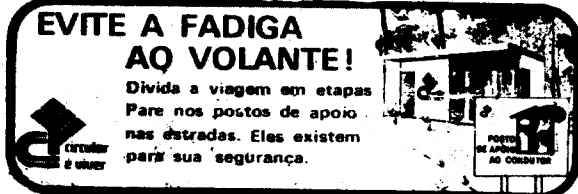
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Outubro de 1979.

O Director de Serviços
José Flores

EVITE A FADIGA AO VOLANTE!

Divida a viagem em etapas
Pare nos postos de apoio
nas estradas. Eles existem
para sua segurança.



fotografia em aulas práticas

INSCRIÇÕES ABERTAS

DE SEGUNDA A SEXTA DAS 10 ÀS 20.30 HORAS

CTEL SCARL
Av. Elias Garcia, 202 - 1.º e 2.º andares
Tel. 251 77 41

Subsídios do IASE na província e equipamento escolar em Lisboa dificultam abertura do ano lectivo

A abertura do ano lectivo de 1979/80, marcada para um de Outubro no Ensino Primário e para o dia oito no Preparatório e Secundário, pode-se considerar a «mais normal» desde o aumento de escolaridade obrigatória por Veiga Simão no princípio da década de 70, mau grado das 700 escolas existentes no Preparatório e Secundário não terem aberto algumas, cuja soma contudo, mesmo com certo exagero, não ultrapassa as 50. Mas o problema das construções escolares é um problema de fundo que passa pela distinção das competências do equipamento escolar adstrito ao Ministério da Educação, e da Direcção-Geral das Construções Escolares, ligada ao Ministério das Obras Públicas. Passa

também por uma redefinição da rede escolar. Com efeito, com a emigração a despovoar de crianças essencialmente a província, e particularmente o Norte do País (basta lembrar que a população escolar do distrito do Porto, por exemplo, está a descer de ano para ano), e com a emigração do interior para as grandes cidades e bairros periféricos, como é o caso de Lisboa, sem a consequente resposta das construções escolares, criaram-se assimetrias que terão de ser resolvidas urgentemente. Se olharmos para as escolas que continuam encerradas ou que tiveram de adiar por alguns dias a abertura do ano lectivo, como a Escola Preparatória da Brandoa, escolas primárias n.º 1 e Escola Francisco Manuel de Melo na

Amadora, Escola Avelar Brotero que serve Olival de Basto e Odivelas, Escola Preparatória Professor Pereira Coutinho, de Cascais, e depois os liceus Camões e Passos Manuel, teremos forçosamente de concluir que é nas zonas periféricas de Lisboa ou em escolas superlotadas de turmas, em que a dificuldade da feitura dos horários é uma constante anual que as anomalias são mais patentes. E as construções escolares não têm respondido a este fluxo que o aumento da escolaridade obrigatória, com uma maior permanência da criança no sistema escolar, tem exigido.

O IASE NA PROVÍNCIA

Mas se nas grandes zonas industriais a degradação do equipamento escolar e a ausência de mais edifícios provoca dificuldades no princípio deste ano lectivo, já na província, sobretudo no meio rural, os problemas são de outra natureza. Há aldeias com muitas escolas que têm poucos alunos, sobretudo no ensino primário. Mas a saída da aldeia a estes jovens está altamente condicionada pelas medidas restritivas impostas este ano pelo Instituto de Acção Social Escolar, designadamente pelo aumento brusco dos transportes escolares e pela diminuição do subsídio para as refeições. É aqui que reside o maior problema, na província, no ano lectivo que ora começa. O ministro das Finanças foi já sensibilizado para um reforço de verbas do IASE que precisaria de pelo menos mais 250 mil contos a somar aos 550 mil que lhe couberam no orçamento do ME, para fazer face e minimizar os efeitos dos aumentos verificados este ano, no sentido de viabilizar a escolaridade obrigatória e o princípio mínimo de oportunidades de acesso ao ensino e ao conhecimento para todos. A pretensão do IASE — ao que apuramos — poderá já ter luz verde no próximo Conselho de Ministros. Outros factores se apontam para um começo menos fácil do que os responsáveis do ME previam do ano lectivo: o lança-

mento do 11.º ano de escolaridade e a criação de alguns centros de apoio do Ano Propedéutico que, como se sabe, terão de ser integrados nas escolas já que funcionam como a antecâmara do lançamento do 12.º ano da escolaridade.

Em suma, desde Veiga Simão até ao momento não houvera ainda um lançamento de ano em que as escolas funcionassem na sua maioria e com a grande maioria dos professores colocados como este ano. Até Abril de 1974 já o processo da colocação dos professores eventuais e provisórios (terminologia que hoje não nos parece grandemente correcta quando acabaram os liceus quer como nome quer como ramo de ensino com especificidade curricular) era morosa e por vezes anárquica e altamente sujeita a compadrios com a colocação pelas escolas dos professores sem habilitação própria. Lentamente, o processo foi-se corrigindo e para o ano poderá culminar num novo sistema de colocações que passa pelos contratos plurianuais. Portanto, o chamado caos na abertura do ano escolar não é mais que um «caos de minoria» e cujas razões têm a ver com a estrutura do ensino e não propriamente com uma política governamental, necessariamente de recurso e pontual, como no caso presente.

R.R.

Portugal entre os países mais afectados pelos cancros da pele

Portugal é um dos países mais afectados pelo cancro cutâneo devido à intensa incidência solar, segundo declarou à Anop António Picoto.

Há clínicos portugueses especializados neste sector e na sequência deste 1.º Congresso, virão a Portugal trabalhar especialistas dermatologistas estrangeiros.

Aquele médico, um dos organizadores do 1.º Congresso Internacional de Cirurgia Dermatológica que ontem terminou em Lisboa, acentuou a necessidade das entidades competentes esclarecerem o público sobre este problema.

António Picoto esclareceu ainda que em Portugal o departamento que trata daquela doença é o Centro de Dermatologia Cirúrgica que luta com inúmeras limitações materiais e humanas.

As instalações do centro, cada vez mais solicitadas, compõem-se de uma sala de operações e duas salas de consultas, uma delas subtraída à sala de espera de doentes.

No entanto, afluem a este centro doentes desde Leiria ao Algarve, bem como das ilhas.

Nas declarações à Anop, António Picoto informou também que embora se encontre há dois anos em Portugal o material necessário à Quimioterapia, novo processo cirúrgico do cancro cutâneo, não existem ainda instalações nem meios humanos para a sua utilização.

António Picoto é um dos médicos portugueses que se têm dedicado à Quimioterapia, e deverá deslocar-se a Espanha, Suíça e Alemanha, onde irá leccionar aquele novo processo clínico.

Factores evitáveis que provocam o cancro

É possível actualmente diagnosticar várias dezenas de variedades de tumores, distribuídos por épocas e por países, o que permite tirar conclusões importantes.

Esta informação foi dada pelo investigador norte-americano John Weissburger na conferência inaugural do Centro Anticanceroso das Clínicas Universitárias de Bruxelas.

De acordo com este médico mais de três quartos das doenças cancerosas estão ligadas à vida quotidiana e a medicina preventiva pode desempenhar tarefa importante tanto para evitá-las como para diagnosticá-las.

COMUNICADO

Comunica-se a todas as entidades que têm relações comerciais ou outras, com a Sociedade Luso-Vinícola, Lda., que esta empresa deliberou a destituição de António Rodrigues como seu gerente, com a imediata cessação de toda e qualquer actividade na empresa, pedindo-se a todas as pessoas que estejam de sobreaviso quanto a qualquer especulação que junto delas aquele destituído gerente venha a fazer, quer quanto às razões da sua destituição, quer quanto à situação da empresa.



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO LISBOA

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

1.º Sector — CONCELHO DE LISBOA: R. Luís de Camões, n.º 106 a 112, R. Filinto Elísio, n.º 9 a 13, R. D. João de Castro, n.º 14 e 2 a 38-B, L. do Rio Seco, n.º 14 a 22, R. Silva Porto e Trav. D. João de Castro.

4.º Sector — Trav. de S. Domingos Benfica, e B. Novo, L. de S. Domingos de Benfica, n.º 1 a 4, R. de S. Domingos de Benfica, n.º 77 a 101 e sítio do Barcal.

5.º Sector — R. de St. Amaro, n.º 55 a 67 e R. Teófilo Braga, n.º 21 a 69 e 28 a 56.

6.º Sector — Praça da Figueira, n.º 4 a 8 e R. da Conceição, n.º 116 a 124.

10.º Sector — Az. da Fonte Velha (parte) e Qt. do Olival e imediações (das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — CONCELHO DE OBRAS — Cruz Quebrada: Casal dos Netos, Oeiras: B. Dr. Augusto de Castro - Zona D, Lotes 84, 85, 86, 87, 88, 89 e 90, Brandoa, Pontinha: R. Vítor Carlos e imediações, Casal de Alfornel, Serra de Casais de Cambra, Laveiras: Av. Conselheiro Ferreira Lobo, Estr. da Cartucha, R. Proj. à Av. Cons. Ferreira Lobo, Est. de Barcarena e imediações, Caxias: Reduto Norte. Paço de Arcos: R. Camilo Castelo Branco, R. das Acácias, R. Fonte de Maio, Estr. de Porto Salvo e imediações (das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — CONCELHO DE CASCAIS — Cascais: B. da Assunção, Av. do Ultramar, R. Eça de Queirós, R. António Lopes Vieira, R. António Nobre, R. Afonso Lopes Vieira, R. Cesário Verde, R. José Florindo, B. das Caixas, R. Conde Castro Guimarães e imediações, Birre: B. da Pampilheira, Torre d'Aguilha, Cabeço de Moura, Mata da Torre, parte norte do B. Além das Vinhas, S. Pedro do Estoril: R. Proj. à R. dos Lusitãos e imediações, B. das Coveiras de Tires (parte) e Amoreira (das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — CONCELHO DE SINTRA — Alfaiques, Fachada, Concelho Rádio Farol, Peningem, Codicera e imediações, Baratã, Cabriz, Praia das Maças: R. dos Depósitos das Águas, R. das Marinhas, R. dos Afoitos, B. de S. Miguel, B. dos Afoitos e imediações, Casal de Cambra: R. da Luz, R. das Rosas, R. das Flores, R. Vasco da Gama, R. Marquês de Pombal, R. I.º de Maio, R. de Sta. Marta e imediações (das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA — Póvoa (parte), Forte da Casa, Cabeço da Rosa, Caniços, Vialonga, Verdelhado Ruivo, Morgados, Alpiate, Granja de Alpiate, St. Eulália, St. Cruz e Qta. do Paraíso (das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — CONCELHO DE ALENQUER — B. da Cipan, Carregado, Telhada, Provença, Casal Major, Camarnal, Qta. da Bemposta (das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — CONCELHO DE MAFRA — Charneca do Milharado, Vale de S. Gião, Casal das Trocas, Casais do Forno, Gonçalves, Murtais, Zambujal, Venda do Pinheiro, Malveira: EN 8, R. Monte Leite, R. B. Miguel Ferreira, R. das Saloias e imediações (das 8 às 14 horas).

CAMARA MUNICIPAL DO SEIXAL CONVOCATÓRIA

O plenário Inter-CISSLS do Distrito de Setúbal após análise da Lei de Bases do Serviço Nacional de Saúde que consagra no seu Artigo 42.º a criação de Centros Comunitários de Saúde, na tentativa de contribuir para uma rápida implantação destes importantes centros, iniciou a discussão do seu projecto regulamentar.

Assim, após a comissão entretanto nomeada para o efeito, ter apresentado uma proposta de projecto, realizou-se no passado dia 30, uma reunião para discussão da citada proposta, continuando os trabalhos no próximo dia 14 de Outubro às 10.00 horas, na Câmara Municipal de Setúbal pelo que se convocam todas as CISSLS do Distrito.

Seixal 8 de Outubro de 1979



Prontos a habitar e a fazer escritura
3 assoalhadas 1 150 contos
4 assoalhadas 1 325 contos

Andar modelo da
dimensão móvel

icosal

Sociedade de Investimentos e Construções, S.A.R.L.
Sede: Av. Almirante Reis, 131-3.º-4.º
Tel. 55 35 32 — 1100 Lisboa
Centro de Vendas:
Torre Kilimanjaro-Rua F
Tel. 95 13 54
Terracos do Jamor — Queluz Ocidental.

parque
residencial

terraços
do jamor



Congresso

O próximo Congresso dos Sindicatos, a realizar muito provavelmente em meados de Março de 1980, será a principal questão em debate no plenário que a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional convocou para amanhã na Voz do Operário. Aberto a representantes de todas as organizações sindicais, independentemente da sua filiação na central sindical, o plenário abordará questões suscitadas pelo Congresso (data, formas de participação, comissão organizadora, ordem de trabalhos, regulamento) e analisará a situação político-sindical.

«LOCK-OUT»

Prossegue o «Lock-out» na fábrica de malhas Beta, do Porto.

A gerência tem impedido a laboração da empresa, agravando desse modo o conflito suscitado pelo despedimento ilegal de uma trabalhadora. Os sindicatos continuam empenhados em obter uma solução pela via do diálogo.

CONSTRUÇÃO CIVIL

O patronato da construção civil parece disposto a criar as maiores dificuldades no processo de revisão dos salários para o pessoal do sector. O processo negocial foi encetado em fins de Agosto com o envio da proposta sindical sobre a matéria, mas o patronato, invocando a «crise» do sector e interpretações jurídicas controversas, furtou-se a qualquer contra-proposta. A comissão negociadora sindical, que fez já um apelo aos trabalhadores do sector para que se mantêm mobilizados, está disposta a iniciar negociações no próximo dia 15, tendo convocado um plenário vertical de sindicatos para o dia 23.

COMISSÕES OBRERAS

Uma delegação da União Sindical de Madrid das Comissões Obreras esteve durante quatro dias em Lisboa, a convite da USL e da CGTP-IN. A estada permitiu estabelecer contactos a nível sindical e de empresa, que serão alargados de futuro, dado «existirem muitos pontos comuns nas áreas de actuação das duas estruturas».

RODOVIÁRIA

As organizações de trabalhadores da Rodoviária Nacional repudiaram a decisão da CP de transferir o serviço prestado pela RN em Santa Comba Dão para uma empresa privada.

NO BACALHAU

As tripulações dos seis bacalhoiros portugueses ancorados em St. John's, no Canadá, continuam em greve. Os sindicatos do sector, que recentemente entraram em diálogo com a associação patronal, pediram uma interrupção nos trabalhos em curso para analisar mais pormenorizadamente o problema — informa a ANOP. O presidente da Associação de Armadores da Pesca Longínqua disse a esta agência que, «mesmo que as negociações com os Sindicatos cheguem a bom termo, os navios já não regressarão aos pesqueiros».

Plenário sindical decide sobre representação à OIT

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional recusou, ontem, o convite que a UGT lhe dirigira para negociações com vista «a estabelecer a delegação dos trabalhadores à III Conferência Regional Europeia da OIT», nos termos que a ANOP ontem referia.

«A CGTP-IN nunca reconheceu, nem reconhece, organizações fabricadas à margem dos trabalhadores» — eis como a Confederação sintetiza a sua posição relativamente àquela questão.

«A chamada 'UGT' é uma organização de carácter inequivocamente divisionista, contrária aos interesses dos trabalhadores (a quem, de resto, estes têm vindo a reservar o mesmo futuro que tiveram os projectos divisionistas antecedentes: 'Carta Aberta', 'Misca', 'Madisca', 'UDTP') e que nem ela própria se afirma como confederação» — acusa a Intersindical.

Concretamente sobre os critérios para escolha da representação portuguesa à III Conferência Regional Europeia da OIT, a questão será colocada em plenário nacional de sindicatos a efectuar no sábado, aberto a todos os sindicatos, em igualdade de direitos, sejam ou não filiados na CGTP-IN.

Tanto quanto apurámos, se deste plenário sair a decisão de que a representação deverá continuar a pertencer à CGTP-IN, nela deverá ter lugar de destaque o sindicalista Álvaro Rana. Aquela reunião iniciar-se-á, no dia 15, em Genebra.

Entretanto, iniciou-se hoje, também em Genebra, a Conferência das Organizações Sindicais Europeias que, no entanto, não decorre no âmbito da OIT. Terá sido para esta reunião que a UGT foi directamente convidada e tal foi anunciado em conferência de imprensa realizada há dois dias.

DESEQUILÍBRIOS

Tanto na Europa socialista como na capitalista, o crescimento económico está comprometido pela resistência da mão-de-obra, face às necessidades de mudança do mercado de trabalho, escreve Francis Blanchard, director-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Num relatório preparado para a III Conferência Regional Euro-

peia da OIT, Blanchard sublinha que «a Europa, tanto a Leste como a Oeste, sofre distorções entre o volume da mão-de-obra e as possibilidades de emprego».

Nos países da Europa Ocidental, indica o director-geral da OIT, constata-se um desemprego importante, enquanto inúmeras ofertas de emprego continuam vagas, por falta de pedidos correspondentes.

Os países da Europa de Leste, pela sua parte, conhecem uma penúria de mão-de-obra, enquanto que há muitos trabalhadores em número excessivo ocupando empregos de baixa produtividade.

Este desfasamento entre a mão-de-obra e o emprego explica-se, segundo Blanchard, pelos êxitos obtidos pelos trabalhadores em matéria de segu-

rança do emprego e de protecção contra os despedimentos.

Para Blanchard, nos países de Leste, o direito constitucional ao trabalho e a dificuldade de operar despedimentos incitam os chefes de empresa a guardar trabalhadores em número excessivo. Assim, na URSS, esclarece, apenas 10 a 20 por cento dos trabalhadores excluídos pelo progresso técnico são efectivamente despedidos.

Na Europa Ocidental, os mecanismos do mercado deveriam teoricamente afastar as fortes resistências à mudança, mas esta influência, prossegue o director-geral da OIT, encontra-se «enfraquecida» pelo facto, designadamente, de um grande número de empregos ser fornecido por empresas públicas e de o despedimento estar regulamentado.

Preh: greve da fome iniciou-se ontem

Os trabalhadores da PREH (fábrica do Porto) iniciaram ontem uma greve da fome como forma de pressionarem a entidade patronal a garantir-lhes os postos de trabalho na fábrica de Trofa.

De acordo com a decisão tomada em plenário, a greve iniciou-se com um trabalhador, e, nos dias subsequentes, mais outro se juntará aos que a observaram nos dias anteriores. Os trabalhadores em greve manter-se-ão durante o horário normal de trabalho dentro das instalações, e depois disso, na portaria da fábrica.

Entretanto, continuam a funcionar piquetes para impedir que a administração da fábrica retire a maquinaria.

A PREH, multinacional

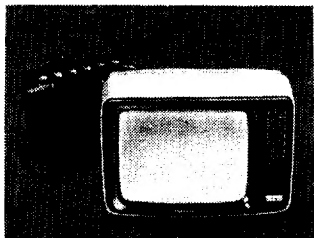
além de componentes electrónicos, com fábricas no Porto e na Trofa, encerrará as instalações do Porto no dia 16 de Outubro. Os trabalhadores (cerca de 150) exigem que a administração lhes garanta os postos de trabalho na fábrica da Trofa.

O pessoal da empresa responsável pela actual situação, tanto a administração da multinacional, como a Secretaria de Estado da População e Emprego. Novas formas de luta poderão ser decididas ao fim de cinco dias de greve, caso não haja elementos novos. Entretanto, realizou-se esta manhã um plenário nas instalações da Trofa em que os trabalhadores compareceram acompanhados pelas mulheres e filhos.

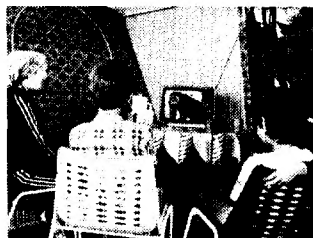
PORQUE É QUE O SEU 2º TELEVISOR DEVE SER UM GRUNDIG PORTÁTIL?



PORQUE...



o Grundig portátil liga-se à bateria e à corrente.



com o Grundig portátil pode ver televisão onde quer que esteja.



o Grundig portátil é tão leve e tão fácil de transportar.



no Grundig portátil, pode ver o 2.º canal, onde lhe apetece!

Um segundo televisor é sempre útil especialmente se for um Grundig portátil. Com um segundo televisor Grundig portátil, onde quer que você esteja, está sempre acompanhado... e pode ver sempre o seu programa preferido, mesmo que os outros queiram ver qualquer coisa diferente! Mas um Grundig portátil não é só um 2.º televisor! É um som e uma imagem inconfundivelmente Grundig! Grundig portátil... tão leve e fácil de transportar! Tão prático... liga-se à corrente ou à bateria!

GRUNDIG

QUALIDADE EM TODA A LINHA

Representantes:

Nacional Rádio, SARL.
Apartado 2096 - 1102 LISBOA Codex

Soc. de Representações Santos, Guimarães + Oliveira, SARL.
Apartado 154 - 4000 PORTO Codex

GRUNDIG PORTÁTIL, À SUA ESCOLHA, EM TRÊS MODERNAS CORES!

Aumenta desemprego

A estimativa de desempregados, em Portugal Continental, era de 343 mil indivíduos, no primeiro semestre de 1979 (8,3 por cento da população activa) — segundo o inquérito permanente ao emprego, do Instituto Nacional de Estatística.

No semestre homólogo de 1978 havia 319 mil desem-

pregados, ou seja 7,9 por cento da população activa.

As mulheres continuam a ser as mais atingidas (217 mil) visto que a taxa de desemprego relativa aos homens registou um decréscimo 5,6 por cento em relação ao período homólogo do ano transacto e das mulheres aumentou 12,1 por cento, no mesmo período.

Encontro sobre gestão de empresas

O Centro de Informação, Formação e Aperfeiçoamento em Gestão do Instituto de Participações do Estado (CIFAG) vai promover em Lisboa, de 3 a 5 de Janeiro de 1980, um «encontro sobre formação em gestão de empresas».

O encontro, que chegou a ser anunciado para Dezembro deste ano, decorrerá nas instalações

da Fundação Gulbenkian.

Esta realização, segundo o CIFAG, «visa contribuir para a concepção e execução de uma estratégia global nesse domínio, devidamente articuladas com políticas de desenvolvimento regional».

O prazo para a entrega de comunicações de participantes termina em 31 do corrente mês.

Formada comissão das "transnacionais"

— anuncia a Associação Comercial de Lisboa

A delegação portuguesa da Câmara de Comércio Internacional vai criar uma comissão de empresas transnacionais que operam em Portugal — informou hoje a Associação Comercial de Lisboa.

A comissão dedicará-se ao estudo dos problemas daquelas empresas, acompanhando as acções que se desenvolvem a nível internacional e passará também a analisar e equacionar

os seus problemas a nível nacional.

Esta medida pretende também criar condições para que, no primeiro trimestre de 1980, a comissão portuguesa possa participar na discussão entre o Conselho Económico e Social da Organização das Nações Unidas e a Câmara de Comércio Internacional para a aprovação do «Código de Conduta das Empresas Multinacionais».

Brasil Viagens ao estrangeiro sujeitas a taxa

O ministro brasileiro do Planejamento, Delfim Neto, declarou ontem que o depósito prévio de 22 mil cruzeiros, exigido aos brasileiros e residentes que viajam para o estrangeiro, a ser suprimido no dia 1 de Janeiro próximo, será substituído por uma taxa cobrada sobre o valor da passagem.

O ministro não forneceu mais

pormenores, limitando-se a indicar que a referida taxa produzirá recursos superiores aos arrecadados actualmente pelo Governo com o depósito prévio.

Sabe-se que, por causa deste depósito compulsório, a maioria dos portugueses que trabalham no Brasil não podem gozar férias em Portugal, onde muitos deles ainda têm familiares.

Espanha recebe menos turistas

O número de turistas em Espanha diminuiu em Setembro pelo terceiro mês consecutivo, registando-se uma quebra de 5 por cento relativamente ao mesmo mês de 1978, segundo cifras oficiais hoje reveladas.

A diminuição verificada em Setembro representa, no entanto, uma melhoria face a Julho e Agosto, quando o turismo declinou 16 e 15 por cento em com-

paração com os mesmos meses de 1978.

A quebra foi devida especialmente aos receios de uma campanha bombista basca nas estâncias balneares.

Durante os primeiros nove meses deste ano, visitaram a Espanha 32 180 601 turistas — 1,9 por cento menos que no mesmo período de 1978.

FFH

Ministério contra fomento da habitação

Algo de insólito se passa no Fundo de Fomento da Habitação. O seu presidente, eng. Manuel Gaspar, requereu a sua aposentação. O vice-presidente, eng. Serafim de Oliveira, apresentou pouco depois a demissão. Como reflexo de solidariedade os quadros superiores do organismo encaram a hipótese de uma saída colectiva.

Em geral, os cargos directivos da função pública não predisponem para os gestos heróicos. Não raras vezes levam mesmo a um excessivo apego à carreira. Os directores-gerais são disso exemplo assumindo cada vez mais a permanência entre os Governos que mudam.

Só fortes razões poderiam explicar um tal «suicídio» colectivo de carreiras. E não há dúvida que no caso do FFH elas existem.

A crise não é de hoje. Alimenta-se há alguns anos da contradição entre os novos e crescentes encargos do FFH e a ausência de enquadramento legal adequado à sua acção. Um tal facto resulta do incompreensível atraso na promulgação do seu «diploma orgânico» já aprovado pelo IV Governo (embora sem contemplar os esquemas descentralizadores propostos pelo FFH).

Mas a crise só passou de latente a evidente com a deterioração das relações entre a direcção do Fundo e o actual secretário de Estado da Habitação, dr. Júlio Cândido Ferreira. Este rompeu as hostilidades ao dar, em 21 de Setembro, como finda a comissão de serviço do chefe da direcção da Aquisição de Terrenos, eng. João Bengala. Esta medida indica que a nova equipa do Ministério está disposta a prosseguir o caminho trilhado pela sua antecessora, que procedeu a um corte drástico das verbas para habitação, provocando uma progressiva acumulação de projectos prontos a ser lançados em concurso.

O segundo e decisivo factor de eclosão da crise relaciona-se com o programa C.A.R. (Comissão de Apoio a Retornados). Este foi lançado em 1976 pelo então ministro Eduardo Pereira, com o objectivo de construir até ao fim do ano 12 mil fogos destinados a «retornados». E então



começa o maior escândalo dos últimos anos. Surgem inúmeras pretensas empresas de prefabricação, muitas delas organizadas à pressa a partir de oficinas que se dedicavam a outras actividades. Fazem-se encomendas de produção e construção sem que sejam abertos concursos e elaborados contratos legais. Não existe controlo das despesas nem fiscalização das obras dignas desse nome. Constróem-se fogos sem se cuidar das infraestruturas. O dinheiro desaparece, em seu lugar aparecem... 1200 fogos. O caos é tal que o Governo extingue a C.A.R., em Maio de 1978 e transfere a responsabilidade para o FFH, que acaba por ser forçado a aceitá-la, depois de ter, em vão, solicitado um inquérito. Inicia-se então um difícil trabalho de levantamento da situação, o que gera protestos das empresas habituadas à vida fácil do tempo do C.A.R.. Ora, o actual secretário de

Estado (que é significativamente um administrador da Novobra, uma das empresas envolvidas nos negócios do programa CAR) criou em 25 de Setembro passado um grupo de trabalho, na sua dependência directa, ao qual foram atribuídas missões relativamente ao programa C.A.R. que interferem no campo de acção do FFH. (Ver pág. 5 desta edição do «DL».)

Criado em Maio de 1969 o F.F.H. absorveu a Federação das Caixas de Previdência e o Serviço de Construção das Casas Económicas.

A sua acção reduzia-se porém, à insignificância de tudo o que não era iniciativa privada. O tempo era de empreiteiros e especuladores. As verbas que lhe eram atribuídas contavam-se pelas dezenas de milhares de escudos e os seus empregados pelas centenas. O F.F.H. era bem a imagem da importância que o regime atribuía à habitação social. Abril foi a viragem. De 300 mil contos em 1974 o Fundo passou a movimentar nove milhões de contos em 1978. Os fogos construídos passaram de 1200 para 11 212.

É certo que pelo caminho ficou uma experiência única: o Serviço Ambulatório de Apoio Local, esperança de milhares de habitantes de bairros degradados, ala «militante» do F.F.H. Foi primeiro tributo da habitação social ao refluxo do processo político. Mas é igualmente verdade que, no seu âmbito, o F.F.H. prosseguiu uma obra importante.

Mas precisamente porque interveio nas expropriações de terrenos, porque a sua acção contrariou o aumento desenfreado das rendas, porque se opôs à acção centrífuga que repele os trabalhadores para as zonas suburbanas, o F.F.H. suscitou não só entusiasmos e apoios mas também inimizades, incompreensões e ódios.

Francisco Vale

Plano energético é indispensável

— considera colóquio realizado na Petrogal

A necessidade de um plano energético de longo prazo em Portugal é indiscutível — afirmaram ontem especialistas em política energética, num colóquio que decorreu na Petrogal.

Os participantes manifestaram, também, a sua opinião de que a falta de tal plano não impede que se realizem acções pontuais e de curto prazo.

Moura Vicente, do Conselho de Gerência da Petrogal, considerou ainda mais grave do que a inexistência daquele plano, o facto de mais de um milhão de portugueses não serem abastecidos de electricidade e o consumo «per capita» em Portugal ser um quinto do francês e um décimo do norte-americano.

Outro dos principais problemas abordados por Moura Vicente foi a dependência relativamente aos recursos energéticos, afirmando que, não obstante não estarem esgotadas as hipóteses de prospectar tais recursos, «o que se vier a encontrar é sempre de reduzida dimensão».

Moura Vicente referiu que, em 1980, o País vai consumir oito milhões de toneladas equivalentes a petróleo em energia e em 1990 quinze milhões.

Neste último ano, a hidroelectricidade apenas satisfará 10 por cento das necessidades energéticas.

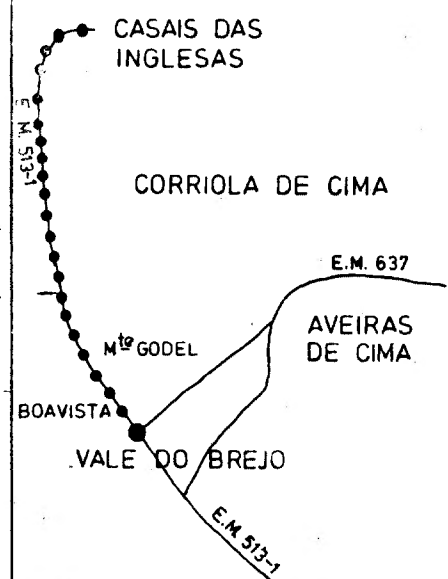
Neste colóquio, promovido pela comissão de trabalhadores da Petrogal, como preparação do primeiro encontro nacional da empresa, foi também defendida a necessidade de diversificar ao máximo as fontes de abastecimento de energia.

Um técnico da Electricidade de Portugal (EDP) referiu que as medidas de poupança de energia, decididas em Portugal, só «sumariamente foram aplicadas».

Considerou também que elas se podem dividir em quatro grupos: as que têm um valor simbólico (iluminação pública, horários dos espectáculos), as que são anunciadas mas não têm aplicação a curto prazo (desfasamento dos horários), as anunciadas mas de difícil aplicação (subsídios) e as que constituem como que um castigo aos menos bem comportados (restrições concretas ao consumo).

JAE DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DE LISBOA

ESBOÇO COROGRÁFICO



CONCURSO PÚBLICO PARA A REMATAÇÃO DAS EMPREITADAS DE CONSTRUÇÃO DO LANÇO:

E.M. 513-1 — CONSTRUÇÃO DO LANÇO DO VALE DO BREJO A CASAS DAS INGLESAS, NA EXTENSÃO DE 2,173 m (CONCELHO DE AZAMBUJA-DISTRITO DE LISBOA)

PREÇO BASE: 4.623.702\$00

CAUÇÃO PROVISÓRIA: 115.593\$00

ALVARÁ EXIGIDO: 1.ª SUBCATEGORIA DA IV CATEGORIA OU IV CATEGORIA, CLASSE CORRESPONDENTE AO VALOR DA PROPOSTA

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DE LISBOA — 12 HORAS DE 19 DE NOVEMBRO DE 1979.

LOCAL DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: RUA LUCIANO CORDEIRO 77 LISBOA ÀS 15 HORAS DE 20/11/1979.

LOCAL E HORÁRIO PARA EXAME DO PROCESSO: RUA LUCIANO CORDEIRO 77 - LISBOA DAS 9 H ÀS 12 H 30 M E 14 H ÀS 17 H DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA.

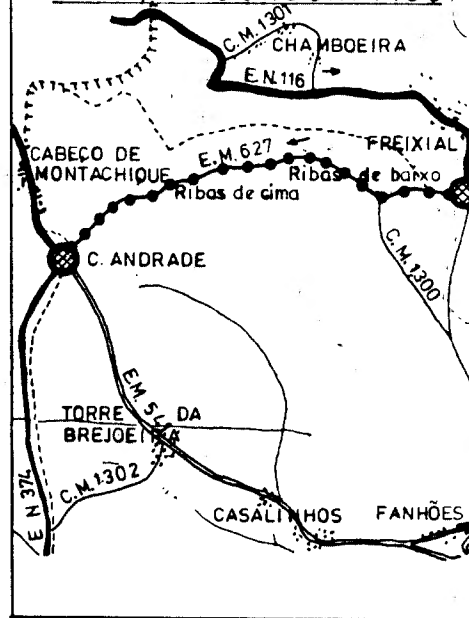
LISBOA 29/9/79.

O Eng.º Director de Serviços

A. da Silveira Ramos

JAE DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DE LISBOA

ESBOÇO COROGRÁFICO



CONCURSO PÚBLICO PARA A REMATAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DO LANÇO:

E.M. 627 CONSTRUÇÃO DO LANÇO ENTRE A E.N. 116 (FREIXIAL) E A E.N. 347 (CASAL ANDRADE) — CONCELHO DE LOURES-DISTRITO DE LISBOA.

PREÇO BASE: 8.104.434\$00

CAUÇÃO PROVISÓRIA: 202.611\$00

ALVARÁ EXIGIDO: 1.ª SUBCATEGORIA DA IV CATEGORIA OU IV CATEGORIA, CLASSE CORRESPONDENTE AO VALOR DA PROPOSTA.

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DE LISBOA — 12 HORAS DE 19 DE NOVEMBRO DE 1979.

LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: RUA LUCIANO CORDEIRO, 77 - LISBOA ÀS 15 HORAS DE 21/11/1979.

LOCAL E HORÁRIO PARA EXAME DO PROCESSO: RUA LUCIANO CORDEIRO, 77 - LISBOA DAS 9 H ÀS 12 H 30 M E 14 H ÀS 17 H DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA.

LISBOA 28/9/79 O Eng.º Director de Serviços

A. da Silveira Ramos

MAIS UMA INGERÊNCIA INTOLERÁVEL

Bispo do Funchal pede voto contra "o assalto marxista"

Membros da hierarquia católica continuam a imiscuir-se em assuntos políticos, tomando posição a favor das forças da direita. Desta feita coube a vez ao bispo do Funchal, D. Francisco Santana, apelando, em homília, a favor do voto contra o que classificou de «assalto marxista».

No entender do bispo do Funchal, o dever do voto nas próximas eleições tornou-se numa «opção fundamental» perante o «assalto marxista». Na sua homília, pronunciada no domingo passado e ontem publicada, com chamada de primeira página, pelo «Jornal da Madeira», órgão afecto ao PSD de João Jardim, fala de «minorias que enganam o povo mascarando-se por detrás de nomes que escondem o que são na realidade».

Depois de acentuar que «sobre nós madeirenses pesa a ameaça de sermos a última parcela ultramarina de Portugal» pergunta: «Que nos farão aqueles mesmos que entregaram à ruína, à fome, à escravidão e à morte muitos milhares dos nossos irmãos de Timor e das regiões africanas?».

A exemplo do arcebispo resignatário de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira, também o bispo do Funchal considera que «ficar em casa (no dia das eleições) é pecado» pelo que apelou aos católicos de Porto Santo e da Madeira para que todos cumpram «esse dever gravíssimo de votar» para que a festa do Natal seja garantida em paz familiar.

SOUSA FRANCO A "O JORNAL"

"Esses, que questionam o portuguesismo dos outros — é caso para perguntar que portugueses de que Portugal são..."

«Estamos num tempo com que, à sombra de complexos e fraudes 'antimarxistas', certa direita mascarada de centro que, apesar da imoralidade da sua vida privada e pública, pretende arrogar-se ideais cristãos, de que nem é representante e que nem pratica (antes conspurca quotidianamente), usa de todos os processos para colocar no Poder os grandes interesses económicos, mesmo colocando em risco a honra e dignidade das pessoas e o interesse nacional» — foi este o comentário inspirado a Sousa Franco por uma pergunta do semanário «O Jornal» sobre os rumores que correm de um seu possível pedido de demissão do Governo.

Numa entrevista hoje publicada naquele periódico, o ministro das Finanças insurge-se contra os «anticristãos que fingem de católicos» para insultarem cristãos e nega frontalmente que esteja demissionário ou tencione apresentar, em breve, o seu pedido de demissão: «Já desmenti três vezes que estivesse — ou tivesse estado — demissionário. Se, depois disso, como se nada se passasse, ainda há jornais que, em título de caixa alta e em primeira página, continuam a dizer que estou demissionário, que quer que lhe diga? Que — sem quebra de respeito pelos políticos honestos e pelos jornalistas conscientes — este mar de lama só me confirma o desabafo que um dia fiz, e é cada vez mais o do homem comum que eu sou, em comis-

são de serviço num Governo temporário e imparcial face aos partidos: desta política e desta imprensa tenho apenas, e cada vez mais, apenas nojo.»

«Tentar sugerir que o Governo vai demitir-se, sem Parlamento, é mais uma forma de a extrema direita tentar o golpe de Estado militar e a crise do regime» — concluiu Sousa Franco.

A uma pergunta sobre a hipótese de estar a considerar a possibilidade de aderir publicamente ao Partido Socialista, o ministro das Finanças esclareceu: «No Portugal de 1979, recusar a bipolarização, recusar o confronto, é ficar perto do PS. Mas só isso. O resto não tem fundamento. Até agora nunca fiz nada que contradissesse o que afirmei publicamente, ao contrário de outros.

Dirigente da UCD num comício do CDS

Um dirigente da UCD, partido governamental espanhol, vai participar no próximo domingo num comício do CDS, em Bragança.

Victor Carrascal, primeiro-secretário das Cortes (parlamento) espanholas acompanhará Freitas do Amaral e Basílio Horta na iniciativa partidária. No mesmo dia, o presidente do CDS inaugura a sede em Bragança do seu partido e participa num almoço de confraternização centrista.

Entretanto e durante o fim-de-semana que se aproxima, Basílio Horta e outro dirigente centrista, Rui Oliveira, estarão também no distrito de Bragança para participar em reuniões com quadros partidários e presidirem a um comício, em Barcelos.

INTELECTUAIS PROMOVEM NA REITORIA

Jejum de solidariedade com os presos do PRP

Um grupo de intelectuais vai observar amanhã e domingo um jejum simbólico de 24 horas, em solidariedade com os presos políticos do chamado «caso PRP», que se encontram em greve da fome nas cadeias de Custóias, Caxias e Pinheiro da Cruz.

O jejum começará às 15 horas em frente da Reitoria da Cidade Universitária. Durante as 24 horas serão feitas sessões de esclarecimento sobre a situação política, jurídica e humana dos presos, que protestam pelo prolongamento da sua detenção e pelo facto de o Presidente da República ainda não ter promul-

gado a Lei da Amnistia.

Entre os promotores da iniciativa, que participarão no jejum, contam-se Augusto Abelaira, Maria Belo, Ernesto de Sousa, Manuel Vilaverde Cabral.

OCUPAÇÃO EM COIMBRA

Entretanto, ontem cerca de seis dezenas de estudantes e ex-estudantes da Universidade de Coimbra ocuparam simbolicamente ao fim da manhã algu-

mas dependências da Reitoria, protestando contra a manutenção da prisão de 37 elementos do PRP.

Durante a ocupação, que se prolongou por trinta minutos (das 11h45 às 12h15), os manifestantes parlamentaram como reitor da Universidade, Ferrer Correia, a quem expuseram as razões da sua atitude e solicitaram apoio.

O reitor afirmou não poder pronunciar-se pessoalmente sobre o assunto, porque o desconhecia. Disps-se, no entanto, a comunicar o sucedido ao Ministério da Educação e ao governador civil de Coimbra.

Pub

COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL CCTV DAS INDÚSTRIAS DA MADEIRA

A Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras foi finalmente recebida pelo secretário de Estado do Trabalho no passado dia 4 de Outubro.

Relativamente à PRT para as indústrias de Madeira, o secretário de Estado prometeu-nos o seu total empenhamento no sentido de a PRT estar concluída no final do corrente mês, e, o mais tardar, publicada na 1.ª quinzena de Novembro. Mostrou-se ainda bastante interessado quanto às principais reivindicações dos trabalhadores.

Perante tal promessa, o Plenário Vertical de Sindicatos do sector, reunido no dia 8 de Outubro, decidiu suspender a concretização da paralisação planeada. Decidiu ainda marcar um novo plenário, após o fim do prazo previsto pelo secretário de Estado para publicação da PRT, para se decidir da adopção de formas de luta que se julguem convenientes, caso a PRT não esteja já publicada ou, estando-o, não consagra as justas reivindicações dos trabalhadores, tais como:

—Tabelas salariais que reponham o poder de compra dos trabalhadores e tenham em conta o salário mínimo nacional já aprovado em Conselho de Ministros;

—Aumentos mínimos de 1.100\$00 para todos os trabalhadores que ganhem acima dos valores que vierem a ser consagrados na PRT;

—Consagração das condições específicas propostas para as diversas categorias profissionais;

—Fornecimento obrigatório de ferramentas ou subsídio de desga te das mesmas;

—Retroactivos, diuturnidades e subsídio de alimentação

UNIDOS LUTEMOS POR UMA REGULAMENTAÇÃO DE TRABALHO JUSTA!

A CNS

PUB



Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

AOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

PARALISAÇÃO NO SECTOR

Proposta da Direcção do Sindicato à Reunião Geral de Sócios do dia 13-10-79

Camaradas,

O Ministério do Trabalho esgotou o prazo que lhe foi dado pelo Plenário Nacional de Delegados Sindicais para dar início aos trabalhos da Comissão Técnica responsável pela elaboração da PRT.

Das sucessivas diligências feitas junto deste Ministério, está a Direcção do Sindicato informada que os restantes Ministérios da Tutela ainda não tinham, até ontem, nomeado os seus representantes para a referida Comissão.

Esforços despendidos, ontem, mais uma vez, junto destes Ministérios para os levar a nomear representantes, esbarraram com uma teia burocrática, uma fuga às responsabilidades, um «não te rales», um completo desprezo pela difícil situação em que se encontram, cada vez mais, trabalhadores do nosso sector. Desprezo pela nossa razão, desprezo que nos recorda a corrupção Motapintista que até há pouco reinava em todos os Ministérios deste País.

Sabemos que «fortes pressões do Patronato» são responsáveis pela demora do Ministério do Trabalho em dar início aos trabalhos

Sabemos que não se trata de mera coincidência o facto de nem os Ministérios nem o Patronato, terem ainda nomeado representantes

Sabemos, hoje, que as tabelas salariais não serão actualizadas se não lutarmos por elas com as armas de que dispomos, as armas da nossa razão!

Consciente de tudo ter feito para evitar formas de luta radicais, a Direcção do Sindicato decidiu apresentar na Reunião Geral de Sócios do próximo sábado, dia 13, uma proposta de paralisação, a nível nacional, no sector da Indústria e Comércio Farmacêuticos, responsabilizando, desde já, os Ministérios e o Patronato.

Camarada,

Pelas decisões que irá tomar, a RGS do próximo sábado, convocada para LISBOA, PORTO e COIMBRA, reveste-se da mais elevada importância.

COMPARECE! PARTICIPA!

A luta pela saúde das Tabelas Salariais agudiza-se. Não fiques de fora.

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

LISBOA — Dia 13 às 15 horas, no **Sindicato da Imprensa** — Largo da Trindade, 16 - 2.º

PORTO — Dia 13 às 15.30 horas, no **Salão do INATEL**, Praça da Batalha, 32

COIMBRA — Dia 13, às 15 horas, na **Delegação do Sindicato**.

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 - CONTRATAÇÃO
 - a) Análise da situação
 - b) Medidas a tomar

**CONTRA O BOICOTE DO PATRONATO E DO GOVERNO!
PELO INÍCIO DOS TRABALHOS DA COMISSÃO TÉCNICA!
PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS TRABALHADORES!
PELA RÁPIDA SAÍDA DAS TABELAS SALARIAIS E CONDIÇÕES PECUNIÁRIAS!**

10/10/79

Saudações Sindicais
A Direcção

Ordem dos deputados nas listas eleitorais

É a seguinte a ordem de apresentação dos partidos nas listas para as eleições intercalares de 2 de Dezembro:

Viana do Castelo: PCTP/MRPP, PDC, OCMLP, AD, PT, PS, UEDS, PSR, UDP, APU.

Braga: PSR, PDC, UDP, AD, PCTP/MRPP, UEDS, APU, PS, PT.

Vila Real: PCTP/MRPP, PDC, UDP, PS, AD, UEDS, APU, OCMLP, PSR, PT.

Porto: APU, PSR, PDC, AD, UDP, PS, UEDS, PT, PCTP/MRPP.

Viseu: UEDS, PT, PCTP/MRPP, PSR, AD, UDP, PDC, PS, APU, OCMLP.

Aveiro: UEDS, PCTP/MRPP, PDC, PS, PSR, PT, AD, UDP, APU.

Coimbra: PS, PCTP/MRPP, PSR, PDC, UDP, PT, APU, OCMLP, PDC, PS, AD, UEDS.

Guarda: AD, PSR, PS, UEDS, PCTP/MRPP, PDC, UDP, APU, PT.

Leiria: PCTP/MRPP, PS, PDC, AD, PSR, APU, PDC, UDP, PT, UEDS.

Portalegre: UDP, APU, AD, PT, PSR, PCTP/MRPP, PS, PDC, UEDS.

Lisboa: APU, UDP, PCTP/MRPP, PDC, PS, AD, PDC, UEDS, PT, PSR.

Setúbal: PDC, OCMLP, APU, UDP, AD, PSR, UEDS, PCTP/MRPP, PT, PS.

Évora: PSR, PS, UDP, APU, PDC, AD, PT, UEDS, PCTP/MRPP.

Beja: PCTP/MRPP, APU, AD, PS, PSR, UDP, UEDS, PT, PDC.

Faro: PS, PT, UEDS, APU, PCTP/MRPP, PSR, PDC, AD, UDP.

Açores: CDS, APU, PCTP/MRPP, PSD, PSR, UDP, PS.

EANES REALISTA, À CHEGADA DE PARIS

"Os resultados foram os que podíamos esperar"

« Os resultados conseguidos foram os que realisticamente poderíamos esperar » — afirmou Ramalho Eanes ontem, em Lisboa, no regresso de Paris e fazendo para os jornalistas uma declaração acerca da sua visita oficial de três dias à França.

No dizer do PR, dois aspectos são de destacar, entre aqueles que positivamente caracterizam esta visita. Primeiro, «as garantias definitivas dadas pela França a respeito dos direitos de estadia e de trabalho dos nossos emigrantes. O Presidente Giscard reafirmou essas garantias, o Governo francês dispõe-se a tomar todas as providências

necessárias para que todos os portugueses radicados em França delas beneficiem. «Portugal — palavras de Eanes — não tem de agradecer os actos de justiça, mas é sensível ao mérito político de que, como no caso presente, esses actos se revestem. » O segundo aspecto, palavras do PR: «Em relação aos trabalhadores portugueses, a aplicação de um estatuto semelhante ao que reserva aos emigrantes dos países já integrados na CEE, a França definiu uma atitude que, sendo igualmente justa, corresponde também ao interesse de Portugal e à linha política que temos sustentado no

processo da nossa adesão à Comunidade Europeia, desejamos ver respeitada a cronologia dos pedidos de adesão e a França declarou agora que perfilha a nossa tese. Pretendemos que a plena integração de Portugal na Europa se faça segundo o ritmo acelerado que melhor salvaguarda a especificidade dos nossos problemas e a França apoia desde já o nosso ponto de vista. »

Reconhecendo que «as relações entre os países são fenómenos complexos», Eanes falou da «amizade do Presidente Giscard pelo nosso país e a sua estima pelos emigrantes portugueses», que terão sido factores determinantes do desenvolvimento recente das relações bilaterais. «Estou convicto de que as modificações qualitativas operadas ultimamente nas relações luso-francesas (...) abrem as melhores perspectivas para o apoio que esperamos da França no que diz respeito à melhoria das condições de acesso de alguns dos nossos produtos ao mercado comunitário, desde já e até à completa integração de Portugal na CEE» — diria ainda Eanes, referindo a posição cimeira que a França ocupa no quadro de investimentos no nosso país. Antes, o PR afirmara: «Nós entendemos o interesse permanente da França e da Europa pela estabilidade da democracia em Portugal e pelo progresso económico e social do nosso país. Pensamos assim e temo-lo dito claramente. Mas ver as nossas posições compreendidas e aceites pelo Presidente da França e pelo Governo Francês, a ponto de servirem de base a decisões que correspondem aos objectivos essenciais de Portugal, representa um passo em frente cuja importância e cujo alcance nos cumpre saber medir. »

Ainda no dizer de Eanes, existem «boas perspectivas de desenvolvimento dos intercâmbios económicos, comerciais, técnicos, e científicos, em favor de Portugal».



Miguel Trovoadade

EMBAIXADA DE S. TOMÉ

Miguel Trovoadade terá estado enviado em tentativa para eliminar Piu

Miguel Trovoadade é acusado de «convivência com tentativas de golpe de Estado que visam a eliminação física do chefe do Estado» da República Democrática de S. Tomé e Príncipe. A informação foi prestada pela embaixada daquele país em Lisboa num comunicado em que adianta os primeiros dados para a compreensão da prisão do antigo primeiro-ministro são-tomense. Trovoadade foi detido nas instalações do PNUD, em S. Tomé, onde se refugiara depois de lhe ter sido negado asilo político na embaixada portuguesa.

No comunicado revela-se que sobre Miguel Trovoadade pendem «graves acusações» nomeadamente a de «convivência com as tentativas de golpe de Estado que visavam a eliminação física do Chefe do Estado», «tentativa de desestabilização no seio do partido e do Governo», «tentativa de desestabilização no seio do partido e do Governo», «fuga de responsabilidade». Adiante o esclarecimento que Miguel Trovoadade procurou furtar-se a «responder perante o Conselho Coordenador» do MLSTP refugiando-se na delegação do PNUD.

E o comunicado da embaixada prossegue:

«Como é sabido o PNUD não tem competência para conceder asilo político. Apesar disso, o

Há jornais que vão tomando todas as formas

O NOVO JORNAL DIÁRIO

PortugalHOJE

TEM COLUNA VERTEBRAL

leia,
todas as manhãs,
PortugalHOJE
O jornal responsável
dos democratas
responsáveis

PortugalHOJE

MATUTINO DE GRANDE INFORMAÇÃO

Carneiro estige cabeças de listas

... (text) ...

Eduardo dos Santos sucessor de Neto

... (text) ...

Uganda: a violência de novo

... (text) ...

Metade do País sem botéis nem restaurantes

... (text) ...

Salários mínimos foram actualizados

... (text) ...

OLP tem delegação em Lisboa

... (text) ...

TISSOT

... (text) ...

PS apresenta candidatos em todas as autarquias

O Partido Socialista vai apresentar candidatos para todos os órgãos autárquicos em todo o País, de acordo com uma deliberação já tomada e ontem confirmada durante uma reunião de militantes ligados à preparação das eleições.

Na reunião que foi presidida pelo presidente do PS António Macedo e na qual também participou Mário Soares, foram definidos os critérios de escolha dos candidatos às eleições autárquicas e denunciada a «campanha de outros partidos que, sobretudo ao nível de freguesias, abordam possíveis candidatos do PS alegando falsamente que este não concorre localmente».

Do comunicado final da reunião, emitido pelo gabinete de Imprensa do PS, consta também uma chamada de atenção das autoridades «para a necessidade de ser assegurada por todos os meios a liberdade de opção dos eleitores e a genuidade do sufrágio».

Durante a reunião, o coordenador da Comissão Técnica Eleitoral do PS, Almeida Santos fez uma exposição sobre os trabalhos preparatórios das campanhas eleitorais.

ELEIÇÕES LOCAIS

Membros vão aparecer em listas d

Membros da ASDI (Associação Social Democrata Independente) poderão integrar lista do Partido Socialista nas eleições para as autarquias locais.

Esta hipótese segue-se à decisão da ASDI de libertar os seus membros para participarem no segundo acto eleitoral do corrente ano, previsto para 16 de Dezembro.

A posição da Associação, constituída por dissidentes do PSD, segue-se a consultas com o Partido Socialista, formação com a qual esteve próximo de uma coligação de Governo por alturas da crise que culminou com a demissão de Mota Pinto.

Num comunicado distribuído entretanto a ASDI afirma que «não só autoriza «como» incentiva os socialdemocratas independentes a participar nas listas, a aceita-



Manuel Pinto da Costa

POR CAUSA DOS INCIDENTES DE MONTEMOR

Costa Brás e Passos Esmeriz deslocam-se à GNR de Évora

O ministro da Administração Interna está desde o princípio da tarde de hoje em Évora, para tomar conhecimento do resultado da investigação preliminar levada a cabo pelo comando local da GNR, sobre os incidentes verificados em Montemor e que custaram a vida a dois trabalhadores rurais.

Costa Brás, que é acompanhado pelo comandante-geral da GNR, avistar-se-á também com o governador civil do distrito.

Uma vez concluída a investigação preliminar o processo será enviado à Polícia Judiciária Militar, que se encarregará da sua instrução e remessa para tribunal.

Entretanto, o Conselho Superior da Magistratura ainda não nomeou o magistrado que se encarregará do inquérito ordenado pelo Governo. Segundo afirma esta manhã o semanário «O Jornal» a não nomeação deve-se a que todos os convidados até ao momento se recusaram a aceitar a incumbência. Só no princípio da próxima semana o CSM reve-

lará o nome do magistrado escolhido.

MINISTÉRIO PÚBLICO

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público resolveu participar criminalmente dos autores morais e materiais da morte dos dois trabalhadores e de ferimentos graves em outros.

Segundo um comunicado emitido pela direcção deste sindicato, os referidos magistrados encontram-se preocupados «sobre a forma cada vez mais violenta como as forças policiais vêm actuando, designadamente em conflitos sociais e laborais. Segundo se afirma no comunicado, «os acontecimentos (de Montemor) exigem uma averiguação em processo judicial — a forma correcta de apurar a responsabilidade e punir os autores morais e materiais do duplo homicídio — a efectuar na área da comarca competente: a de Montemor-o-Novo».

A direcção do sindicato resolveu ainda «alertar a opinião pú-

blica contra eventuais tentativas de subtrair a averiguação judicial dos factos do foro comum».

DESPACHOS REVOGADOS

A par das averiguações sobre os incidentes de Montemor, regista-se alguma actividade sobre questões relacionadas com a Reforma Agrária. Assim, no MAP, foram já revogados dez despachos da equipa Vaz Portugal, ordenando a entrega de reservas, despachos que seriam da responsabilidade de Ferreira do Amaral, hoje candidato às eleições intercalares pela Aliança Democrática.

Depois de ocupar o Ministério logo a seguir à posse do V Governo, o ministro Joaquim Lourenço e os secretários de Estado resolveram reanalisar os despachos dos responsáveis anteriores ainda não cumpridos, que eram cerca de sessenta. Para já, dez desses despachos foram revogados por incorrerem em manifestas irregularidades e ilegalidades.



Passos Esmeriz



Costa Brás

Conferência Nacional do PCP

Realiza-se no próximo domingo, com início às 9.30, no Pavilhão da Académica da Amadora, a Conferência Nacional do PCP. Em discussão: «as grandes linhas de actuação» do partido nas próximas eleições para a Assembleia da República e para as Autarquias Locais. Participam cerca de mil delegados, representando todas as organizações do PCP, e 2500 convidados.

Uma intervenção de Álvaro Cunhal abrirá a Conferência, es-

tando previstas comunicações de Carlos Brito sobre as listas de candidatos e o papel dos deputados comunistas na Assembleia da República, de Carlos Costa, sobre as autarquias e as eleições para os órgãos do Poder Local, e ainda várias intervenções das direcções das Organizações Regionais do PCP sobre problemas e sectores da vida nacional.

No próximo dia 21, a partir das 14.30, no Pavilhão dos Despor-

tos, cerca de 5000 militantes dos organismos de direcção, organizações concelhias e de freguesia, sectores profissionais da ORL e candidatos comunistas das listas da APU participarão num Encontro de Militantes da Organização Regional de Lisboa, no âmbito dos actos preparatórios dos próximos actos eleitorais. O Encontro terá em conta as conclusões que sairão da Conferência Nacional do próximo domingo.

Director-geral dos Transportes Terrestres desloca-se a Moncorvo

O director-geral dos Transportes Terrestres desloca-se na próxima semana à zona de Moncorvo e nomeadamente da Linha do Sabor, com o objectivo de recolher elementos que habilitem o Governo a um melhor conhecimento dos conflitos que ali têm surgido com a CP e a tomar decisões globais em matéria de transportes.

Sabe-se que o Ministério dos Transportes está neste momento bastante sensibilizado

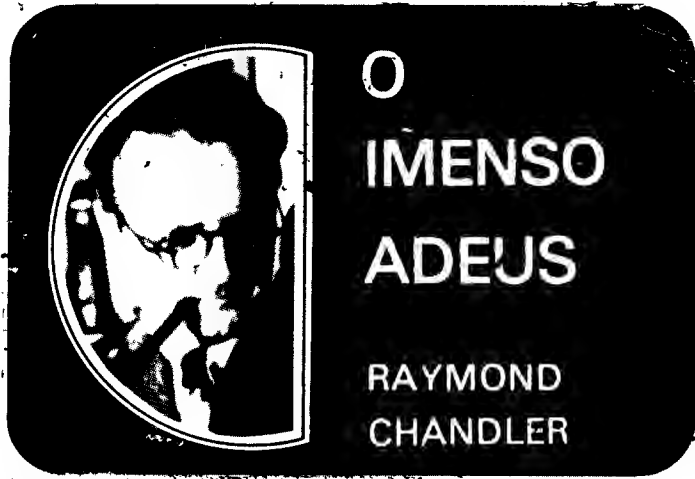
com o problema da Linha do Sabor, que aliás teria sido despoletado durante uma viagem do titular daquela pasta ao estrangeiro.

Entretanto um técnico da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres encontra-se naquela zona, percorrendo povoação por povoação, toda a linha do Sabor a fim de averiguar o que se passa e fazer um levantamento completo da situação.

Admite-se que após a análise dos elementos que lhe têm vindo

a ser fornecidos e uma vez concluído o trabalho dos técnicos enviados ao Nordeste, o ministro, que segundo informação recolhida esta manhã pelo «DL» tem estado a acompanhar o assunto com interesse, se desloque em altura oportuna àquela região do País.

Para já uma coisa têm os nordestinos garantida: a CP não encerrará a linha do Sabor pois tal carece de autorização do Ministério dos Transportes.



© — Livros do Brasil/College Trustees

— Desculpe. Daqui a seis meses nem mesmo me lembrarei do seu nome. Traga o champanhe para a sala. Quero luz.

Eu fiz o que ela me pediu. Sentou-se no sofá. Eu pus o champanhe na mesa, em frente dela e ela ficou a olhá-lo sem lhe tocar.

— Quando nos encontrarmos eu apresentar-me-ei. E beberemos uma bebida.

— Como esta noite?

— Esta noite não tornará a repetir-se.

Ela levantou o copo de champanhe, bebeu um pouco, virou-se no sofá e atirou-me com o resto à cara. Depois ficou novamente a chorar. Tirei um lenço do bolso, limpei a minha cara e a dela.

Não sei porque fiz isto disse-me. Mas não me responda que é por eu ser uma mulher e uma mulher nunca saber o que faz.

Deitei-lhe mais champanhe na taça e ri-me. Ela bebeu-o, virou-se e deixou-se cair sobre os meus joelhos.

Estou cansada disse-me. Desta vez vai ser preciso pegá-la ao colo.

Depois de algum tempo adormeceu.

Dormia ainda quando eu me levantei de manhã para fazer o café. Tomei um duche, fiz a barba e vesti-me. Nessa altura ela acordou. Tomámos juntos o pequeno almoço. Depois chamei um taxi e levei-lhe a mala até ao fundo dos degraus.

Dissemos adeus. Fiquei a ver o taxi desaparecer. Subi as escadas, fui ao quarto, desmanchei completamente a cama e tornei a fazê-la. Uma das almofadas tinha um cabelo comprido e preto. Senti uma bola de chumbo no estômago.

Os franceses têm uma frase que traduz esta sensação. Os malandros arranjam frases para tudo e têm sempre razão. «Partir é morrer um pouco».

318

MEMÓRIAS DO CINEMA 78

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30 h:

Sala 1 — Lolita (Realiz. Prossegue Fim-de-Semana Alucinante (Realiz. John Boorman)

Sala 2 — O Monte dos Vendavais (Realiz. William Wyllce). Negócio à

Italiana (Realiz. Sérgio Corbucci) Sala 3 — «Modesty Blaise» A Mulher Detective (Realiz. Joseph Losey. Al Capone (Realiz. Steve Carver)

Sala 4 — Al Capone (Realiz. Steve Carver) Lolita (Realiz. Stanley Kubrick)



Linguacoop

AVENIDA MANUEL DA MAIA, 46, 1.º - d.º (à Praça de Londres)

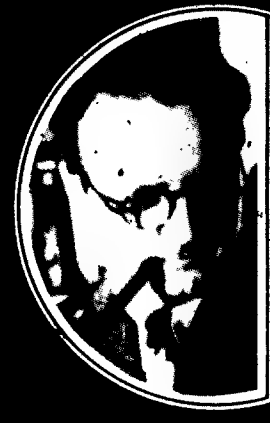
Cursos individuais e em grupos INGLÊS - FRANCÊS - ALEMÃO - ESPANHOL - RUSSO - ITALIANO - PORTUGUÊS - (para estrangeiros)

AULAS MINISTRADAS POR PROFESSORES DA NACIONALIDADE

- Cursos de preparação para Lower Cambridge Certificate e Proficiency.
- Cursos especiais para técnicos.
- Cursos para principiantes a iniciar brevemente.

Linguacoop oferece propinas mais baratas porque somos uma cooperativa sem lucros pessoais.

INSCRIÇÕES ABERTAS



O
IMENSO
ADEUS
RAYMOND
CHANDLER

Livros do Brasil College Trustees

51

O Sewell Endicott disse-me que trabalhava até tarde e que eu podia falar com ele cerca das sete e meia.

Tinha um escritório de canto, com um tapete azul, uma secretária em mogno com cantos trabalhados, muito antiga e certamente muito valiosa. Estantes com portas de vidro cheias de livros legais, as habituais gravuras representando juizes ingleses e feitas pelo Spy e um enorme retrato do Juiz Oliver Wendell Holmes, sózinho numa das paredes. A cadeira do Endicott estava fôrada de cabedal preto. Junto da secretária havia uma mesa coberta de papéis. Era o género de escritório que nunca tinha sido tocado por decoradores. Estava em mangas de camisa e parecia cansado. Fumava. A cinza do cigarro caíra-lhe sobre a gravata desatada. E o cabelo preto e escorrido estava despenteado.

Olhou-me em silêncio enquanto eu me sentava. Depois disse-me:

— Você é o maior teimoso que tenho encontrado. E não me diga que continua a remexer no assunto.

Há qualquer coisa que ainda me preocupa. Posso partir do princípio que o senhor, quando me visitou na gaiola, representava o sr. Harlan Potter?

Ele baixou a cabeça. Toquei levemente na cara já cicatrizada mas ainda sem grande sensibilidade. Uma das pancadas devia ter-me atingido um nervo. Eu estava sempre a levar lá a mão. Mas devia passar com o tempo.

— E que quando o senhor foi a Otatoclan representava o delegado?

— É verdade, mas não vale a pena atirar-me isso à cara. Foi uma ligação muito valiosa, mas talvez eu lhe tivesse dado demasiada importância.

— Espero que não tenha acabado?

Ele abanou a cabeça.

319

— VENDEMOS EM BOM PREÇO MÁQUINA DE LIMPEZA A SECO INDUSTRIAL, ROYAL 22 E VAPORETA T-34 IMPECÁVEIS. MOTIVO À VISTA

Resposta a este jornal ao n.º 11101

PRECISA DE CASA E TEM POUCO DINHEIRO?

Consulte-nos, temos andares na Baixa da Banheira com óptima construção e acabamentos. Preço desde 700 contos. Sinal e princípio de pagamento a partir de 20 contos.

INFORMAÇÕES E MERCAÇÕES DE VISITAS PELOS TELS. 236822/236862

FRANCÊS/ALEMÃO PROFESSORES DE ORIGEM

INSCRIÇÕES ABERTAS DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 10 ÀS 20.30 HORAS

CETI, SCARL.

Av. Elias Garcia, 20-2.º Esq. LISBOA
TELF. 73 42 34

AMÉRICA

Fidel discursa hoje na ONU

O presidente cubano, Fidel Castro, saiu hoje de manhã da missão cubana junto da ONU, situada no centro de Manhattan, para se dirigir ao Palácio de Vidro, onde pronunciará um discurso de uma hora e um quarto na Assembleia Geral.

Poucas informações transpiraram sobre as suas actividades na quinta-feira. Sabe-se que Fidel Castro não saiu da missão, fortemente guardada, e que o telefone não respondia.

Contudo, indicou o porta-voz da ONU, Fidel Castro recebeu o presidente da Assembleia Geral, Salim Ahmed Sali (Tanzânia), para combinar os pormenores da sua visita na sexta-feira, à sede da organização internacional. Castro, soube-se, além disso, avistou-se com o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Isidoro Malmierca, depois de ter recebido o primeiro-ministro de Grenada, Maurice Bishop.

Alguns exilados anticastristas manifestaram ontem junto das barreiras a sua hostilidade ao líder cubano, sem criar tumultos. Ainda a Polícia espera para

hoje manifestações mais importantes de exilados cubanos. Cem mil vivem no estado vizinho de Nova Jersey e dez mil deverão convergir durante o dia para as Nações Unidas, onde os dispositivos de protecção serão consideravelmente reforçados.

Depois do seu discurso, Fidel Castro deve participar num almoço oferecido em sua honra pelo secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, na presença dos ministros dos Negócios Estrangeiros presentes em Nova Iorque, e de chefes de delegações, particularmente Donald McHenry, embaixador americano na ONU.

Castro deverá depois partir de Nova Iorque para Cuba. Mas, segundo certas informações, ainda não confirmadas, tenciona prolongar a sua estada até à próxima quinta-feira.

«OUTRA COMÉDIA»

O presidente Fidel Castro declarou-se, ontem, satisfeito

com a organização de manobras americanas em Guantanamo, na ilha de Cuba, «porque isso estimula o nosso espírito de luta».

O presidente cubano que fez estas declarações à cadeia de TV americana NBC, no avião que o levava para os EUA, acrescentou: «Espero que tudo isto não passe de pura comédia».

Os EUA enviaram um reforço de 1500 «marines» na base de Guantanamo e iniciaram manobras militares, após o fracasso das negociações sobre a retirada duma brigada soviética estacionada na ilha.

Estas manobras americanas «não nos impedem de dormir», disse ainda Castro. «Durante 20 anos, acrescentou, os EUA fizeram manobras e ameaçaram Cuba e não vou perder o sono porque chegaram mais «marines».

Castro indicou, por outro lado, que não levantava nenhuma objecção quanto a discutir com as autoridades americanas o problema da brigada soviética, mas o Departamento de Estado anunciou de imediato que tal en-

trevista não estava prevista durante a estada de Castro nos EUA.

«Não ameaço ninguém, mas digo que qualquer acção militar contra Cuba ameaçará a paz mundial», acrescentou Fidel Castro.

Há 19 anos...

Decorreram já 19 anos desde a primeira e histórica viagem de Fidel Castro às Nações Unidas em 1960. A recordação dessa visita que coincidiu com a também célebre presença de Nikita Krutchev na Assembleia Geral da ONU está ainda viva em muitas memórias.

Para uns restam apenas as imagens pitorescas de Krutchev descalçando o seu sapato e batendo com ele na tribuna da Assembleia para manifestar o seu desagrado pela forma como decorria a sessão. Outros recordam-se de Fidel que, nos seus 34 anos e no entusiasmo da vitória da revolução cubana, se instalou num hotel de Nova Iorque com o seu estado-maior de noventa barbudos em fato de combate.

No entanto nem só folclore aconteceu nesses dias de 1960. Fidel Castro, que hoje volta a usar da palavra nas Nações Unidas mas como Presidente do Movimento dos Não Alinhados, pronunciou nessa altura um vibrante discurso que durou quatro horas e meia. Desse discurso de que também alguns ainda se lembram, salientavam-se os violentos ataques de Fidel contra o imperialismo Norte-americano. Os ataques à permanência das tropas americanas na base naval de Guantanamo, em pleno território da ilha de Cuba, e a exigência da sua retirada foram alguns dos aspectos da intervenção de Fidel que ainda hoje assumem grande significado.

Neste momento, em que a questão das reacções americanas à presença de soldados soviéticos em Cuba ainda está na ordem do dia, convém não esquecer que já em 1960 Fidel denunciou a presença no seu país de tropas americanas!

Rebelião fascista derrotada na Bolívia

Militares fascistas que ontem se sublevaram em três unidades da Bolívia regressaram já aos seus quartéis — informou uma nota oficial emitida pelo congresso reunido em sessão permanente em La Paz. Os revoltosos haviam ocupado a prefeitura, os paços do concelho e a estação radiofónica da cidade de Trindade, a 690 quilómetros ao norte de La Paz, exigindo, através da emissora local, a dissolução do Parlamento e a substituição do presidente civil, Guevara Acre, por um militar. Os revoltosos, que obtiveram, segundo informação da Reuter, o apoio das guarnições das cidades vizinhas da Riberalta e Guayaramerin, tinham estado numa festa e depois das libações alcoólicas decidiram ocupar a estação radiofónica e proclamar os seus intentos subversivos.

Trindade fica junto da fronteira com o Brasil e é uma região que conta com muitos adeptos do ex-ditador, general Banzer, o qual está a ser julgado pelo Congresso sob acusações de traição, espionagem a favor do Chile, violações dos direitos humanos e corrupção enquanto esteve no poder de 1971 a 1978. Não se conhecem contudo ligações dos «banzeristas» com os revoltosos.

A despeito de certos pormenores desta rebelião darem a ideia de que se tratou de uma erupção superficial, a verdade é que a democracia da Bolívia corre sérios riscos. Logo que houve conhecimento dos acontecimentos a Central Operária Boliviana (COE) decretou uma greve de 24 horas, a partir das zero horas

locais, e o congresso reuniu-se em sessão de emergência. Todos os sectores democráticos reagiram vivamente aos acontecimentos e lançaram apelos para o reforço das instituições democráticas.

Os parlamentares, em conferência de imprensa, declararam que a democratização do país, está a ser travada por forças reacçãoárias internas («Nova Rosca», i.e., a média burguesia e os sectores fascizantes do Exército) e internacionais. Segundo eles, os congressistas americanos estão a preparar um sério golpe contra a economia boliviana, tencionando lançar no mercado 235 mil toneladas de estanho, o que originaria uma acentuada quebra de cotação da maior riqueza boliviana.

● **EUA** — O ex-presidente do Sindicato dos Mineiros norte-americano, Tony Boyle, foi condenado ontem a três penas de prisão perpétua por ter ordenado o homicídio de um dirigente sindical seu rival, Joseph Yablonski e da família deste.

● **EL SALVADOR** — O grupo clandestino Forças Armadas da Resistência ocupou ontem várias emissoras radiofónicas na capital e no interior do país, transmitindo proclamações contra o ditador Romero, e exaltando a figura de «Che» Guevara.

Representantes da FAPU e das mães dos desaparecidos de El Salvador, que andam a percorrer a Europa, procurando auxílio para a sua luta contra a ditadura, deram ontem uma conferência de imprensa em Paris fazendo um apelo contra a ditadura que há 58 anos persiste no seu país.

● **BRASIL** — Dirigentes sindi-

cais brasileiros vão reunir-se no próximo sábado para divulgar o programa do Partido do Trabalho.

● **NICARÁGUA** — A URSS vai instalar uma embaixada em Nicarágua, foi hoje oficialmente anunciado pelo MNE da Nicarágua. Será a terceira embaixada soviética na América Central, depois das que já existem em Cuba e em São José da Costa Rica.

● **MÉXICO** — Representantes de 22 partidos políticos latino-americanos encontram-se reunidos na cidade mexicana de Oaxaca, a fim de tentarem organizar uma frente política contra as ditaduras no subcontinente. Por outro lado, o presidente da União Mundial Democrata-Cristã, Mariano Rumor, declarou ontem em Roma, no final de uma série de encontros que teve na A. Latina com dirigentes democrata-cristãos locais que as ditaduras alimentam conflitos e tornam cada vez mais duro o sofrimento dos povos.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Zona Lisboa, a que se refere processo 8/65.384, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Sintra da linha aérea a 10 kV, n.º 381/R-9, com 228 metros do apoio n.º 5 da linha n.º 781, ao Posto de Transformação n.º 5153-C, em Fontanelas.

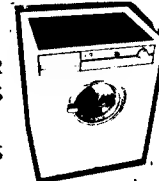
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo. Repartição de Licenciamento, em 8 de Outubro de 1979.

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,
José Flores



ELECTRO ALEGRIA
REPARAÇÕES

FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR DE TODAS AS MARCAS
REPARAÇÕES COM GARANTIA
BOBINAGENS



646886
639686

R. DA JUNQUEIRA, 200 PORTA 36-36 A (LISBOA 3)

3.º JUÍZO DO TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, 2.ª Secção, no Proc. N.º 2.080, correm editos de Trinta dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o réu — ANTONIO EVANGELISTA DE CARVALHO, casado, curtidor, ausente em parte incerta, com o último domicílio conhecido na Fábrica de Curtumes Pedro Leite de Oliveira — Lubango, República Popular de Angola para no prazo de Vinte dias, decorrido o prazo dos editos, contestar, querendo, os pedidos de divórcio litigioso e de concessão do benefício de assistência judiciária, que lhe move sua mulher MARIA OLGA PEREIRA DE JESUS, doméstica, residente na Rua do Ferragial n.º 11-3.º - LISBOA.

A autora pede que seja decretado o divórcio entre ambos, baseando o seu pedido na alínea a) do artigo 1.º do Código Civil e o de concessão do benefício de assistência judiciária na carência de meios económicos. O duplicado da petição inicial, está à sua disposição neste Juízo e Secção.

Lisboa, 6 de Outubro de 1979
O JUIZ DE DIREITO
(a) — João Pedro Gomes Lopes da Cunha

ASIA

Hua Guofeng partiu de Pequim a caminho da Europa Ocidental

O presidente do Partido Comunista Chinês, Hua Guofeng, deixou hoje Pequim para uma viagem de três semanas à Europa Ocidental, que classifica de «grande significado para a preservação da paz na Europa e no Mundo».

Hua e a sua delegação de 15 elementos farão uma escala de dois dias em Urumqi, capital da província de Xinjiang. Embora não tenham sido prestadas informações, a escala, em princípio, servirá para Hua descansar e tratar de assuntos oficiais.

O líder chinês chegará a Paris no próximo dia 15, a Berlim Ocidental, a 21, estará em Londres a 28 e em Roma a 3 de Novembro.

É a primeira visita de Hua Guofeng à Europa Ocidental e a terceira fora do seu país. Antes tinha estado na Jugoslávia, Roménia, Irão e Coreia do Norte.

A despedirem-se de Hua no aeroporto estavam todas as primeiras figuras chinesas designadamente o vice-primeiro-ministro, Deng Xiaoping, o vice-presidente Ye Jianying, Li

Xiannian e outros dirigentes partidários e conselheiros de Estado.

Foi notada a ausência nas cerimónias de despedida no aeroporto dos dirigentes da chamada «ala esquerda»: pelo menos cinco altos funcionários não compareceram. É a primeira vez que uma tão significativa ausência se nota em momento tão importante, e, segundo os observadores, isto não pode ser obra do acaso.

O tom que Hua Guofeng vai dar à sua viagem pode ser previsto através das declarações do «Diário do Povo» sobre as propostas de Brejnev, que aquele jornal considera uma tentativa de «minar a unidade da Europa Ocidental» através da «chantagem e da ameaça». Todo o tom do jornal faria inveja aos políticos e jornalistas mais reaccionários do Ocidente, pois o jornal repete exaustivamente os costumes argumentos da inferioridade da defesa ocidental em relação à soviética, e da necessidade de

rearmamento europeu.

Entretanto a segunda unidade de artilharia do Exército de Libertação da China, que ocupa sessenta por cento das instalações da Universidade Popular de Pequim, consentiu em restituí-las na sua maior parte depois da manifestação efectuada ontem na capital pelos dois mil estudantes da Universidade.

Por último, oito partidos políticos da China reuniram-se hoje em Congressos nacionais, pela primeira vez em duas décadas, no que a Agência Noticiosa Nova China declarou ser revivificação das actividades partidárias democráticas.

Cheias catastróficas na Índia

Mais de um milhão de pessoas sem abrigo e pelo menos treze mortos é o balanço das cheias ocorridas na Índia — revelou hoje a Agência Noticiosa Indiana.

As águas do rio Bramaputra em Assam, Estado oriental da Índia, isolaram muitas regiões do resto do país, refere a Agência, acrescentando que as águas submergiram 30 aldeias no distrito de Darang, afectando mais de quarenta mil pessoas.

Helicópteros da Força Aérea

Khomeiny chefe supremo

O Conselho Constitucional do Irão aprovou uma cláusula que nomeia o «ayatolah» Ruhollah Khomeiny chefe e guardião supremo dos assuntos da nação.

Segundo o texto, aprovado ontem e publicado hoje pela agência oficial PARS, a Khomeiny pode suceder outro teólogo qualificado, reconhecido pelo povo como autoridade religiosa e chefe ou um conselho de dirigentes religiosos aprovado pelo clero dominante.

Caso seja aprovada outra cláusula correlacionada, o «ayatolah» ficará com a chefia das Forças Armadas e com o direito de declarar guerra e de demitir o presidente eleito.

EUROPA

Sete membros da ETA presos quando punham bomba

Sete membros dum comando da organização separatista basca ETA foram ontem detidos em San Sebastian, no interior dum quartel da guarda civil onde tinham introduzido 30 quilos de explosivos para o fazer ir pelos ares, anunciou em Madrid o ministro espanhol do Interior, o general António Ibanez Freire.

Segundo o ministro, os extremistas poderiam ser responsáveis por atentados que, no domingo, 29 de Julho, tinham provocado a morte de 6 pessoas e ferido uma centena em duas gares e no aeroporto de Madrid.

Quando foram presos, os sete membros da ETA estavam armados com 3 metralhadoras, 8 revólveres e 2 granadas.

Estas prisões elevaram para 934 o número de pessoas implicadas em actividades terroristas que foram detidas desde o princípio do ano, declarou ontem, à noite, em Madrid, o general António Ibanez Freire, ministro do Interior.

O ministro, que se dirigia à Câmara dos Deputados, precisou que no número destas prisões figuravam 248 membros de 59 comandos da organização terrorista basca «ETA», 94 «activistas» desta organização não integrados em comandos ope-

racionais, 230 militantes dos Grupos de Resistência Antifascista do Primeiro de Outubro, 15 do MPAIAC (Movimento Para a Autodeterminação e a Independência do Arquipélago das Canárias), o resto pertencendo a «outros grupos armados».

Entretanto, três membros da organização espanhola de extrema esquerda «GRAPO» (Grupo de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro) foram hoje julgados e condenados apenas de 25 a 34 anos de prisão pelo assassinio de um guarda civil, em 1978.

PROJECTO ANTITERRORISTA REJEITADO NO PARLAMENTO

Uma proposta de Manuel Fraga Iribarne, porta-voz da coligação democrática (direita), com vista a instaurar medidas de excepção para combater o terrorismo, foi rejeitada por 209 votos contra 6. Os outros grupos parlamentares estimaram que só a democracia e a cooperação internacional permitirão acabar com este flagelo.

Arménios matam diplomata turco

O «comando de justiça dos genocídios arménios» reivindicou num telefonema à agência France Presse em Haia o assassinio dum diplomata britânico.

Um homem que conduzia um Volkswagen de matrícula do corpo diplomático foi morto esta manhã em Haia, indicou a Polícia da cidade que ainda não identificou a vítima.

Segundo testemunhas, o homem foi disparado cinco vezes contra a vítima pelos ocupantes dum automóvel, que fugiu logo seguida.

Nos últimos anos muitos diplomatas turcos têm sido mortos por refugiados arménios que pretendem vingar os seus compatriotas vítimas do genocídio perpetrado pelos turcos contra o seu povo no princípio deste século.

33 mortos numa mina polaca

Trinta e três mineiros foram mortos numa explosão de pó de carvão, anunciou a agência oficial polaca «PAP». O acidente ocorreu na quarta-feira à noite na mina «Dimitrov», em Dytom, a uma profundidade de 774 metros.

Dez mineiros ficaram feridos, encontrando-se três deles hospitalizados, acrescentou a «PAP». Este é o segundo acidente do género que ocorreu esta se-

mana, na Polónia.

O telegrama da «PAP», que constitui um «comunicado autorizado», salienta que foram usados «os meios técnicos mais modernos» para socorrer as vítimas da catástrofe, cujas famílias ficaram sob a protecção dos organismos competentes. O primeiro-ministro, o ministro das minas, e o presidente do sindicato dos mineiros, deslocaram-se ao local do sinistro.

● RDA A República Democrática Alemã libertou hoje os seus dois mais proeminentes presos políticos, no segundo dia de uma vasta amnistia que se espera signifique a liberdade para milhares de pessoas. Um porta-voz do Governo confirmou

que o economista dissidente Rudolf Bahro e Niko Huebner, de 23 anos, encarcerados por se recusarem a cumprir o serviço militar por motivos políticos, foram ambos postos hoje em liberdade.

RELAÇÕES LESTE-OESTE

URSS apela para o desanuviamento e denuncia atitudes da NATO

A União Soviética acusou os países da NATO de procurarem «argumentos especiosos» para justificar o prosseguimento dos seus «perigosos planos», entre os quais citou o estacionamento de mísseis nucleares norte-americanos «Pershing-2» na Europa Ocidental.

Num comunicado conjunto, o Politburo do Partido Comunista, o Presidium do Soviete Supremo e o Conselho de Ministros soviético advertem a NATO de que não deve, com este tipo de planos, deixar no esquecimento a oportunidade de se conseguir um desanuviamento real e uma cooperação pacífica.

«Ao mesmo tempo, temos de assinalar que os países da NATO embora reconhecendo o carácter positivo da iniciativa soviética, ainda estão à procura de argumentos especiosos para justificar o seu plano de estacionar na Europa Ocidental os novos mísseis nucleares norte-americanos de alcance médio,

ou seja, de alterar o actual equilíbrio entre as forças militares dos dois grupos de países», acrescenta o comunicado.

De facto, o Governo dos EUA lançou-se numa campanha desenfreada para evitar que os seus aliados aceitem as propostas de Brejnev.

De facto, ainda ontem um alto funcionário do Pentágono declarou que o Ocidente pode perder a capacidade de deter um ataque soviético a menos que modernize as suas forças nucleares tácticas na Europa.

Por outro lado, o secretário da Defesa dos EUA anunciou ontem que um batalhão blindado de 550 homens de Fort Hood, Texas, está em alerta para uma iminente transferência para a Alemanha Federal. «O primeiro batalhão da Segunda Divisão Blindada seguirá para a Europa no mais curto espaço de tempo» — informava o anúncio, sem precisar a data de partida.

AFRICA

Frente Patriótica recusa proposta britânica

As conversações de paz do Zimbabwe-Rodésia estão hoje na sua fase mais crítica desde que se iniciaram, há perto de cinco semanas. Foram ontem adiadas no meio de conflitos, sem ter sido marcada uma data para uma nova sessão entre as três partes — a Frente Patriótica, o Governo birracial do bispo Abel Muzorewa e a Grã-Bretanha.

Têm havido outras crises durante a conferência, mas esta é a primeira vez que as conversações foram levadas a um impasse total. O ponto em questão é que os líderes guerrilheiros Robert Mugabe e Joshua Nkomo recusaram de novo aceitar a fórmula britânica para uma nova Constituição para o Zimbabwe.

O secretário britânico dos Negócios Estrangeiros, Lord Carrington, que preside à conferência, disse ontem, no fim da sessão abortada de 90 minutos, que não tinha outra alternativa senão adiar as negociações.

Entretanto, Joshua Nkomo criticou vivamente hoje a maneira como o secretário do Foreign Office, Lord Carrington, preside à conferência.

«O que é esta conferência? Nunca assisti a uma conferência onde as pessoas recebem constantemente ordens», declarou o chefe da ZAPU (União do Povo Africano do Zimbabwe) numa entrevista ao diário comunista inglês «Morning Star».

MÉDIO ORIENTE

DEVIDO AOS COLONATOS Moshe Dayan ameaça demitir-se

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Moshe Dayan, declarou ontem que se demitiria se o gabinete israelita decidisse confiscar terras privadas árabes por motivos que não fossem de segurança.

Regressando de uma reunião na França da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, Dayan disse que a confiscação de terras particulares árabes devia ser praticada apenas por motivos de segurança, como o estabelecimento de campos do exército.

«A minha posição neste assunto é a mesma do primeiro-ministro (Menachem) Begin, que objecta à confiscação de terras particulares, não por segurança mas porque alguém gostaria de ter essas terras — disse. Não serei parceiro de tal política, e se ela for decidida, não serei parceiro de tal gabinete.

Colonos ultranacionalistas na ocupada Margem Ocidental têm efectuado recentemente manifestações exigindo a expropriação em massa de terras árabes para permitir a expansão dos seus postos avançados.

PRÉMIOS DA PAZ

Um proeminente militante da esquerda israelita e um funcionário da Organização de Libertação da Palestina (OLP) receberam Prémios de Paz, em Viena, este mês, pelos seus contactos nos últimos anos — anunciou o general israelita reformado Matityahu Peled.

O general Peled, um dos dirigentes do conselho para a Paz israelo-palestiniana, declarou à

Reuter que os prémios serão entregues em 19 de Outubro pelo chanceler austríaco, Bruno Kreisky, ao antigo membro do Knesset (Parlamento), Arye Eliav, e a Issam Sartawi, identificado como conselheiro íntimo do chefe da OLP, Yasser Arafat.

SITUAÇÃO NO LÍBANO

Correspondendo a um apelo do Papa João Paulo II, o antigo presidente libanês, Suleiman Franjeh, ordenou aos seus partidários que libertem todas as pessoas que raptaram nos últimos quatro dias, calculadas em 150.

Em declaração emitida pouco depois da meia-noite, as milícias de Franjeh, a Brigada Marada, anunciaram ter «decidido libertar todos os indivíduos que deteve como reacção à acção dos «gangster» falangistas que raptaram mais de 30 crianças inocentes e irmãos nossos do norte do Líbano».

Por outro lado, as tropas libanesas e sírias receberam hoje ordem de libertar os reféns que se encontram em poder dos falangistas e do exército privado do ex-chefe de Estado, Suleiman Franjeh.

A ordem, anunciada oficialmente, surgiu em virtude de todas as intervenções de mediação no conflito entre milícias conservadoras realizadas em Beirute terem fracassado.

Entretanto, aviões de combate israelitas e sírios mantiveram ontem combates aéreos sobre o sul do Líbano, mas nenhum dos aparelhos foi abatido — informaram em Beirute fontes palestinas.

PATENTES

Vende-se ou concede-se licença de exploração para Portugal, das seguintes patentes de invenção:

N.º 46 220 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE TRIESTERES DE ÁCIDO DITIOFOSFÓRICO»

N.º 51 093 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE ÉSTERES VINÍLICOS»

Trata: CLARKE MODET & C., LD.º

Patentes e Marcas
Rua Castilho 201 - 3.º

Esq. 1000 - LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE S. JOÃO DA MADEIRA

2.ª Seccção

ANÚNCIO

No dia 22 do próximo mês de Outubro, pelas 14.30 horas, nese Tribunal e nos autos de Ex. Sumária que Portugal Previdente, C.ª de Seguros, SARL move contra A.R. Giesteira, Lda. com sede nesta Vila, há-de ser postos em praça, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos e a primeira vez, de 4 teares automáticos marca IWER, penhorados daquela executada.

S. J. Madeira, 17-7-79
O JUIZ DE DIREITO
António Nunes Ferreira Girão

O ESCRIVÃO ADJUNTO
Arménio de Jesus Brandão

Quando Foccart II se zanga com Bokassa I

A avaliar pelas últimas notícias, o «imperador» Bokassa I pode representar para o regime de Giscard uma terrível casca de banana. Mas isso é caso ainda para ver. O que já está visto e parece ser conhecido em todos os corredores políticos e jornalísticos da França é que o célebre imperador aplicou duas boas bengaladas ao sr. René Journiac, «sucessor discreto» do famoso Foccart.

Há tempos que se vinha afirmando nas colunas do «diz-se, diz-se» que o Eliseu ofereceu a Bokassa I a possibilidade de sair do trono e do seu Império para se vir instalar num dos diversos palácios que adquiriu em França. Paris chegou mesmo a sugerir-lhe que se retirasse com todas as honras, afirmando num comunicado que abandonava o poder «devido à sua débil saúde, esgotada nas labores destinados a fazerem sair o Império Centro-Africano do subdesenvolvimento económico».

No Verão passado, Bokassa foi a Paris e, recebido pelo conselho presidencial para os assuntos africanos, René Journiac, este ter-lhe-à aconselhado vivamente que se retirasse do poder. Irritado ante tanta ousadia, Bokassa puxou da bengala, deu duas bengaladas ao conselheiro, e partiu-lhe os óculos. Depois, saiu da sala, lamentando provavelmente não poder levar uns quilogramas de Journiac para o seu frigorífico de Bangui.

A decisão francesa decorria da impossibilidade para Paris de continuar a apoiar um canibal como chefe de um Estado amigo. Embora não se conhecessem por então os gostos antropófagos de Bokassa estava já sobejamente demonstrado junto da opinião pública mundial que o «imperador» assassinara, com as suas próprias mãos, algumas crianças, e comandara o massacre de cerca de cem estudantes em Bangui. Uma comissão de juristas africanos que fez investigações in loco retardou quanto pôde a divulgação das conclusões do inquérito, mas acabou por torná-las públicas na capital senegalesa.

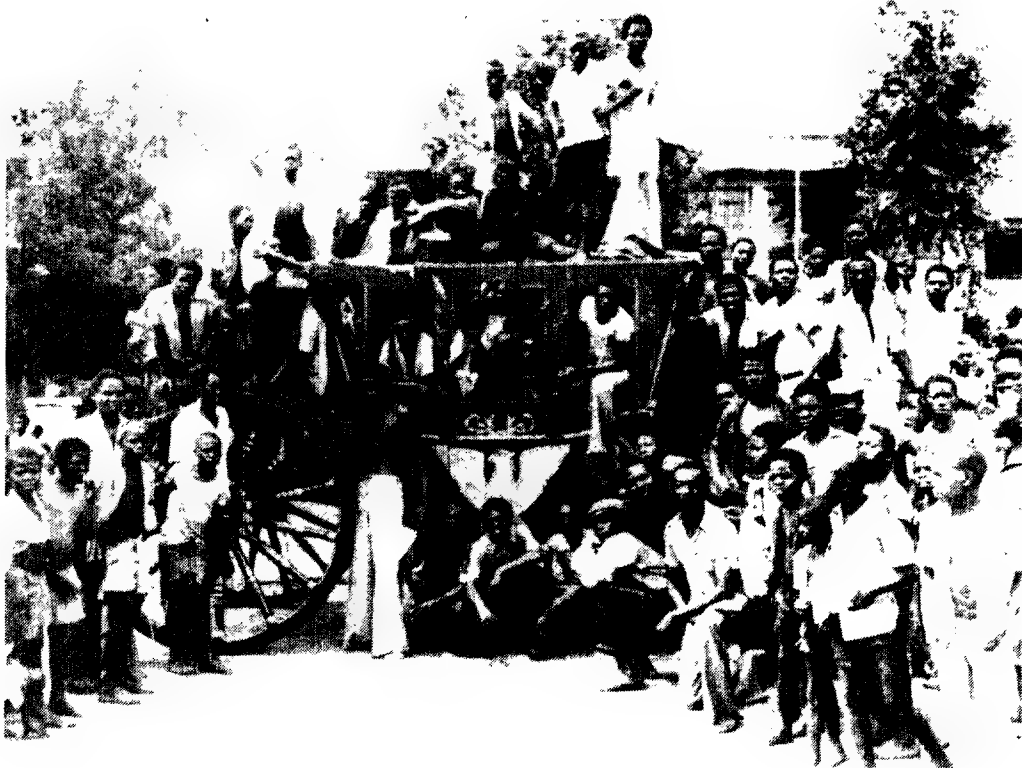
O fim de Bokassa era uma questão de (pouco) tempo.

Os opositores centro-africanos começaram então a fazer bicha á porta do sucessor de Foccart, apresentando os seus serviços para a sucessão. Journiac a todos recebia bem, e a nenhum fazia promessas concretas. Quando se tornou evidente que um grupo de oposição estava disposto a lançar-se na

pública interna e internacional, em Maio de 1974, Foccart acabou por ser afastado e o secretariado-geral para os Negócios Africanos e de Madagascar, de que ele era chefe, foi suprimido. Contudo, como diz Jean de La Guérivière em «Le Monde», se o cargo desapareceu, as funções continuaram. E Giscard, apesar

constantemente de capital africana em capital africana, Journiac recebendo opositores de ditadores africanos em queda acelerada, Journiac perfilando-se nas fotos oficiais que assinalam as visitas de dirigentes africanos a Paris.

O escândalo de corrupção (ofertas de diamantes de Bo-



Habitantes de Bangui mostram-se interessados (e divertidos) com o carro «imperial» de Bokassa, uma luxuosa extravagância que a França lhe vendeu para ele se coroar «Imperador». (Foto AFP)

luta armada, o Eliseu não teve quaisquer hesitações: colocou no poder um dos seus afilhados, **compagnon de route** de Bokassa, David Dacko. Em 1966 Dacko era presidente da República Centro-Africana. Não estavam os franceses muito satisfeitos com ele, e deram a Bokassa luz verde e materiais de outras cores para o derrubarem. Volvidos treze anos, os compassos são os mesmos, mas as posições respectivas alteram-se.

A existência deste conselheiro é marcada pela completa discreção da sua personalidade. Aos 58 anos, preenche no Eliseu o contestadíssimo papel que foi o do seu antigo chefe, Foccart, «eminência parda» da política africana gaullista e pompidouista.

Devido à pressão da opinião

das ligações evidentes de Journiac com os meios gaullistas, não teve outro remédio senão deitar mão deste adjunto de Foccart para dar continuidade à política francesa que se cozinha em Paris.

Agora assiste-se a um curioso espectáculo: Journiac correndo

kassa a Giscard — segundo acusações surgidas na imprensa francesa) poderá ser facilmente desvendado em todos os seus pormenores por este mesmo Journiac. Mas ele não falará. Quando muito, cairá.

A N

Itália: grande vendedor de armas

A Itália está entre os cinco maiores exportadores de armas no mundo, afirma o relatório da secção de pesquisa da Federação dos Trabalhadores da Indústria adiantando que os fornecimentos para os países da Ásia, África e América Latina passaram de 20 milhões de dólares em 1967 para 152 milhões em 1977.

Segundo dados oficiais, contabilizam-se em Itália 200 firmas fabricantes de armas, cuja produção está avaliada, no total, em 4500 milhões de liras. Por outro lado — assinala o relatório — as Forças Armadas entraram num processo de rearmamento, sendo que o orçamento militar do país aumentou 10 por cento entre 1968 e 1978.

NOS ARREDORES DE BISSAU

OLP implanta unidade agrícola

A OLP (Organização de Libertação da Palestina) está a implantar, nos arredores de Bissau, uma unidade agro-pecuária de grandes dimensões, onde serão instaladas várias famílias de refugiados palestinos.

Os trabalhos preliminares, que incluíram, nomeadamente, levantamentos topográficos, captação de águas e limpeza do terreno, ficaram concluídos no fim de Setembro e foram orientados por uma equipa de vinte e cinco técnicos palestinos.

Até princípio de Novembro, começaram a ser instaladas as primeiras habitações e outro equipamento social, bem como as estruturas de apoio à actividade da unidade. Também já se encontra em Bissau diverso equipamento, tal como tractores e geradores.

O projecto é inteiramente financiado pela própria OLP e faz parte de um acordo, válido por vinte e cinco anos, concluído em Setembro de 1978 com a Guiné Bissau, «no quadro dos laços de

amizade, cooperação e solidariedade entre os dois povos».

A Guiné Bissau, que receberá 25 por cento dos lucros da empresa (os restantes 75 por cento serão para a OLP), apenas cedeu o terreno, que tem uma área de 600 hectares, e isentou os equipamentos destinados ao projecto do pagamento de impostos alfandegários.

Na primeira fase, a produção da unidade será essencialmente virada para a horticultura, fruticultura e criação de aves, a que se seguirá a exploração pecuária e, finalmente, uma serração de madeira e uma fábrica de mobiliário.

Toda a produção da unidade, que empregará um grande número de trabalhadores guineenses, será prioritariamente destinada ao mercado interno, mas os excedentes poderão ser exportados.

A OLP também montou e explora unidades semelhantes no Uganda, Somália, República da Guiné, Congo e Madagascar.

Acordo de segurança social

entre Cabo Verde e França

Cabo Verde e a França assinaram em Novembro, em Paris, um acordo de segurança social — revelou à ANOP o embaixador cabo-verdiano em Lisboa, após a sua chegada da capital francesa.

Corsino Fortes deslocou-se a Paris como convidado da Embaixada de Portugal em França, a fim de assistir ao jantar oferecido pelo Presidente Ramalho Eanes, ao presidente do município de Paris, Jacques Chirac.

Simultaneamente, Corsino Fortes, que é também embaixador não residente em Paris, contactou alguns elementos da colónia cabo-verdiana em França.

Calcula-se que se encontrem actualmente em França cerca de oito mil emigrantes cabo-verdianos.

Corsino Fortes anunciou também à ANOP que no fim do corrente mês se reúne na Praia a comissão mista franco-cabo-verdiana de emigração.

«SANTIAGO» — O MAIOR NAVIO DE CABO VERDE

«Santiago», o maior navio da marinha mercante de Cabo Verde, de 5500 toneladas, adquirido por 200 mil contos, na Dinamarca, atracou ao porto de longo curso da Praia.

O «Santiago», que será utilizado sobretudo no transporte de cimentos, equipamento pesado

e cereais, tem 96,5 metros de comprimento, 16 de largura, 8 mil metros de cubagem e alcança uma velocidade de 15 nós por hora.

Após a sua integração na Companhia Nacional de Navegação «Arca Verde», o «Santiago» fica afecto às carreiras para a Europa, com escalas nomeadamente em Lisboa, para onde transportará toda a exportação de banana de Cabo Verde.

A «Arca Verde» (transportes e passageiros) é complementar, a nível nacional, da companhia de navegação cabo-verdiana-guineense

«Nagucave», que já possui dois navios de longo curso, o «Ilha de Komo» e o «Santo Antão», este com 35.000 toneladas. Além da pesca e do turismo, a marinha mercante é um dos sectores de actividade de maiores potencialidades económicas de Cabo Verde, um país dotado de meios de transportes marítimos muito invulgaes em África.

Mais um navio mercante será adquirido este ano por Cabo Verde.

Os dois «ferry-boats» financiados através da cooperação com a Alemanha Federal entrarão em actividade em 1980, entre as ilhas do Fogo e Brava e entre S. Vicente e Santo Antão. Conversações estão a ser mantidas com a França para a aquisição de um «ferry boat» para o percurso S. Vicente — S. Nicolau.

COMPRE UMA CASA PARA VIVER NÓS EMPRESTAMOS-LHE O TERRENO

3 assoalhadas a partir de 1.000 c.
4 assoalhadas a partir de 1.350 c.
5 assoalhadas a partir de 1.500 c.



EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Este plano se trata de superfície A EPUL, a prática, pela primeira vez em Teófilo, Sul, junto a 2.º andar e a 3.º andar. Um plano de urbanização completo, que prevê:

- cerca de metade da densidade habitacional medidos dos sectores tradicionais de Lisboa;
- áreas verdes sensivelmente duplas dos sectores residenciais da cidade;
- cerca de 45% dos terrenos reservados para equipamento comercial, escolar, cultural, de saúde e assistência.

- VISITE O ANDAR MODELO/COLABORAÇÃO DE **dimensão móvel**
- INFORME-SE JUNTO DOS SERVIÇOS COMERCIAIS DA EPUL SOBRE AS FACILIDADES DE PAGAMENTO E CONDIÇÕES DE VENDA
- INSCREVA-SE ATÉ 31 DE OUTUBRO PARA AQUISIÇÃO DE UM DOS 56 FOGOS.

Canal da Crítica

Carter: A imoralidade da força. Fidel: A força da moral

As honras da programação portuguesa, ontem, vão mais uma vez para a produção do Norte do «País, País». Formidável genica! Eles cobrem a manifestação popular de Cever, em protesto contra a água inquinada. «O caso», responderia à reportagem um responsável da autarquia, «está em vias de solução, embora vá demorar uns anos...» e perante isto uma pessoa nem sabe se há-de rir, se há-de chorar. Acabamos por chorar por todos os motivos e ainda porque é mais tradicional.

Eles estão em Chaves, para a homenagem ao presidente da Câmara, Branco Teixeira. Eles estão em Viseu, por causa da assistência médica. Estão em Seia, para reflectir o dinamismo da Câmara Municipal, em Vila Real, por via do complexo Arancária e das suas complicações, em Guarda com a sua experiência pedagógica, em Braga, onde se pôs uma escola nova em vez doutra a cair de podre, dão notícias da actividade do MARN que exige a aplicação da Lei do Arrendamento Rural, dirigem-se a Vila do Conde, à experiência do monumento a José Régio. Tudo isto, e nada disto era gratuito, em período que não excedeu os quinze minutos, longe disso. Aplausos para um sector da RTP que não faz ronha nem batota. Onde existe um embrião de trabalho de equipa. Por isso, a segunda parte do «País, País» é um território onde se respira.

Dá a passarmos para o nhó-nhó das cantigas foi, como se diz na quadra, o salto de uma cobra. Maria da Luz ela se chama. Cantou fados e outras coisas. Outras coisas que chegaram ao fim e era como se não tivesse acontecido nada. Se há coisa pior para uma canção, digam lá, qual é. Eu, não sei.

Maria da Luz reparte-se entre a «canção nacional» e a canção sem nacional nenhum, a oscilar entre castelhanos e brasileiros. Desconheço se Maria da Luz está na disposição de ouvir conselhos. Um, porém, lhe daria eu: procure mudar de repertório. Abduque daquela crueldade de nos fazer lavagens ao cérebro (acham que ainda nos fazem poucas na televisão?) através de letras de grande valor literário, assim:

*Amor, amor, amor,
eu estou-lhe chamando
amor, amor, amor,
estou te esperando,
amor, amor, amor,
eu estou-lhe chamando,
amor, amor, amor,
estou te esperando.*

Com mil raios: quem mandou a seu Cabral descobrir o Brasil?

O Jornal/1 viria com uma reportagem vivida sobre os serviços da Previdência, pessoas que se levantam às duas da manhã se querem ter a mínima certeza de uma consulta!

Paremos aqui um pouco. Como sabem, há dois grandes

blocos informativos: o Jornal/1 e Informação/2, do segundo programa, mais conhecido pela alcunha do Segundo Canal. Sem entrarmos, por agora, em grandes análises, digamos que, ao nível da grande notícia, Informação/2 existe para levar ao conhecimento de meia dúzia de pessoas aquilo que os responsáveis da RTP não querem mostrar a alguns milhões delas.

Assim aconteceu com o encontro do Presidente da República e dos emigrantes, muito mais completo e esclarecedor em Informação/2. Barata Feyo, faz-se eco das preocupações dos emigrantes portugueses em França, já que a lei não contempla excepções para eles. Quem

conhece no mínimo o pragmatismo francês sabe quanto é ouso tomar d'Estaing por Alá. Mas Feyo esteve no segundo programa...

Quanto a Fidel, a diferença no tratamento da reportagem era abissal. Jornal/1 apagou Fidel que, em Informação/2 apareceu com todo o seu poder mobilizador, todo feito de razão e de valor moral, em contraste com as minhoquices militarescas do Carter.

Mas de tudo o mais significativo assenta na emissão Os Desenhos da Testemunha Schattman, uma obra notável.

Se não se importam falaremos disso amanhã.

Hoje



Vincenti Minnelli realizador do filme «Duas semanas numa outra cidade»

I PROGRAMA

- 16.05 Formação de Monitores e Orientadores Pedagógicos — educação religiosa, educação musical e aspectos administrativos
- 18.30 Início da Programação RTP/1 com «Riscos e Histórias»
- 19.00 País, País
- 19.00 Um Homem em Casa — 7.º episódio da série filmada
- 20.00 Jornal RTP/1
- 20.30 Manuel e Beatriz
- 20.40 Concerto pela Orquestra Juvenil da Comunidade Europeia — apresentação das seguintes obras: Abertura das «Creaturas de Prometeo» de Beethoven «Concerto n.º 4 para piano» de Beethoven: «Um sobrevivente de Varsóvia» de A. Schaeenberg e «O Pássaro de Fogo» de Stravinsky
- 22.00 Fátima — transmissão directa da Cova da Iria das cerimónias religiosas que assinalam a noite de 12 para 13 de Outubro
- 22.30 24 Horas

II PROGRAMA

- 20.30 «Duas semanas numa outra cidade» — 1.ª parte do filme de grande metragem interpretado por Kirk Douglas, Edward Robinson, Cyd Charisse, Claire Trevor e George Hamilton numa realização de Vincenti Minnelli
- 21.30 Informação/2
- 22.00 «Duas semanas numa outra cidade» — 2.ª parte.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA
Concerto pela Orquestra Juvenil da Comunidade Europeia (20.40)

II PROGRAMA
«Duas Semanas numa outra Cidade» (20.30 e 22.00)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

I PROGRAMA

- 10.00: Fátima — transmissão directa da Cova da Iria; 16.00: Sumário; 16.05: A vida no Silêncio; 16.35: Ronda n.º 4 — Folclore da Graciosa (Açores); 17.00: Campeonato do Mundo de Circo; 17.30: Animação; 18.00: Tempo de Desporto; 18.30: Palavras e música; 19.30: 4.300 Minutos; 19.55: Manuel e Beatriz; 20.00: Jornal RTP-1; 20.55: O Tempo; 21.05: Alamedas da Noite com o filme «O Mundo não Para». 22.40: 24 Horas.

II PROGRAMA

- 20.30: No Rasto de...; 21.00: Dick Tracy; 22.00: Musical.

MAQ. LAVAR — FRIGORIFICOS
RÁDIO — TV — BOBINAGENS

HUMBERTO PROTASIO

Reparacoes
uma organização para o bem servir

Assistencia permanente — orçamentos gratis

Telf. 94 18 77

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

hoje às 21.45

GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA

* DOMINGO SÓ ÀS 18 H
* 2.ª FEIRA DESCANSO

3.º mês

PR. ESPANHA - TL. 762624

ultimas
(SÓ ATE 31 OUTUBRO)

SUBSIDIO SEC

JOANA

Grupo de Teatro
Apresenta
p/todos

**BRINQUEDO,
FURUNFUNFEDO,
MISERICUNTEDO**

C/ músicas originais de
Sérgio Godinho (...)
«com uma carga de
imaginação que nos envolve
na sua tela. As
cores alegres, os ritmos
doidos, os saltos surrealistas
que só o espírito infantil é capaz de
inventar, e o adulto excepcional de
codificar».
Jorge Listopad.

... « Todos os momentos
são de festa em que a
alegria, o humor, a imaginação
constituem o próprio espectáculo. »
Carlos Porto

Na Comuna (à Praça de Espanha) Tel. 762624

COMUNA MAIOR

Sábado — 15.30
Domingo — 11h e 15.30

ANDARES

LINDAS CASAS, ALCATIFADAS,
PRONTAS A HABITAR, C/2 E 3 ASS. DESDE
500 CONTOS.

TRATA: LUCAMO
R. D. ESTEFÂNIA, 157, R/C,
DT.º

TELEF. 578033 — LISBOA

A BARRACA
Alexandre herculano 20

hoje 21.30
dom 16.00

D. JOÃO 6

5.º MÊS

Têxto de encenação Helder Costa

2.ª e 3.ª-feira
Últimos espectáculos

TNT **TEATRO DO NOSSO TEMPO**

apresenta

SABADOS, DOMINGOS
E FERIADOS ÀS 17.30H

PARA CRIANÇAS
e adultos

UM ESPECTÁCULO
INESQUECIVEL!

**YUZURU, A
GRUA
DO ENTARDECER**

de JUNJI KINOSHITA
3.º MÊS
PARA TODOS
N. ACONS. M/6 ANOS
SUBS. DA SEC

PRACA JOSE FONTANA
12-B telef. 57 58 51
Metro Picoas
Lisboa - 1000

**NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS**

R. Tenente Raul Cascais
n.º 1-A 1200 Lisboa
Tel. 661515-669205

**teatro
do bairro
alto**

teatro da Cornucópia

*Paragens mais remotas
que estas terras*

*cenas
das comédias de Plauto*

**3.ª A SÁB. ÀS 21 E 30
DOM. ÀS 17**

SUBSIDIO DA SEC

Cinema na Áustria: instigar o culto da violência

Num anuário estatístico referente ao ano passado editado pelo Instituto Federal de Imprensa da Áustria diz-se, a certo ponto, que a comissão para os assuntos da juventude e os Ministérios da Educação e da Cultura registaram a exibição, no país, de 852 filmes de longa metragem.

Dados os seus limitados recursos financeiros e técnicos, as companhias cinematográficas deste país não podem fazer concorrência às empresas do mesmo ramo da República Federal Alemã e dos Estados Unidos. Por isso, no mercado cinematográfico austríaco, os filmes

exibidos são, basicamente, de importação.

Oferece-se, entretanto ao espectador, um sortido bastante «rico»: filmes de gangsters, de cowboys, de criminalidade, melodramas, fantásticos e, evidentemente, de matanças e luta contra povos estrangeiros. E, não falta, um bom sortido de pornografia.

De acordo com o testemunho das autoridades oficiais austríacas, nos últimos tempos tem aumentado consideravelmente a criminalidade, particularmente entre a juventude, e tornaram-se mais frequentes os casos de ataques e roubos. Semelhantes

proezas são muitas vezes cometidas de acordo com as «receitas» dos heróis do cinema.

A sensação número um será a próxima estreia do filme americano «Superman». Os produtores cinematográficos dos Estados Unidos acederam amavelmente, a enviar para a Áustria e para a República Federal Alemã 120 cópias desse filme que faz o culto da violência. Diga-se a propósito que a companhia cinematográfica americana «Warner Brothers» experimentou primeiro o filme com os seus espectadores, obtendo um lucro líquido de 7,5 milhões de dólares. Depois o «Superman» saltou para Inglaterra e foi distinguido com as atenções da própria rainha. Esse

facto foi depois aproveitado pelos empresários cinematográficos para a respectiva publicidade que apresentava o filme como «a maravilha do século».

Em que consiste essa «maravilha»? Em instigar as crianças ao culto da violência. O «Superman», quando ainda usava fralda, era capaz de levantar um camião e, é evidente, não tinha medo nem da água, nem do fogo, nem mesmo da bomba atómica.

Quanto à influência que o «Superman» deverá exercer sobre a juventude, não é difícil adivinhá-lo.

A. Iuriev
(NOVOSTI)

Liv Ullman num filme sobre Auschwitz

VARSÓVIA — A actriz norueguesa Liv Ullman encontra-se na capital polaca para participar num documentário o televisivo sobre os sobreviventes do campo da morte nazi em Auschwitz.

Conhecida pelos papéis que desempenhou em vários filmes do realizador sueco Ingmar Bergman, como «Sonata de Outono», Liv Ullman aparecerá no princípio e no fim do filme, em sequências rodadas em Auschwitz, no sul da Polónia.

Jack Eisner e Roman Kent, produtor e o co-produtor do do-

cumentário americano de noventa minutos, que se intitula «crianças de Auschwitz», são ambos sobreviventes do campo onde os nazis exterminaram cerca de quatro milhões de pessoas, na sua maioria judeus.

«Acho muito importante que seja contada e recontada a história de que foram mortas pessoas inocentes» — declarou a actriz aos jornalistas, no aeroporto de Varsóvia. «É uma história que não aconteceu só uma vez. Pode também acontecer hoje, como a gente dos barcos do Vietname» — acrescentou.

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

ENORME SOB TODOS OS ASPECTOS!
UM DOS DEZ MELHORES FILMES EXIBIDOS EM 1978
PREMIADO COM "GLOBO DE OURO" E "CÉSAR"

SOPHIA LOREN / MARCELLO MASTROIANNI



UM DIA INESQUECÍVEL
Um filme de ETTORE SCOLA
Produção de CARLO PONTI
Não aconselhável a menores de 13 anos • TECHNICOLOR

EM **13.ª** SEMANA NO **quarteto**

TEATRO ABERTO
Grupo 4
APRESENTA
O CHA dos GENERAIS
de BORIS VIAN
Encenação de RUI MENDES



● DE 3.ª A 6.ª FEIRA, AS 21.30 HORAS
● SABADOS, AS 18 E AS 22 HORAS
● DOMINGOS, SÓ AS 16 HORAS
● ESPECT. NÃO ACONS. A MENORES 13 ANOS
● Subsídio da S. E. C.

FOI HÁ DEZ ANOS
a festa que transformou o nosso tempo



woodstock
3 dias de paz, música... e amor

com joan baez • joe cocker • country joe & the fish crosby, stills & nash • arlo guthrie • richie havens jimi hendrix • santana • john sebastian • sha-na-na sly & the family stone • ten years after • the who • E MAIS 400.000 DE "MALTA FIXE"

UM FILME DE michael wadleigh • PROD DE bob maurice
a wadleigh-maurice, ltd. production • technicolor

3.ª SEMANA DE ÉXITO VOX

NO ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA
UMA CHAMADA AOS ADULTOS

CINEMA HOJE ESTREIA
CASTIL

UMA HISTÓRIA SIMPLES, MAS PROFUNDAMENTE HUMANA!
UM FILME DIFERENTE DE TODOS OS OUTROS!
UM PECADO DOS PAIS?



DOIS ANJOS EM FUGA
NATHALIE DELON
PHILIPPE LEROY • ARTHUR KENNEDY

Um filme de ENZO DORIA Interdito a men 13 anos COLORIDO

«Por mim, considero como um acto cultural assistir a este filme. Vai ao QUARTETO, leitor, não percas tempo.»
Mário Castrim, in «Diário de Lisboa»

O drama de um pai à procura da filha na "Zona Quente"

INEMAX **CRYSTAL THEATRE**



escrito e realizado por **PAUL SCHRADER**
autor de «TAXI DRIVER»

A RAPARIGA NA ZONA QUENTE
HARD CORE

Apresenta **GEORGE C. SCOTT**
numa Produção A TEAM de um filme de PAUL SCHRADER
HARD CORE
com **PETER BOYLE**
e SEASON HUBBLEY • produtor executivo JOHN MILIUS
Produzido por BUZZ FEESHANS • Música de JACK NITZSCHE
Escrito e Realizado por PAUL SCHRADER

8.ª SEMANA NO quarteto
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

O ÚLTIMO FILME DE
LAURENCE OLIVIER
ARTHUR HILL • SALLY KELLERMAN
DIANE LANE • THELONIOUS BERNARD

O que dois apaixonados conseguem
contra todos os impossíveis

um Pequeno Romance



A GEORGE ROY HILL FILM
"A LITTLE ROMANCE"
COM
LAURENCE OLIVIER

ARTHUR HILL, SALLY KELLERMAN, DIANE LANE, THELONIOUS BERNARD
Produção SYLVAIN ROUSSET, ROBERT CRAWFORD • Produtor Executivo JAMES H. BRADY
Argumento ALLAN BURNS • Realização GEORGE ROY HILL • Música GEORGE FENTON
Baseado na novela "MOM AMOUR" por PATRICK CAUVIN
Publicado por ÉDITIONS JEAN CLAU DE LATIS Copias TECHNICOLOR

3.ª SEMANA NO terminal
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

O novo espectáculo do Bolchoi

O Bolchoi de Moscovo acaba de apresentar «Chamado pela Revolução», que o seu autor, Eduardo Lazarev, considera uma representação de «cenas heróicas e épicas».

Apoiando-se em textos de Maïakovski e nos próprios discursos de Lenine ditos ao longo do espectáculo, Lazarev criou um libreto sobre o qual escreveu a epopeia musical da vida do povo soviético nos anos da Guerra Civil e da edificação do socialismo.

«A Revolução e Lenine, a Revolução e o povo, é um tema que me inspira por ser, simultaneamente, elevado, épico e heróico», afirma o compositor. «Os grandes conflitos de classe, a própria luta de classes, exigem uma nova dramaturgia, outras formas e meios de expressão que não são comuns a uma ópera. É por isso que prefiro chamar a este espectáculo «cenas heróicas e épicas» e nela estão sobretudo presentes os personagens alegóricos, as associações».

A concepção do cenário é também de grande originalidade. Ele baseia-se numa construção complexa de escadas e tubos que permitem a constante alteração das cenas, acompanhando a própria mobilidade do espectáculo.

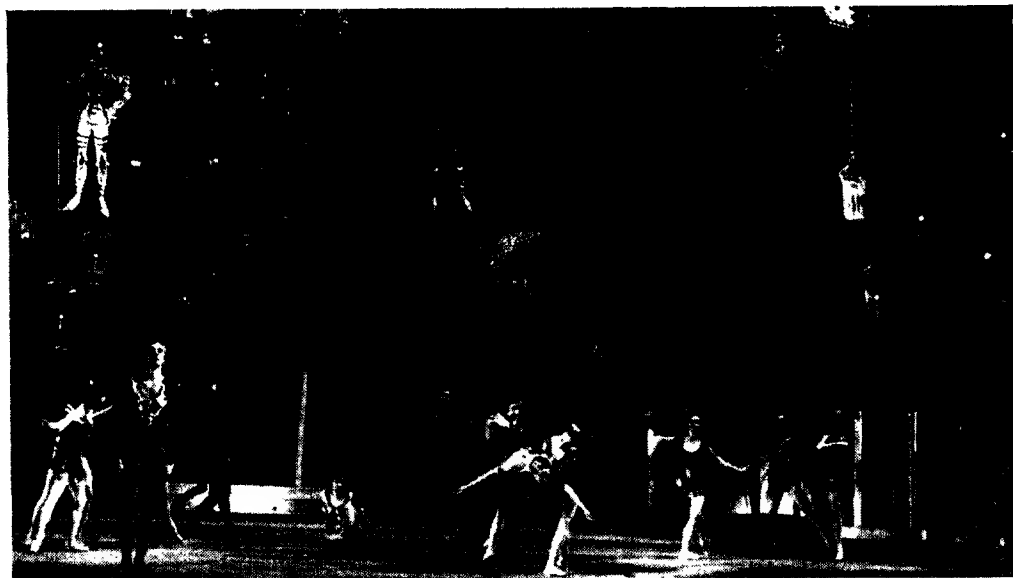
No palco sucede-se um caleidoscópio de acontecimentos que tem como fio condutor o pensamento de Lenine e como personagem o Poeta, nas suas diferentes dimensões: o poeta-tribuno, na tradição de Maïakovski; o poeta-lírico que canta a sua terra natal e assume as tristezas e alegrias do seu povo; o poeta-romântico que sonha e antevê o futuro.

A encenação exigiu um longo apuramento. Cada um dos participantes, desde os actores aos figurantes, passando pelo corpo de bailado e pelo coro, desenvolve uma actividade artística nova, compondo personagens activas e metafóricas, transfigurando-se em cada quadro. O coro, por exemplo, é

sucessivamente um participante nos acontecimentos, um comentador e uma testemunha da acção. Os bailados simbolizam os diferentes grupos sociais e as suas reacções ao processo em que estão envolvidos.

Yuri Simonov, maestro da Orquestra do Teatro Bolchoi, considera a música «extraordinariamente rica e variada e de grande intensidade dramática. Nela sente-se a influência lírica de Prokofiev, aliada a elementos de tragédia, de farsa, de sátira e de ironia».

No entanto, mais do que a qualidade intrínseca dos diferentes componentes teatrais, o mais saliente neste espectáculo é a síntese harmoniosa de todos esses elementos. Esta é a razão porque os críticos e especialistas consideram «Chamado pela Revolução» um espectáculo inteiramente diferente no repertório do Bolchoi e sem paralelo noutros teatros. É, em suma, um trabalho inovador que marca uma nova etapa na história de teatro lírico soviético.



A TERRÍVEL VINGANÇA

DUSMAN

n/acons. m/13 anos



FR FILMES RAJA

COM MOHD. ALI-ZEBA
WAHEED MURAD MUMTAZ.

MUSIC

NISAR BAZMI ANIS DOSSANI

DIRECTED BY PERVEZ MALIK,
PRODUCED BY

PRAÇA LUÍS DE CAMÕES

Camões

ÉXITO — 2.ª SEMANA

SESSÕES ÀS 14.00 16.30 19.00 E 21.30 HORAS

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE
ÀS 21.45 H.

O LODO
PEÇA EM 3 ACTOS DE
ALFREDO CORTEZ
DIRECÇÃO DE
FRANCISCO RIBEIRO

Com: Fernanda Alves, Luz Franco,
Paula Móra, Madalena Braga,
Guida Maria e Rogério Paulo
Cenário de JOÃO HOGAN

Preços de 50\$00 (3.º balcão) a 100\$00 (plateia)
Redução de 50% a estudantes e a Associações
ou Grupos de mais de 20 pessoas.

Bilheteira abre às 13.00 H. — Telef. 32 22 10
SÁBADO ÀS 16.00 e 21.45 H.
DOMINGO SÓ MATINEIA ÀS 16.00 H.
DESCANSO DA COMPANHIA
ÀS SEGUNDAS-FEIRAS.
(Interdito a menores de 13 anos)



TEATRO KONSOMOL LENINISTA DE MOSCOVO

«ESTRELA E MORTE DE JOAQUIM MURIETA»

(segundo a cantata dramática de Pablo Neruda)

PRÓXIMOS ESPECTÁCULOS

- Setúbal, dia 10 no Cine-Teatro Luísa Todt
- Alhandra, dia 12 na Sociedade Euterpe Alhandrense
- Coimbra, dia 13 no Cine-Teatro Gil Vicente
- Marinha Grande, dia 14 no Cine-Teatro Irmãos Stephens

Nota importante: Os bilhetes encontram-se à venda nas Uniões Distritais de Setúbal, Coimbra e Leiria e nas bilheteiras das casas de espectáculos acima referenciadas.

BONNIE E CLYDE

(BONNIE AND CLYDE)

SÃO JOVENS ...
AMAM-SEPela primeira vez
VERSÃO INTEGRAL

... E MATAM !

WARREN BEATTY
FAYE DUNAWAY

Um filme de ARTHUR PENN

com
MICHAEL J. POLLARD · GENE HACKMAN · ESTELLE PARSONS

Música Charles Strouse · Produção WARREN BEATTY · Realização ARTHUR PENN

TECHNICOLOR®

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

Distribuído por COLUMBIA & WARNER

HOJE ÀS 14.30 NO City CINE

Melhore o seu nível social exercendo uma boa profissão.



É isso esta agora perfeitamente ao seu alcance se optar por um curso do Centro de Instrução Técnica, uma entidade especializada no ensino à distância. Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!

Estes são os cursos que o CIT tem ao seu dispor. **Electrónica, Rádio e TV • Transistores • Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Programação Colaborativa • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte e Costura.**

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA

R.D. ESTEFÂNIA, 32
1066 LISBOA CODEX

Gratuito e sem compromisso enviem-me informação completa sobre o curso que indico.

CURSO _____
NOME _____
END. EMPREGO _____
MORADA _____
LOCAL _____
A pelos nossos serviços

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Loures
Lic. Aldina Ester Ribeiro da Silva Graça

Certifico que fiz extrair neste Cartório a presente fotocópia, que vai conforme o original lavrado no livro de notas para «ESCRITURAS DIVERSAS» número D — quinhentos e um de folhas quarenta e cinco verso a folhas quarenta e seis.

Loures, aos quinze de Junho de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante
(Assinatura ilegível)

DISSOLUÇÃO
DE SOCIEDADE

No dia quinze de Junho de mil novecentos e setenta e nove, neste Cartório Notarial de Loures, perante mim, Licenciada Aldina Ester Ribeiro da Silva Graça, Notaria nele em exercício, compareceram como outorgantes: **Jorge Raurindo Ferreira de Paiva**, e esposa **D. Inocência de Jesus Lúcio de Paiva**, naturais da freguesia e concelho de Armamar, casados sob o regime da comunhão geral, como declararam, e residentes na Rua da Amoreira, n.º 1, Bairro dos Fetais, freguesia de Camarate, deste concelho, que intervêm na qualidade de únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que adoptou a firma de «Paiva & Paiva, Limitada», com sede na Rua das Amoreiras, número um, Bairro dos Fetais, freguesia de Camarate, deste concelho, constituída por escritura de vinte e quatro de Junho de mil novecentos e setenta e sete, lavrada a folhas cento e dezasseis, do competente livro de notas número B-quatrocentos e noventa e um, deste Cartório, com o capital social de duzentos mil escudos, subdividido em duas quotas iguais de cem mil escudos, pertencentes uma a cada um deles, e tendo como objecto principal a exploração de casa de pasto e taberna.

Que, não lhes convindo a continuação da mesma sociedade, pela presente escritura, e de comum acordo, a dissolvem e não por dissolução, para todos os efeitos legais, a partir de trinta e um de Dezembro do ano findo, sem necessidade de liquidação visto não haver qualquer passivo ou activo.

Assim o outorgaram.
Adverti os outorgantes da obrigação de ser requerido o registo deste acto no prazo de três meses, a contar de hoje.

Foi esta escritura lida e explicada o seu conteúdo em voz alta aos outorgantes e na presença simultânea de ambos.

Verifiquei a identidade dos outorgantes por exibição dos seus bilhetes de identidade, respectivamente, números 3 419 598 de 19/2/1979 e 3 419 599 de 22/11/1977, ambos do Arquivo de Lisboa.

EUA: regras diferentes

Ate à chegada do «Rei Péle» o futebol, nos Estados Unidos, estava muito pouco desenvolvido e institucionalizado como desporto dos emigrados, com pouco público nos estádios e escassas receitas. Edson Arantes do Nascimento, com o seu jogo artístico e espectacular, conquistou o público de Nova Iorque e mostrou toda a beleza daquele que, em toda a Europa e em grande parte do Mundo, é conhecido como «Deporto Rei».

Em 1979, poucos anos depois da chegada de Pelé, as coisas mudaram por completo. O «Cosmos» possui o seu próprio estádio, as receitas dos jogos são impressionantes e comparativamente com a época passada o número de sócios e adeptos subiu cerca de 16 por cento. Este índice de crescimento, ainda mais elevado no Sul dos Estados Unidos, provoca alguns problemas, como o das regras de jogo, que são um pouco diferentes das utilizadas universalmente.

Por exemplo: o «shoot-out», é um castigo marcado dos trinta e três metros, e a grande penalidade é executada em pontapé livre, não existindo o clássico «penalty» dos 9,15 metros, possibilitando assim oportunidades semelhantes ao guarda-redes e ao executor. Também o «fora de jogo» é limitado, proporcionando maior número de golos.

Para os responsáveis norte-americanos, os golos são a base do espectáculo e nada é mais aborrecido do que o empate a zero golos, sintoma de estiridade de muitas equipas.

Por outro lado, o futebol americano é conhecido pela sua violência e pouca disciplina por parte dos jogadores, principalmente dos europeus, enquanto os relvados sintéticos são demasiado duros e propícios a lesões.

Phil Woosman, o «homem forte» do futebol norte-americano, assegura que, para o «Mundial» de 1986, os Estados Unidos contarão com uma grande equipa de futebolistas nascidos no país, embora não devam estar presentes no «Mundial» de Espanha, em 1982.

A grande dificuldade, neste momento, é a exigência das companhias de publicidade, grandes suportes da popularidade do futebol americano em passar os seus «spots» nos «ecrans» gigantes dos estádios, durante o próprio desenrolar dos encontros. Os jogadores opõem-se e as próprias regras de jogo não permitem semelhante atitude.

Isto significa que, se não houver acordo com as companhias, cada clube perderá cerca de cinco milhões de dólares (perto de 250 000 contos).

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

DELEGAÇÃO DO CACÉM-AGUALVA

Para conhecimento geral e em especial das populações de AGUALVA, CACÉM, ABELHEIRA, MIRA SINTRA e SÃO MARCOS informa-se que, a partir do próximo dia 15 de Outubro, passará a funcionar ao serviço dos utentes das zonas acima referidas a nova Delegação destes Serviços Municipalizados, que se situa no Largo da República, em Agualva.

O serviço telefónico poderá ser feito através do número 2943053.

Sintra, 10 de Outubro de 1979

PRECISA-SE

VENDEDOR TÉCNICO

COOPERATIVA, COMUNICAÇÕES E ELECTRONICA, INDICANDO CURRICULUM E REFERÊNCIAS. RESPOSTA A:

citofone

R. Nova de S. Mamede, 38-A — LISBOA



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP-Direcção de Distribuição Tejo-Zona de Lisboa, a que se refere o processo 8/65360, Arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, da linha aérea de 30 kV, n.º 3106/R-59, com 63 metros, do apoio n.º 5-A da linha n.º 3106/R-31, ao posto de seccionamento n.º 5229 em Vale Grande-Serra da Ota.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 8 de Outubro de 1979.

O Director de Serviços
José Flores



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP-Direcção de Distribuição Tejo-Zona de Lisboa, a que se refere o processo 8/65593, Arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, da linha aérea a 10 kV n.º 1620/R 10, com 273 metros, de apoio n.º 3 da linha n.º 1620 ao posto de transformação n.º 2426-C dos Serviços Municipalizados de Torres Vedras, em Valverde.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 8 de Outubro de 1979.

O Director de Serviços
José Flores

SECRETARIA NOTARIAL DE VILA FRANCA DE XIRA

SEGUNDO CARTÓRIO a cargo do Notário

Lic. Carlos Henrique Ribeiro Melon

«Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de doze de Junho do ano corrente lavrada neste Cartório, e exarada de folhas 58 a 60 do Livro de «Escrituras Diversas», número B-76, os Senhores ANTONIO ABRANTES FERREIRA, casado e com residência habitual na Rua Acácio de Paiva, número 5-2.º andar direito em Lisboa e JOSÉ MANUEL LIMA RIBEIRO, casado e residente na Rua Gil Eanes, número 45-3.º andar, esquerdo na freguesia de Odivelas, concelho de Loures, constituíram, entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regula nos termos constantes da fotocópia anexa.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Vila Franca de Xira, aos nove de Julho de mil novecentos e setenta e nove.

Orlando Augusto dos Santos Migalhas

PRIMEIRO

— A sociedade adopta a denominação «INTERDOMOS — PROJECTOS E CONSTRUÇÕES LIMITADA» tem a sua sede na Rua da Emenda, número trinta, terceiro andar, Sala F, freguesia da Encarnação, Lisboa, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

SEGUNDO

— O objecto da sociedade é a actividade de construção civil, incluindo a aquisição e alienação de imóveis, urbanização, projecção e edificação de prédios urbanos e o seu acabamento, loteamento e vendas.

TERCEIRO

— O capital integralmente realizado em dinheiro é de DUZENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais de CEM MIL ESCUDOS pertencente uma a cada sócio.

QUARTO

— A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, pertence aos sócios, que desde já ficam nomeados gerentes. — Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas conjuntas dos dois sócios gerentes, podendo, no entanto, em assuntos de mero expediente bastar a assinatura de qualquer dos sócios individualmente.

PARAGRAFO PRIMEIRO — Os gerentes não poderão obrigar a sociedade em actos de favor, tais como abonações, fianças, letras de favor e semelhantes, sob pena de responderem para com ela pelos prejuízos que lhe possam causar com tal uso.

PARAGRAFO SEGUNDO — A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

QUINTO

— A cessão de quotas e a sua divisão são permitidas entre os sócios, dependendo do consentimento expresso do outro sócio a cessão a estranhos, ao qual é reservado o direito de preferência.

SEXTO

— Em caso de falecimento ou interdição de algum dos sócios, os seus herdeiros ou representantes tomarão o lugar do falecido ou interdito e enquanto a quota permanecer indivisa, escolherão um entre eles para exercer os respectivos direitos.

SÉTIMO

— A sociedade fica com o direito de amortizar qualquer quota no caso de esta ser penhorada, arrestada ou por qualquer forma envolvida em processo judicial que não seja o de inventário. O preço será o valor que resultar do último balanço aprovado.

OITAVO

— Os lucros líquidos apurados por cada balanço, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal terão o destino que os sócios deliberarem em assembleia geral.

NONO

— Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência, indicando sempre nelas os assuntos a tratar.

DÉCIMO

— Dissolvendo-se a sociedade, seja qual for o motivo, serão liquidatários os próprios sócios, que procederão à liquidação e partilha dos haveres sociais na forma deliberada em assembleia geral.

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses



A Natureza e a técnica ao serviço da sua saúde, elegância e felicidade

O Chá Diet — produto totalmente natural — resolverá o seu problema de peso excessivo. Os extractos de ervas medicinais actuam duma maneira natural na digestão e na função intestinal (laxativo). A acção eliminadora da água e das gorduras superfluas do corpo é a característica dominante do Chá Diet. Em combinação com as algas marinhas **Biotelpe** obtém-se mais rápidos resultados com perfeito controlo do equilíbrio da saúde.

A venda nas Farmácias

Representantes em Portugal

farga representações, lda.

R. Cidade Manchester 32 B Lisboa Tel 82 55 44

Agentes: Centro e Norte: Acofarm, Lda. Apartado 319 - Coimbra
Madera: Leacock & C.ª Lda, Funchal

Moscovo: 101 mil no Estádio Lénine

Durante dezasseis dias, de 19 de Julho a 3 de Agosto, o Estádio Central de Lénine, em Moscovo, será cenário das cerimónias oficiais de abertura e encerramento da «Olimpiada-80» e, durante esse período, ali irão competir atletas, ginastas, futebolistas, voleibolistas, judocas, jogadores de pólo aquático e especialistas de equestre.

Só do cume dos Montes Lénine, a maior elevação da capital soviética, é possível abarcar todo o panorama do Estádio Central Lénine, complexo ginodessportivo que, inaugurado em 1956, demorou somente 90 dias a planificar e apenas 450 a construir. Comparando, deve dizer-se que 5 anos foi o tempo que durou a edificação do Estádio Olímpico de Munique, muito embora nesse tempo (os Jogos decorreram, como se sabe, em 1972) as técnicas de construção houvessem sofrido já, naturalmente, muito acentuados progressos.

O Estádio Central Lénine é, de facto, um dos melhores complexos ginodessportivos do mundo, para o que muito contribui (sem dúvida alguma) a abundância de espaços verdes, a proximidade do rio Moskva a pureza da atmosfera, o conforto das suas instalações e as suas dimensões.

Ao cabo de 20 anos de existência (segundo um cálculo devidamente elaborado) pelo estádio haviam já passado mais de 200 milhões de espectadores; deve registar-se, por outro lado, que ali se podem praticar nada menos de 32 modalidades desportivas e, também, que ali se treinam, diariamente, mais de 4.000 desportistas, e com idades compreendidas entre os 5 e os 70 anos.

O estádio, propriamente dito, destaca-se não só pela vastidão das dimensões que possui como, igualmente, pelo rigor da planificação dos diversos campos que o constituem.

As escadarias encontram-se dispostas de maneira a que o sol perturbe o menos possível, quer os atletas, quer o próprio público. Os corredores de acesso ao recinto foram planificados de modo a que os espectadores possam abandonar o estádio em 10 minutos; o estádio (acessua-se) possui capacidade para 101.339 pessoas.

A reconstrução do estádio, com vista à «Olimpiada-80», já terminou. Contudo, o seu aspecto exterior não sofreu alterações, à excepção das quatro torres de iluminação (com 56 metros de altura cada uma), repletas de potentes projectores. Findou (também), a obra de suportes, onde será acesa a chama olímpica.

Por outro lado, foi renovado o revestimento da pista principal de atletismo e procedeu-se à remodelação dos locais situados sob as escadarias, onde ficará instalada uma filial do Sistema da Direcção Automatizada da Olimpiada, bem como um Centro de Imprensa.

DAS PISCINAS «MUITO RÁPIDAS» AO PALÁCIO DOS DESPORTOS

Entretanto, classificadas pelos próprios nadadores de «muito rápidas», as oito piscinas de natação existentes no estádio contribuem, também elas, para explicar os numerosos recordes (nacionais, europeus e mundiais) que ali têm sido suplantados.

Hoje, uma das maiores piscinas do complexo, onde serão disputadas as provas de pólo aquático, está sendo ampliada: ser-lhe-á acrescentada uma nova secção (de 33x25 metros), onde os nadadores poderão treinar-se antes de cada prova. As tribunas, verão igualmente aumentado o seu número de lugares, estando também a ser construída uma nova cabina para a Comunicação Social.

Ademais, a própria água será submetida a um novo tratamento tecnológico, de forma a evitar a irritação dos olhos.

O Palácio dos Desportos, por seu lado, é um centro desportivo universal e, também, um dos mais populares de Moscovo, já que presta serviços não só ao desporto como, igualmente, às variedades, ao bailado, ao cinema ou à poesia. Construído em Novembro de 1956, esse Palácio dos Desportos foi cenário de inúmeras competições desportivas inesquecíveis, possui capacidade para 17 mil pessoas e a sua evacuação pode fazer-se no tempo máximo de 4 minutos. Reconstruído agora, parcialmente, abrirá as suas portas aos ginastas e aos judocas olímpicos.

Assim, temos que os campos grande e pequeno, a piscina e o novo ginásio formam os centros básicos do Estádio Central Lénine que, nos seus 180 hectares, engloba 140 campos e outras instalações desportivas, entre as quais o estádio infantil, o ringue «Cristal», o centro de ténis, uma dúzia de campos de futebol e quatro de atletismo.

Os campos olímpicos do complexo ginodessportivo poderão receber, simultaneamente, cerca de 150 mil espectadores. Considerando os acontecimentos que, de manhã até à noite, ali irão verificar-se durante

os Jogos Olímpicos, em 1980, dias haverá em que o Estádio Central Lénine receberá, no total, 350 mil pessoas.

Por seu turno, também o recinto mais pequeno tem sido cenário de muitas competições, nacionais e internacionais, de ténis, voleibol, pugilismo e andebol. Todo esse recinto foi melhorado, designadamente o seu piso, que levou novo revestimento.

A capacidade do terreno principal, onde decorrerão as competições de voleibol masculino, será de 9.100 espectadores. Enquanto isto, as mulheres competirão num outro recinto, situado ao lado daquele, recém-construído, moderno e original. A alguns, o edifício recorda uma estrela do mar de tons dourados; a outros, lembra um grande guarda-chuva aberto ou, mesmo, uma fantástica nave cósmica. É indiscutível (porém), que, com tal construção, o aspecto geral do complexo ficou muito beneficiado. Do mesmo modo, muito interessante é a solução técnica encontrada: uma abóboda de betão armado, apoiada em 28 pilares, cobrirá as escadarias, o campo e a sala de convívio. A instalação foi calculada para 4.000 espectadores.

A voz do mestre: 8 anos é a idade ideal para aprender xadrez

A idade ideal para aprender xadrez é aos oito ou nove anos — afirmou o grande mestre «internacional» soviético Tamazi Geogardzi, que se encontra em Lisboa, onde participou na «Festa do Avante». Geogardzi apresentou como exemplo o seu próprio filho, a quem ensinou a jogar xadrez aos cinco anos. «Até aos oito anos os resultados foram muito reduzidos, e só agora, com nove, é que os progressos começam a ser palpáveis».

Geogardzi é georgiano e alcançou a categoria de «grande mestre internacional» em 1977, na Checoslováquia, contando na sua carreira com alguns êxitos brilhantes. Venceu, recentemente, nas «Espanholadas», o campeão do mundo Karpov e os ex-campeões Smislov, Petrosian e Romanichen. Considerando a modalidade que é um



Prosseguem os treinos das selecções nacionais de futebol, a caminho de actuação na Bélgica. Uma figura inédita no bloco de concentrados (o guarda-redes belenenses Delgado) recebe (na imagem) instruções do técnico-adjunto Rodrigues Dias. Em cima, as corridas da praxe.

«desporto ou quase um desporto», pois «desenvolve o espírito de competição e requer uma persistência física bastante boa», o grande mestre soviético não acredita que os computadores possam alguma vez superar o homem no jogo do xadrez.

As experiências que conhece não apontam para a futura supremacia do cérebro electrónico e, embora reconheça que tem sido conseguido êxitos de computadores contra mestres internacionais, afirma que «são, porém, casos isolados e não podem servir como exemplo significativo».

Os reduzidos contactos que, em Lisboa, teve com o xadrez português, deixou-lhe a ideia de que «existe muito interesse e gosto pela modalidade», mas gostaria de defrontar os xadrezistas portugueses mais fortes e

trocar impressões com eles, segundo afirmou. Para Geogardzi, o maior ou menor desenvolvimento da modalidade num determinado país é fruto de vários factores, como o número de torneios que se realizam, o apoio estatal e o volume de literatura publicada sobre o jogo.

Na União Soviética (deu a conhecer) estes requisitos existem em grande escala, razão por que há mais de dois milhões de jogadores federados, 40 grandes mestres do sexo masculino e 12 do sexo feminino, além de cerca de mil mestres e muitos milhares de candidatos a mestre.

Tamazi Geogardzi estará em Novembro próximo da República Federal da Alemanha, para disputar a final do Campeonato da Europa, em representação da sua equipa, o «Burevestnik», que defrontará os holandeses do «Roterdão».

Bicicleta faz campeão

Uma bicicleta de museu foi utilizada pelo jovem corredor holandês Bert Oosterboch para conquistar a medalha de ouro nos 5000 metros (Perseguição) de profissionais, nos mundiais de ciclismo.

Trata-se de uma máquina de cinco quilos de peso, que se encontrava no museu da bicicleta «Raleigh», de Nottingham (Inglaterra) e que, em 1976, tinha sido utilizada, no México, por Roy Schuiten para tentar bater o recorde mundial da hora, em poder de Eddy Merckx.

Se então não pôde conseguir a façanha, agora os construtores da bicicleta puderam provar como, com ela, o jovem ciclista holandês não só baixou o recorde do Velódromo de Amsterdão (que estava em poder de Tiemen Groen) como logrou, também, a medalha de ouro.

O caso de Bert Oosterboch é, hoje, o mais conhecido nos bastidores do «mundial». Com 22 anos, ciclista fundamentalmente de estrada (apenas pedalara numa pista alguns dias antes do início do «mundial») expôs ao seu director desportivo, Peter Post, o desejo de tentar a sua sorte na prova de perseguição.

Ante a proximidade da competição e a impossibilidade de preparar uma bicicleta, Post teve a ideia de pedir ao museu «Raleigh» a máquina utilizada por Schuiten, dado que ambos os corredores têm a mesma medida. A verdade é que Oosterboch começou por chegar à final depois de ter eliminado com total clareza o inglês Branbury, o suíço Gisiger e o belga Roger De Vlaeminck. Não foram tão claras as eliminatórias do outro finalista, o italiano Francesco Moser.

Nos quartos de final defrontou Roy Schuiten. Nesta luta entre dois ex-campeões mundiais da especialidade, considerada pelos técnicos como uma autêntica final antecipada, Moser sofreu uma queda, pelo que se interrompeu a prova para recomençar no mesmo local. Isto proporcionou uma certa vantagem ao italiano, mais rápido nas saídas, pois viu-se favorecido com duas partidas na mesma prova. Na meia-final, Moser voltou a cair pelo que, novamente com o seu adversário, o holandês Pontseen, teve de voltar ao ponto de partida.

Estranhamente, Moser repetiu a queda na final com Oosterboch, também dentro do primeiro quilómetro. Mas, nesta ocasião, de nada lhe serviu, já que o jovem estreante em provas de pista manteve o seu ritmo e acabou por dominar o italiano com a sua bicicleta «requisitada» ao museu.

«Menina bonita» do ténis dos EUA recusa milhões

Tracy Austin, que venceu o Torneio Aberto de Ténis dos Estados Unidos, regressou à escola, na Califórnia, recusando ofertas de publicidade no valor de dois milhões de dólares (cerca de 100 mil contos) — afirmou o seu agente Donald Dell.

Tracy, de 16 a. os, conquistou no passado domingo o título do Torneio Aberto dos Estados Unidos, destronando a campeã dos últimos quatro anos Chris Evert. A jovem tenista disse estar cansada de viver com os milhares de milhões do ténis, desejando unicamente regressar à escola para se reunir com os jovens da sua idade.

Dell afirmou que, no seu contrato para representar Tracy, ela exigia a promessa de que ela continuaria a sua vida normal, pelo menos até terminar a sua educação secundária.

Mundial em Espanha com bases sólidas

Faltam cerca de 1.000 dias para o início do campeonato do Mundo de Futebol, que começará no dia 16 de Outubro de 1982, nos estádios da vizinha Espanha.

Os adeptos espalhados pelo Mundo não podem reprimir um gesto de impaciência, ao consultarem o calendário, o mesmo não acontecendo ao Comité Organizador, adornado com o qualificativo de «real», desde que o rei Juan Carlos assumiu, em Fevereiro passado, a presidência de honra do campeonato.

Os 27 membros do Comité Organizador olham o calendário com alguma preocupação, pois não podem perder tempo se quiserem que tudo esteja pronto no dia em que milhões de «torcedores» concentrarem a sua aten-

ção nos estádios espanhóis para presenciarem, directamente ou pela televisão, o magno certame futebolístico.

Uma olhada à composição do Comité, basta para apreciar a multiplicidade de tarefas com que os organizadores deparam. Estão representados, não só a Federação Espanhola de Futebol e o Conselho Superior dos Desportos, mas também nada menos que 11 ministérios, a Radiotelevisão Espanhola, os caminhos-de-ferro estatais, a companhia de telefones nacional, as Linhas Aéreas Ibéricas e o Instituto Nacional da Indústria (Ini).

Os Organizadores mais sobrecarregados são os membros dos ministérios das Obras Públicas, Transportes e Telecomuni-

cações, que têm por incumbência preparar os portos e aeroportos, modernizar as redes de caminho-de-ferro e autocarros, criar parques de estacionamento automóvel e cuidar que a transmissão das notícias funcione rapidamente e sem problemas.

Muito menos podem respirar os organizadores que representam o Ministério do Interior, as forças de Segurança e o Ministério do Comércio, responsável pelo sector turístico, que deve coordenar a capacidade hoteleira exigida pelo mundial de futebol; naturalmente o Ministério das Finanças será o mais atarefado.

Raimundo Saporta, presidente do «Real» Comité Organizador, afirma que quer poupar o mais possível os cofres do Es-

tado, aos quais caberá financiar parte dos importantes gastos exigidos pela infra-estrutura requerida por um acontecimento desportivo destas proporções.

Saporta adianta a necessidade de respeitar os sacrifícios do contribuinte e, por isso, quer recorrer a fontes de financiamento secundárias, como a comercialização do emblema do «Mundial 82» e da discutida mascote «Naranjito», a organização de sorteios especiais de lotaria e a fabricação de moedas comemorativas, que podem servir também como meio de pagamento normal.

O Comité Organizador acrescenta que a venda dos bilhetes para as partidas do «Mundial»

não pode degenerar na exploração dos adeptos.

Saporta opina que os «aficionados» do futebol não podem ser bombardeados com 5.000 pesetas (cerca de 3.500 escudos) por um lugar sentado ou 2.250 pesetas (perto de 1.500 escudos) por um lugar de pé, como sucedeu no último «Mundial» da Argentina.

A ampliação e equipamento dos 17 estádios do «mundial», repartidos pelo território espanhol, desde Vigo a Sevilha e Málaga, importará em cerca de 5.000 milhões de pesetas (cerca de 3.5 milhões de contos), pois nem sequer os estádios de maior categoria cumprem, na actualidade, as normas mínimas exigidas pela FIFA.

O "caso" do Fundo de Fomento da Habitação

Continuação da pág. 5

a posição que agora assumo. Por esse facto lhes darei, na devida oportunidade, conhecimento do conteúdo desta carta. Julgo não cometer, com isto, inconflência, dado que esse conteúdo mais não é, afinal, do que a expressão escrita do que, perante os dirigentes do organismo, já foi exposto verbalmente a Vossa Excelência.

8 - Termina, senhor ministro, com a apresentação a Vossa Excelência dos meus cumprimentos respeitosos e a solicitação do pronto deferimento do que requeri.

QUADROS DIRIGENTES DO FFH SOLIDÁRIOS COM O EX-PRESIDENTE

Entretanto, numa carta enviada ao ministro da Habitação e Obras Públicas e ao secretário de Estado da Habitação, os quadros dirigentes afirmam a sua total solidariedade para com o eng. Manuel Agostinho Duarte Gaspar.

Na carta, os quadros dirigentes reafirmam a posição já assumida de total solidariedade da publicação e implementação do diploma orgânico do FFH; expressam «a sua discordância relativamente ao despacho de criação de um grupo de trabalho para o ex-programa C.A.R. por o considerarem como sendo uma forma de torcer um problema candente e iludir a sua verdadeira solução»; solicitam que, «para assegurar uma apreciação objectiva e formal dos factos relacionados com o ex-Programa C.A.R. e permitir o apuramento real e responsabilidades, seja imediatamente

aberto inquérito judicial ao referido Programa, quer relativamente ao seu desenvolvimento até à transferência para o F.F.H. quer no que respeita ao seu acionamento posterior pelo Fundo; afirmam «a sua total solidariedade para com o sr. eng. Manuel Agostinho Duarte Gaspar, cujas dedicação à Função Pública e actuação à frente do F.F.H. lhes merecem os maiores respeito e consideração, face à forma digna, elevada e altamente eficiente como tem desempenhado as suas funções».

Por último, os quadros dirigentes do FFH solicitam a revisão da decisão que dá por finda a comissão de serviço do eng. Manuel Agostinho Duarte Gaspar como presidente do Fundo de Fomento da Habitação.

SITUAÇÃO DO FFH PREOCUPA A CÂMARA DO PORTO

PORTO, 12 - Face à situação do FFH, o executivo da Câmara Municipal do Porto deliberou, na sua reunião de ontem, solicitar à Primeira-Ministro e ao ministro da Habitação e Obras Públicas que sejam tomadas medidas urgentes de forma a satisfazer a população mais carente os seus legítimos direitos de acesso à habitação. Na moção aprovada, e que será remetida ao PR, alude-se à grave situação da habitação na cidade agora mais agravada pela «situação conturbada no FFH». Afirma aquele executivo que esta situação «virá agravar a falta de apoio financeiro às iniciativas das Associações de Moradores, às cooperativas de ha-

bitação, à renovação urbana da zona histórica do Porto, à habitação social projectada pelo município e aos próprios empreendimentos do FFH dentro da cidade».

Concretizando a gravidade da situação, a Câmara afirma que foram já feitos estudos urbanísticos para cerca de 5400 fogos e reservados terrenos para 3200 fogos para cooperativas de habitação. Todas estas obras e mais os projectos para outros 1500 fogos estão comprometidos por falta do apoio financeiro do FFH que anteriormente se estava a processar. Por outro lado, afirma aquele executivo que está paralisado o empreendimento do Viso para 2000 fogos e outros empreendimentos para 750 fogos na Pasteleira.

"Celso Emílio"

O escrito intitulado «Celso Emílio, galego, poeta», publicado na nossa edição de 9/10 na rubrica «Novos Livros» saiu sem a indicação de que se tratava da primeira parte de duas, e ainda sem assinatura. Trata-se dum escrito do nosso camarada de Redacção Luís Miranda Rocha, feito por ocasião da morte daquele poeta, em 31 de Agosto p.p.



NOVOS LIVROS

Julien Gracq, o inconformista "estreia-se" em Portugal

Um autor quase desconhecido em Portugal, Julien Gracq, revela-se agora ao público português com «A Costa das Sirtres», uma das suas obras essenciais, em que, de modo eminente, e no dizer de Pierre de Boisdeffre, o leitor é enfeitado e transportado «para um outro mundo, de horror e maravilhas, onde o herói experimenta a sua capacidade de conduzir a sua própria vida».

Em «A Costa das Sirtres», livro integrado na colecção «Páginas de Sempre» das Edições António Ramos, Julien Gracq assume voluntariamente a distância que a sua obra parece marcar relativamente a uma certa «modernidade» e, alheia-se, agreste, de capelas e discussões literárias. De seu nome verdadeiro Louis Poirier, nascido em 1910, em St. Florent-le-Viel, autor de cinco romances, de contos, de poesia, de uma peça de teatro, de três ensaios - um dos quais dedicado a André Breton, seu mestre confessado -, Julien Gracq, lembrese, foi galardoado com o prémio literário «Goncourt» pelo seu livro «A Costa das Sirtres». No entanto, pouco adepto de prémios literários, Gracq recusou o «Goncourt» que lhe fora atribuído.

Entretanto, as Edições Antón Ramos lançaram recentemente na mesma colecção «A Epopeia de Gilgamesh», versão de Pedro Tamen do texto da arqueóloga inglesa N. K. Sandars. Considerado um dos grandes poemas épicos de sempre, esta história da literatura suméria chega-nos do terceiro milénio antes de Cristo - mil e quinhentos anos antes da «Ilíada». Seu herói é Gilgamesh, rei de Uruk, a de fortes muralhas. Um homem que fez uma «longa» viagem. Ao regressar, gravou numa pedra toda a história dessa viagem. A história da condição humana, os acasos da sorte, as paciências incansáveis, o método dos sábios, o temoso desafio dos tijolos às chuvas e aos ventos, à fúria dos homens, ao fogo do céu...

«A Costa das Sirtres» e «A Epopeia de Gilgamesh» ou dois livros de ontem que vale a pena ler hoje.

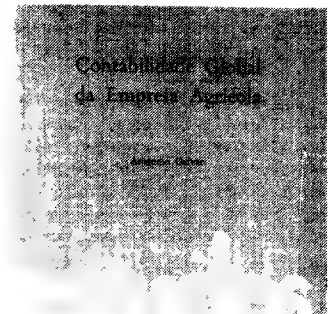
CONTABILIDADE GLOBAL DA EMPRESA AGRÍCOLA Por AMÂNDIO GALVÃO

No âmbito de um dos seus projectos de investigação, o Centro de Estudos da Economia Agrária, dependente do Instituto Gulbenkian de Ciência, tendo reco-

nhecido a falta de «um sistema contábil simples devidamente adequado às condições de existência da pequena e da média empresas agrícolas do país», promoveu a elaboração e a publicação da obra **Contabilidade Agrícola Global**, da autoria de Amândio Galvão.

A obra abrange um total de oito capítulos em que todos os problemas são amplamente estudados. Como se refere no Prefácio, «A Contabilidade Agrícola Global» encontrou da parte do público a que se destinava (estudantes de escolas de agricultura, técnicos extensionistas agrícolas, e agricultores), aceitação francamente positiva», como de resto o autor do trabalho o assinala. O sistema proposto permitiu depois aperfeiçoar os métodos respectivos, a partir de 1962, e «consequentemente aconselhado a introduzir diversas alterações no texto da «Contabilidade Global».

Trata-se, com efeito, de uma obra de grande importância, para a Agricultura Portuguesa, para os estudantes, para os agricultores, para os gestores de Cooperativas e Unidades Colectivas de Produção.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS (Por UNIDADE)	
E MOEDAS ESTRANGEIRAS	COMPRA VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51335 56335
ALEMANHA OCID. (marco)	27350 28350
AÚSTRIA (xelim)	3375 3395
BÉLGICA (franco)	13633 13733
BRASIL (cruzeiro)	1500 1560
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	41335 43335
(notas de 5 a 1000)	41335 43335
DINAMARCA (coroa)	9340 9380
ESPANHA (peseta)	808 708
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	48370 50370
(notas de 5 a 1000)	48355 51355
FINLÂNDIA (marco)	13305 13365
FRANÇA (franco)	11370 12330
HOLANDA (florim)	24380 25380
INGLATERRA (libra)	106370 110370
ITALIA (lira)	9054 9064
JAPÃO (iene)	197 3227
NORUEGA (coroa)	9390 10340
SUECIA (coroa)	11370 12330
SUIÇA (franco)	30340 31330
VENEZUELA (bolivar)	10300 11300

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente encoberto em especial a norte do Mondego, havia neblina em alguns locais e o vento era moderado de Sudoeste.

TEMPERATURAS DO AR	
V. DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	10°
PORTO	14°
P. DOURADAS	6°
COIMBRA	14°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	16°
ÉVORA	14°
SINES	17°
BEJA	14°
SAGRES	-
FARO	17°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.38 3,5 m	0.41 1,7 m
20.16 3,3 m	13.29 1,8 m

Dia 13

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
8.47 3,3 m	1.50 1,9 m
21.35 3,1 m	15.01 1,9 m

Dia 14

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.08 3,3 m	3.24 2,0 m
22.54 3,2 m	16.32 1,9 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado por vezes com boas aberturas; vento moderado ou forte de Noroeste por vezes com rajadas fortes; chuva passando a regime de aguaceiros. Na região do Algarve: o vento soprará de Sudoeste moderado até ao fim da tarde de hoje.

NAScer ÀS 6.43
OCASO ÀS 18.03

DIA 12 DIA 21 DIA 28 DIA 4

rádio

1.º Programa

17.00 «Trajectória» (Programa da juventude); 19.00 Música portuguesa; 19.30 «Jornal da noite»; 20.00 Música popular; 20.30 Temas de desporto; 21.00 5.º episódio do Folhetim «Terras do Demo»; de Aquilino Ribeiro; 21.20 Música variada; 22.00 Transmissão da Cova da Iria, das Cerimónias Religiosas da Peregrinação Internacional de Outubro ao Santuário de Fátima; 24.00 Sinal Horário - «Último jornal»

2.º Programa

17.30 O Harpista Nicanor Zabaleta; 18.00 Noticiário cultural; 18.10 Música Portuguesa; 19.00 Música de Câmara de Mozart; 19.30 «Quinto n.º 4, em dó menor K. 406»; 20.00 «As palavras dos músicos», pelo dr João de Freitas Branco; 20.00 Música sinfónica: - Sinfonia n.º 4, em mi bemol maior («Romântica»), de Bruckner; 21.30 Canções de Schubert «O Canto do Cisne»; D. 957; 22.00 Curiosidades musicais: - Música para instrumentos antigos (séc. XVIII); 23.00 «Interchô musical» - Festival Internacional de Zurique, 1979 - gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Radiodifusão e Televisão, 00.52 Abertura «O Califa de Bagdad», de Boieldieu; 01.00 Fecho

Rádio Comercial (290 m)

17.03 Contacto; 17.40 «Contactos com o Mundo»; 18.10 «Tutti Frutti» - Histórias sérias da música ligeira; 18.15 «Carros Roubados/SOS»; 18.45 «Espaço Círculo»; 19.45 «Teatro Tragico» (com Parodiante de Lisboa); 20.00 Quando o telefone toca; 20.33 Contact; 21.00 Música para meditar; 21.30 Quando o telefone toca; 22.33 O tema 6; 23.00 Projectão

Emissão Estereofónica (97,4 MHz)

15.03 Rock em Stock; 18.03 Hora de ponta; 19.00 Em Órbita; 21.03 Fórum

Rádio Renascença

18.08 Apelo; 18.15 Igreja em Notícia - Palavra do dia; 18.30 Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00 Programa da Liga dos Amigos de R.R.; 20.00 Objectivo: 20.45 Apelo; 21.05 Programa da Liga dos Amigos de R.R.; 22.00 Quando o telefone toca; 22.30 Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima.

centro S.O.S.
voz amiga
544545

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 12 458

HORIZONTAIS:

- Aquele que, em mais alto grau.
- Larva das feridas dos animais. Roubas.
- Erbo (s.q.) A pouca distância. Pronome reflexo.
- Movera os remos. Ecoar.
- Olvidara.
- Acrecentando uma consoante, é prefixo que designa ar. Navios.
- Sara. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- Apanharemos.
- Mirare. Metera em malia.
- Arrostaras.
- Em mais alto grau. O mesmo que duração.

VERTICAIS:

- Tenciono. Guardam segredo.
- Dêem urros. Igualara.
- Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Dera mios. Cento e um em romano.
- Reprovar (batendo com os pés no chão). Artigo definido.
- Fendi. Raer.
- Estacar. Mãe (bras.).
- Item. Avarentas.
- Extremidades dos braços. Elo.
- Carta de jogar. Primeira parte do nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Mirare.
- Apelido da mãe de Luís de Camões. Perfume.
- Costumaras. Remedeia.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8518

HORIZONTAIS:

- Fenda aberta. Rebento.
- Autores. Aguçarias.
- Patrão. Nota musical.
- Corda de requinto. Artigo definido.
- O mesmo que quisto. Fluido aeriforme.
- Espiohei. Da Alemanha.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Gerner.
- Ilha do Pequeno Belt. Nome africano da noz da cola.
- Bondoso. Involgares.
- Arrendaras. Postscriptum.
- Fronteiras. Sacerdote budista.

VERTICAIS:

- Animal doméstico. Trezentos em romano. Botequim.
- Tempo do verbo haver. Irmã da mãe. Planta do pé.
- Naco. Muito.
- Galio (s.q.). Inflama. Galio (s.q.).
- Canseira. Deras oiro a.
- Intimo. Rogar.
- Cidade do Sudão. Francês. Galio (s.q.). Verbal.
- Clima. Divisão de uma casa. Sufixo que designa abundância.
- Rio de Portugal. As glândulas mamárias da mulher.
- Cidade da Holanda. Rainha da literatura fantástica inglesa. Utensílio doméstico.
- Artigo definido. Tangerinas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 457

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Asais Passa.	1 Aliam. Moçar.
2 Fanar. Orçar.	2 SANGUE PEDE
3 Inês. Era. Ni.	3 Anéis. Me.
4 Agi. Uro. Age.	4 Ias. Atar. Rs.
5 Musa. O. Crus.	5 Sr. Ada. Aa.
6 Ta. Pare.	6 Ero.
7 Madeira.	7 Porro. Piores.
8 Ópera. Or. Ca.	8 Ara. Carrelo.
9 Ce. Ora. Es.	9 SC. Arrá. Va.
10 Adora. Elvas.	10 SANGUE. Cadr.
11 Re. Sa. Soara.	11 Anes. Massa.

Provérbio: O SANGUE PEDE SANGUE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8517

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Aux. Emalava.	1 Arr. Grato
2 Im. Anos.	2 Im. Trão
3 Xara. Ms. Pés	3 Xara. Ms. Pés
4 Nero. Taipa.	4 Nero. Taipa.
5 Si. Corta.	5 Si. Corta.
6 Mapa. Caca.	6 Mapa. Caca.
7 Absmar.	7 Absmar.
8 Lar. Aviso.	8 Lar. Aviso.
9 Alanco. Eras.	9 Alanco. Eras.
10 Vare. Soca.	10 Vare. Soca.
11 Arama. Massa.	11 Arama. Massa.

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

ZIONAL - Rua Morais Soares 56 C; 321415; **COSTA** - Rua Lusitana 30-32 Tel. 636704; **RAINHA SANTA** - Rua Afonso L. Vieira 57 B Tel. 765262; **RUALTO** - Rua Alto Carvalhoso 5 B Tel. 651721; **SÃO BARTOLOMEU** - Vi. Paulo Jorge 1 Galinheiras Tel. 790969; **CELTA** - Rua Moura Girão 3 B Tel. 890621; **ALBANO** - Rua Escola Politécnica 59 Tel. 326750; **PRATES E MOTA** - Rua Beneficência 91-93 Tel. 773728; **AVENIDAS** - Av. da República 27-A Tel. 533688; **SANTO ANTONIO** - Rua Leite Vasconcelos 72-C - Tel. 862333; **CABRITA** - Prq. Res. Miraflores Lote 12-A Tel. 2101486; **CORREIA** - Est. Principal Lt. 172 Tel. 993148; **MONSERRATE** - Rua Guil. Gomes Fernandes 31-A Tel. 911139.

REFORÇO

ZILER - Rua São Tomé 54-56 Tel. 862835; **AEROPORTO** - Av. Alm. Gago Coutinho 101 D Tel. 882364; **BENFILZ** - Est. de Benfica 444-A Tel. 782606; **BOA HORA** - Rua dos Quarteis 25-27 Tel. 637777; **CENTRAL** - Rua São Paulo 108 Tel. 320389; **PORTUGAL** - Rua Rebelo da Silva 11-13; **PAIVAS E PARENTES** - Rua St. António à Estrela 96 Tel. 665196; **MATOS VIEGAS** - Av. Rainha D. Amélia 34-B Tel. 794174; **ROMANA** - Rua Actor Aug. Melo 7-A Tel. 383800; **LEMOES** - Rua Cidade da Beira Lt. 19 Lj. A Tel. 331692; **MARLUZ** - Cq. da Picheleira 140 BC Tel. 880703; **ALGARVE** - Av. Roma 7B Tel. 801478; **OLIVEIRA VIEGAS** - Rua Viriato 29-29-A Tel. 548966; **VAZ MARTINS** - Rua António Ferrer 6-A Tel. 970660; **NOVA** - Rua Aço 11-A Tel. 910305; **LEITÃO RIBEIRO** - Rua A do Falcão 3-A MATOS - Tv. Piores (Viv. Morgadinho) Tel. 2519939.

Outra Banda

ALMADA - Galeno - R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565); **COVA DA PIEDADE** - Castro Rodrigues - L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121); **LARANJEIRO** - Feijó - R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA** - Carlos - Av. do Mar, 34-A (Quinta de St.º António, SESIMBRA - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO** - Soares - Av. da República, 1 (Tel. 2073023); **AMORA** - Amorenses - Av. Marg. Silva Gomes, 80 (Tel. 2210042); **SEIXAL** - Godinho - L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO** - S. Pedro - Av. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA** - Silva Rocha - P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** - Gameiro - L. António Sato Jorge, 15 (Tel. 234100).

Linha de Cascais

ALCABIDECHÉ - Carvalho - Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira

Bastos - Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central - Até às 22 horas; **CARCAVELOS** - Vilar - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085). Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Pargana - Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS** - Oeiras - L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Aleir - Av. Gago Coutinho - B.º Caixas Previdência (Tel. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueiro-Mendes - Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Tel. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** - Lopes - R. Hanger, 3 (Tel. 260008). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS** - Marginal - Av. Marginal (Tel. 280078). Até às 21 horas; **Nova** - Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

ARADORA - Dias - Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589). Permanente - Carmelo - R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303). Até às 22 horas; **DAMAIA** - Lemos - R. de Goa, 21-A (Tel. 971121); **QUELUZ** - Serra e Pinto - Av. D. António C. Sá, Lote 50-G, E (Tel. 957619); **CAMARATE** - Batalha - R. Avelino S. Oliv. 5 (Tel. 2518669); **CACÉM** - Guerra Rico - Entre Lotes 6 e 7 Freixo Capítão (Tel. 2944002); **ALGUEIRÃO** - Rodrigues Rato - (Tel. 2912038). Permanente; **AGUALVA-CACÉM** - Mira Sintra - P. N. Torre, 310. Até às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo - Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194). Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim - (Tel. 980456). Permanente; **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CAMPOS - Rua Padre Luis Cabral, 943, Foz Tel. 680113; **ALVES MOREIRA** - Av. Rodrigues de Freitas, 167, Tel. 51889; **MAIA** - Rua do Campo Alegre, 192 Tel. 64450; **MONTE DOS BURGOS** - Rua do Monte dos Burgos, 802, Tel. 62279; **ALIANÇA** - Rua da Conceição, 2, Tel. 24203; **BOTELHO** - Rua da Alegria, 868, Tel. 430069; **ESTÁCIO** - Rua Sa da Bandeira, 120, Tel. 22664; **LIDADOR** - Rua do Lido, 265, Tel. 683739.

DE DIA E TODA A NOITE

MENESES DE LIMA - Praça Dr. Pedro Teófilo Pereira, 277 Tel. 51764; **CLÉRIGOS** - Rua dos Clérigos, 36, Tel. 31539; **CRUZ** - Rua de Costa Cabral, 1082 Tel. 48004; **GUARANI** - Rua de Pedro Hispano, 267 Tel. 62250.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

MIRANDA - Praça do Comércio, 41. Tel. 23261

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
As 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30
INTERIORS (INTIMIDADES)
As 23.45
BANANAS
SALA B
As 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
MOONRATER - 007 AVENTURA NO ESPAÇO

ALVALADE 897480

Av. de Roma
14, 16.30, 19, 21.30
Imaginação! Beleza! Humor!
Walt Disney Productions apresenta
2.ª Semana
SE A MINHA CAMA VOASSE...
com Angela Lansbury e David Tomlinson
Falado em português - Technicolor
Para todos

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
27.ª Semana
O CEU PODE ESPERAR
Não acons. men. 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
Não acons. men. 18 anos
«O Grande Conquistador»

AVIS 547163

Av. Duque D'Avila, 45
As 21.30
Grupo B (10 anos)
Festival GIANNI MORANDI
ROUBARAM O MEU CORAÇÃO
As 15.30, 18, e 21.30
SE TU NÃO EXISTISSES
Grupo B (10 anos)

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Hoje Estreia às 21.30
Gil Gerard/Pamela Hensley/Erin Gray
Bm
BUCK ROGERS NO SÉCULO 25
Não acons. a men. de 13 anos
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Últimas exhibições do filme
BARRACAS NA PRAIA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
GREASE (Brilhantina)
37.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
Estreia às 21.30 h
Int. m. 13 anos
DOIS ANJOS EM FUGA
c/Nathalie Delon e Philippe Leroy
As 15.30, 18.30 h
ALMAS PERDIDAS
Amanhã às 24 h
REFLEXOS NUM OLHO DOURADO
Int. 18

CINE 222 Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
EM NOME DO PAPA REI
às 23.45 h
N. ac. a men. 18 anos
A PRIMEIRA NOITE

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
Hoje às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
A HISTÓRIA DE JOANA
Int. men. 18 anos
(Cenas event. chocantes)
As 24 h., int. men. 18 anos
TEMPO DE ASSASSINOS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
14, 16.30 e 21.30 h
Não acons. a men. 13 anos
A TERRÍVEL VINGANÇA
(filme indiano)
Um filme de Pervaz Malik
c/Mohd. Ali, Zeba, Waheed Murad, Mumtaz

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. a men. 13 anos
POLÍCIA OU LADRÃO
Uma fabulosa realização de Georges Lautner
15.ª Semana

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30, 18 e 21.30
Int. a men. 13 anos
BARRACAS NA PRAIA

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damaia
As 21.15 h
Não acons. men. 18 anos
ASSALTANTES DO AR

EDEN 320768

P. dos Restauradores 21
A PROFECIA
Um filme de John Frankenheimer/
Technicolor
Não acons. a men. de 18 anos
AVISO AO PÚBLICO:
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
Hoje estreia às 21.30

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. a men. 18 anos
O FANTASMA DO PARAISO
O filme de Brian de Palma
2.ª semana

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. a men. 13 anos
AQUI COMEÇA A AVENTURA
c/ Mónica Vitti e Claudia Cardinale
Estas duas belas raparigas tinham um estranho encontro marcado e...

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões: 15.15 e 21.30 horas
(Não acons. m. 18 anos)
OS COMANDOS DA MORTE
Gregory Peck Laurence Olivier
James Mason
As 24.00 horas em
O BANHO DE TIENE com Regina Pai e Chiang Shan
(Não acons. m. 18 anos)

IMPERIO 555134 5

Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30 e 21.30
Int. a men. de 13 anos
O máximo do ano! Belmondo em
POLÍCIA OU LADRÃO
Um filme de Georges Lautner
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NÃO POSSO PASSAR SEM TI
c/ Annie Girardot
9.ª Semana

LUMIAR Tel. 786296

Calçada de Carriche
Hoje noite, às 21.30 h.
Interd. m/18 anos
O sombrio justiciero da vingança
O DIA DA VINGANÇA
Franco Nero e Claudia Cardinale
Sábado e domingo
CANTIFLAS - O POLÍCIA 777

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.30 - N. ac. men. 13
DO INFERNO À VITÓRIA
c/ George Hamilton, George Peppard e Anny Duperey
3.ª Semana

MONTECARLO Tel. 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O IMPÉRIO DO GREGO
História de amor que fascinou o mundo
(Parque de estacionamento privativo)
15.ª Semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferraz, 12-A
15.15, 18.30 e 21.30
Não ac. a men. 18 anos
O JOGO DOS ABUTRES
c/ Richard Harris, Richard Roundtree, Joen Collins
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30
- Para Todos
JUBILEU RATO MICKEY
Um filme de Walt Disney

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas 7
As 15.15 e 21.30 h.
A mulher alcança a real liberdade
O MACHÃO
com: Nourvil e Francis Blanche
Não acons. a men. de 18 anos

ODEON 326283 4

R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
GUERRA NO ESPAÇO
Ficção científica

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O VINGADOR DA ESTRADA
Com Peter Fonda

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º Antão
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI
c/ Paola Corazzi e Giorgio Cerioni
3.ª Semana

QUARTETO R. Flores de Lima, 16 771378

SALA 1 As 14.30, 16.45, 19, 21.15
Int. m/13 s. Hard core
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE
Real: Paul Schtadrer
SALA 2 As 15, 17, 19, 21.15
Int. m/18 anos c/cenas chocantes
AMOR ENTRE MULHERES

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15.30, e 21.30 horas
Não acons. m/18 anos
Um filme espectacular dramático, e de «suspense» - Premiado com 3 «Oscars»
A TORRE DO INFERNO
C/Steve Mc Queen, Paul Newman, William Holden e Faye Dunaway
M. 5.ª Semana

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JR8
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Trunfal regresso de Terence Hill com Henry Fonda em
O MEU NOME É NINGUÉM
Acção e gralhada como nunca se viu!
3.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.30, 18 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
O filme indiano que baheu todos os records!
A FORÇA DO PASSADO
c/ Amitabh Bachchan e Rishi Kapoor
5.ª Semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MOONRATER - AVENTURA NO ESPAÇO
c/ Roger Moore
6.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
4 sessões:
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
UMA LIÇÃO DE AMOR
Filme de qualidade
7.ª Semana
Um filme de Ingmar BERGMAN
C/Harriet Andersson e Gunnar Bjornstrand

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 15, 18, 21.30
Int. a m/13 anos
Uma história encantadora e divertida
CONFIDÊNCIA POR CONFIDÊNCIA
c/Daniel Ceccaldi, Jacques François, Michel Calabru

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 - N. ac. men. 13 a.
O último filme de Laurence Olivier
UM PEQUENO ROMANCE
c/ Laurence Olivier, Arthur Hill e Sally Kellerman
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
Imaginação! Beleza! Humor!
Walt Disney Productions apresenta
SE A MINHA CAMA VOASSE
c/ Angela Lansbury, David Tomlinson
Falado em português - Technicolor
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
O maior festival de música
WOODSTOCK
c/ Joan Baez, Jimmy Hendrix e «The Who»

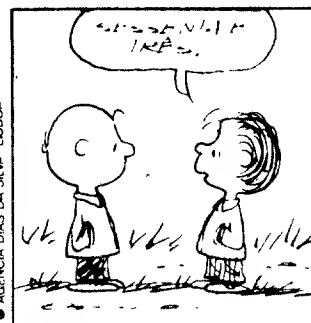
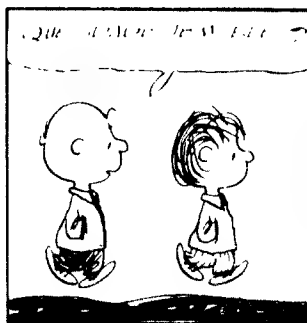
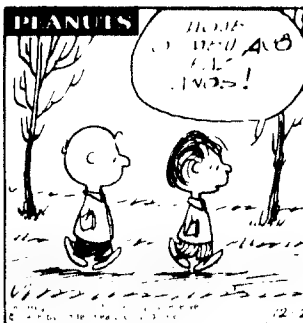
ZODIACO 570151

Rua Conde de Redondo, 5
14.15, 16.30, 19 e 21.30
Interdito a menores de 13 anos
PARA ALEM DA AVENTURA DO POSEIDON
Hoje e amanhã às 23.45
AUTO STOP ALUCINANTE
c/Franco Nero e Corinne Clery

lubrificantes

GALP

a máquina é exigente





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185-A
TELEFONES 554317/3

• REDACÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 37104-5, 37071-2, 37072-9, 37073-1
PUBLICIDADE 360740

• SERVIÇO NOTAS - DEPOIS DAS 17h

• IMPRESSÃO: 37104-5
MENSAGENS URGENTES 37072-9

• ENDEREÇO TELEGRÁFICO: UNIDA TELE 37104
LISBOA PORTUGAL

• DESPACHOS DE PORTO
RUA DO ALMADA 38-7 TELEFONES 20954-5

Solidariedade com o Povo Árabe e a Palestina

A apresentação da Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe e a Causa Palestiniana foi esta manhã motivo para uma conferência de imprensa, promovida pelo Conselho Português para a Paz e a Cooperação, que em Portugal apoia e organiza a reunião que se realizará entre os dias 2 e 6 de Novembro, no Hotel Penta.

Rui Grácio, do CPPC, enunciou os principais objectivos da Conferência, convocada depois de uma decisão nesse sentido aprovada pelo Congresso do Povo Árabe e que mais tarde foi apoiada por uma reunião internacional realizada em Roma e que contou com a presença de 62 organizações políticas e outras de vários países. A essa reunião de Roma, seguiram-se encontros internacionais preparatórios em diversas cidades (Paris, Helsinquia e Trípoli).

Na conferência de imprensa também presentes dois representantes da OLP. Tashim recordou o que foram 11 anos e meio passados nas prisões israelitas (entre os 17 e os 29 anos) e as torturas a que foi submetido em todas as prisões do Estado de Israel. «A tortura, em Israel — afirmou — não é esporádica; é algo de pensado e sistemático que visa aniquilar física e moralmente o prisioneiro».

Durante a conferência de imprensa foi abordada a vinda a Portugal do presidente da OLP, Yasser Arafat, que por ser considerado internacionalmente um chefe de Estado no exílio, aguarda garantias das autoridades portuguesas para aceitar o convite para participar na Conferência.

A organização já recolheu apoios diversíssimos em Portugal, de vários sectores sociais e políticos e nomeadamente de perto de 180 deputados da Assembleia da República, do PS, PSD e PCP.

(Hoje 32 páginas)

1001 VIAGENS "IT"
(Tarifas reduzidas de avião)

PEÇA A RESPECTIVA BROCHURA
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu
fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 150 Telef. 371341
Av. dos Aliados, 207 Telef. 312921

COIMBRA Rua da Seta, 2 Telef. 2/01112

FARO Av. da República, 124 Telef. 2503595

FUNCHAL Rua do Cordeiro, 1 Telef. 3107/8

SÉNECA

Direita envolvida na rede de burlões

A Polícia Judiciária descobriu, por «acidente», que o caso dos cheques falsificados no valor de 700 000 contos e a emissão em larga escala de selos fiscais falsos são obra do mesmo grupo — soube hoje o «DL».

Entretanto será curioso registar «o destino» diferente que tiveram dois dos presumíveis implicados nestes casos.

Assim, António José Cabral de Almeida, em casa de quem foram encontrados selos, aquando da captura por causa da burla dos cheques, encontra-se ainda detido, não pela sua intervenção na fraude dos 700 mil contos mas pela posse dos selos.

Outra, no entanto, foi a sorte de António Dias dos Santos, a quem também foram encontrados selos em casa, além de 3 pistolas de guerra. Acabou por ser libertado e liberto pelo juiz de Instrução quer quanto à sua responsabilidade na fraude bancária quer quanto à dos selos: pertenciam ao seu irmão, embora os guardasse na sua casa, desculpou-se o António Dias. Só que

esse seu irmão, Américo, havia falecido vítima dum acidente junto da praça da Torre uns três meses antes. Bom aproveitamento do luto, afirma um indivíduo que conhece bem o António Dias.

Também o director do departamento da «Fiat» no Prior-Velho, a Sacavém, foi preso devido à posse e passagem de selos fiscais falsificados, e cerca de mais uma dúzia quase todos eles ainda detidos.

De registar que em ambos os casos foi o «DL» quem primeiro divulgou as fraudes.

SELOS FALSOS VÊM DE LONGE

Já em princípios do Verão de 1978 um preso de Custódias terá comunicado à Polícia Judiciária a existência de uma conspiração para matar algumas individualidades políticas, tais como Mário Soares, Melo Antunes, Manuel Alegre e um elemento da Embaixada de Cuba. Esse mesmo detido teria informado a Polícia de

outras actividades criminosas do grupo, uma das quais seria a desestabilização económica do País através dum emissão gigantesca de selos fiscais.

Na altura as autoridades policiais e judiciais não acreditaram em nenhuma das informações prestadas por aquele detido, que chegou a ser ouvido sobre o assunto, apesar de ele concretizar nomes e chegar a referir que o Ângelo do Nascimento, mais conhecido por «Ângelo da Peixeira» ou «Ângelo de Trancoso», havia levado de Lisboa para o Norte, isto nos princípios do Verão de 78, quantidades enormes de selos falsos para distribuir entre os empresários que apoiam os grupos desde há muito ligados às actividades da direita, extrema-direita portuguesa.

Como a Polícia não acreditou na informação, acontece que pelo menos quanto aos selos é crucial acreditar que estejam a ser usados, defraudando as finanças nacionais, desde aquela altura.

Sabemos que o referido «Ân-

gelo de Trancoso», antigo homem de mão da família Galvão de Melo, esteve envolvido na explosão de Monsanto quando morreram dois dos bombistas ao preparar o engenho. No local estava o Ângelo e um primo do pretendente ao trono português (?). Ângelo era ainda o maior contrabandista da área abrangida entre Vilar Formoso e Chaves, sendo responsável pela introdução no nosso país de grandes quantidades de armamento, especialmente da marca «Beretta», e automóveis. Apoiou com dinheiro e acção directa o ELP e o MDLP, sendo o elemento de ligação entre Espanha e Portugal e intervindo pessoalmente na fuga do filho do «pide» Barbieri Cardoso quando este se encontrava no Hospital da Marinha em Lisboa. Ainda, e entre muitas outras coisas, o Ângelo é acusado de ter alvejado voluntariamente dois guardas fiscais que o tentavam interceptar.

Agora, o Ângelo do Nascimento encontra-se no Brasil para onde fugiu, precisamente

na véspera do dia em que a Polícia Judiciária o procurou em Chaves para o prender por causa dos selos fiscais falsificados. Isto há três semanas.

ENVOLVIDOS NA FRAUDE MANTÊM CRÉDITO

Sabe-se que os indivíduos envolvidos na burla, dos cheques bancários continuam a beneficiar de crédito bancário.

Por outro lado sabe-se também que existem fortes pressões, nomeadamente da parte do advogado Proença de Carvalho, para que a burla dos 700 mil contos venha a ser reduzida a caso de cheques sem cobertura, cuja pena é bastante inferior e permite, em certas condições, o perdão da parte. Para além da irregularidade de tal interpretação jurídica, convinha apurar quem é parte num caso em que os bens lesados são de todo o País.

GISCARD E OS DIAMANTES DE BOKASSA

Esquerda exige explicações

O caso dos diamantes que Bokassa teria oferecido a Giscard d'Estaing continua a gerar intensa polémica em França. Respondendo às múltiplas acusações da imprensa e dos partidos políticos de esquerda o porta-voz do Palácio do Eliseu, Pierre Hunt, limitou-se, ontem, a declarar que: «não parece muito digno para a função presidencial ter de se justificar ou responder a notícias que se entendem mais como difamação ou campanha orquestrada do que como verdadeira informação».

Hunt fez notar que esta sua observação era apenas «pessoal».

Entretanto as forças políticas da esquerda francesa continuam a manifestar a sua indignação e a exigir que o assunto seja averiguado até às últimas consequências. Assim, o presidente dos «Radicaux de Esquerda», Michel Crepeau, pensa que Giscard d'Estaing deve vir explicar-se à televisão. Crepeau pede também que os ministros responsáveis venham prestar esclarecimentos ao Parlamento.

Também o presidente do grupo comunista na Assembleia Nacional, Robert Ballanger, pediu ao primeiro-ministro, Raymond Barre, para publicar a lista dos presentes mais importantes recebidos pelos ministros nos últimos dez anos, e o seu valor.

Por último, Georges Fillioud, deputado socialista, afirmou que a mudança de casa efectuada no Palácio de Berengo (antigo palácio de Bokassa perto de Bangui) e a evacuação de todos os arquivos tiveram como finalidade fazer desaparecer as provas comprometedoras. Existem outras, mesmo em «França que podem surgir a qualquer momento», acrescentou.

Na sua edição de ontem o jornal «Le Monde» replica ao único comunicado oficial emitido sobre o assunto — e que ontem referimos — que «o que está em causa não é a pequena ou a grande quantidade dos diamantes que se alega que Giscard recebeu. O que está em causa é a verdade dos factos». Por seu turno o jornal de direita «Le Figaro» acusa

«Le Monde» e as forças de esquerda de montarem uma campanha contra Giscard. O «France Soir», também de direita, reconhece que «se o presidente recebeu os diamantes, o que não pode ser excluído, então o caso tem que ser examinado atentamente».

REACÇÃO GOVERNAMENTAL

Oliver Stirn, secretário de Estado francês dos Negócios Estrangeiros, disse ontem que «o caso das lembranças» do ex-imperador Bokassa tinha sido «montado de ponta a ponta para tentar desacreditar o presidente da República».

Em contrapartida, o Governo aceitará a comissão de inquérito parlamentar à utilização dos créditos franceses centro-africa «é preciso dar novas explicações, pois as pessoas interrogam-se ainda. Ver-se-á então que o caso Bokassa não é mais do que um dossier inútil», declarou Stirn.

"PROMOÇÃO CAMPONESA" Entrevista no MAP foi positiva

Uma delegação de trabalhadores agrícolas da União Cooperativa «Promoção Camponesa» de Grândola que integrava, também, Figueira Mendes, presidente da Câmara Municipal daquele concelho, o técnico agrícola Rogério Brito e o advogado António Bica, foi recebida, ontem, pelo secretário de Estado da Estruturação Agrária.

«A conversa foi positiva. Estamos convencidos de que o secretário de Estado ficou sensibilizado para os problemas dos trabalhadores, tendo-nos garantido que a legalidade seria respeitada nos casos de reservas, em que o parecer da auditoria jurídica confirmasse ter havido violação da Lei Substantiva» — afirmaram os representantes da União Cooperativa «Promoção Camponesa», em conferência de imprensa.

Aos órgãos da Informação foram revelados não só alguns aspectos da reunião com o secretário de Estado, Pereira de Castro, como ainda lhes foi dirigido um convite no sentido de visitarem as cooperativas de Grândola «para informarem correctamente o povo português». A conferência de imprensa, no entanto, seria quase totalmente ocupada com a apresentação de um balanço sobre a situação da Reforma Agrária naquela zona, focando-se questões de produção, organização e da ofensiva desencadeada, através da entrega de reservas.

LATIFÚNDIO = ATRASO

Os resultados apurados em quatro anos de Reforma Agrária, no concelho de Grândola onde o sector primário ocupa um lugar de peso, são o testemunho de uma nova realidade forjada nos antigos latifúndios. Verifica-se um aumento dos postos de trabalho e dos salários médios, diversos melhoramentos fundiários, um uso muito mais largo da mecanização e um aumento das áreas semeadas e da pecuária.

No respeitante à produção, Rogério Brito, chamou a atenção para o facto de não se considerar esta «apenas os cereais». A produção abrange, também, os produtos regados, as oleaginosas, as forragens, as hortícolas e outras culturas. Na verdade, tem-se registado uma quebra da produção cerealífera de norte a sul do País — e não somente na zona da Reforma Agrária como

pretendem fazer crer os inimigos dos trabalhadores — devido à falta de incentivo e ainda às condições climáticas.

É de destacar, porém, o substancial aumento das áreas cultivadas com tomate e arroz que no ano agrícola de 78/79 ocuparam cerca de 85% da superfície irrigada.

DEMOCRACIA

Afirmam os detractores da Reforma Agrária que nas cooperativas não existe democracia por causa do domínio do Partido Comunista.

A propósito Rogério Brito que descreveu a organização interna das cooperativas, onde efectivamente se pratica a democracia, sublinhou que os trabalhadores, durante tantos anos explorados e perseguidos têm todo o direito de escolher o partido que quiserem. Se por expressão de voto a zona da Reforma Agrária é maioritariamente comunista deve-se à vontade dos trabalhadores que, na altura de meterem os votos nas urnas podiam alterar a situação.

Quanto ao deslojamento dos trabalhadores das casas existentes nas herdades, afirma António Bica que «segundo a lei ninguém pode ser desalojado sem uma decisão do Tribunal». O MAP tem estado, portanto, a invadir a esfera dos tribunais com a colaboração da GNR.

Uma outra questão, focada por António Bica, foi a da «exploração directa da terra», condição estabelecida na lei para a entrega de reservas com determinada pontuação. Também aqui a interpretação do MAP tem sido arbitrária. Basta o agrário tirar a cortiça — o que sucedia já antes do 25 de Abril — para ser considerado, na óptica do MAP, «não absentista».

Com a autoridade de uma experiência vivida, os trabalhadores presentes na conferência de imprensa, Custódio Elias, Manuel Frotas e Eugénio Pereira, relataram, com pormenores, o itinerário percorrido desde as ocupações das terras até às entregas de reservas, de que discordam como já têm tido oportunidade de manifestar nas ocasiões.

Temos sido atacados de várias maneiras a coberto da Lei Barreto que mesmo sendo reaccionária, não tem sido cumprida... — disseram.

Dois não médicos partilham prémio Nobel da Medicina

ESTOCOLMO, 12 — Um britânico e um americano, nenhum deles médico, partilharam hoje o Prémio Nobel de Medicina como pioneiros dos raios X computadorizados.

Estes aparelhos foram o início de uma revolução no diagnóstico das doenças. A técnica utilizada permite aos médicos ver o interior do corpo humano em pormenores tridimensionais sem o auxílio do escalpelo do cirurgião.

O dr. Godfrey Hounsfield, de 60 anos, engenheiro na firma britânica Indústrias Eléctricas e Músculos (EMI) repartirá as 800.000 coroas suecas do prémio com Allan Cormack, de 55 anos professor de Física na Universidade de Tufts, em Medford, Estado de Massachusetts.

Os dois foram os pioneiros da Tomografia (do grego «tome» — cortar — e «grafo» — escrever) assistida por computadores.

«Nenhum outro método dentro dos diagnósticos de raios X levou, em tão pouco tempo, a progressos tão notáveis na investigação e no número das suas aplicações — declarou o Instituto Karolinska da Suécia ao anunciar os dois premiados.

UM «PNEU» QUE RODA EM TORNO DO DOENTE

O problema com os raios X convencionais é que só mostram ossos ou imagens difusas de alguns órgãos moles se o paciente engole um produto químico como bário ou uma tinta.

Os perscrutadores computadorizados rodam uma máquina de raios X com o aspecto de um pneu, em torno do doente. O computador resolve a série de imagens do «pneu» numa chapa nítida que mostra o estado dos tecidos delicados, mesmo quando escondidos pelos ossos.

Os resultados mais revolucionários surgiram da observação do interior do crânio. O perscrutador é capaz de mostrar as diferenças subtis entre doenças cerebrais com sintomas similares mas que requer tratamentos diferentes, e de revelar tumores que anteriormente só poderiam ser detectados por acaso, pela cirurgia.

Localizando tumores com erros de uma fracção de milímetro, permite, aos médicos visa-

rem com maior exactidão o seu tratamento, radiológico sem afectar os tecidos vizinhos.

O professor Cormack, que foi da África do Sul para os Estados Unidos em 1956 e se naturalizou americano em 1966, publicou relatórios descritivos da técnica utilizada e das suas implicações, em 1963 e 1964 — declarou um porta-voz da Comissão Nobel de Medicina.

Acrescentou, porém, que Cormack não desenvolveu um sistema de trabalho, talvez porque os computadores da época não eram apropriados.

Há dez anos, o dr. Hounsfield — trabalhando aparentemente sem conhecimento das pesquisas do professor — inventou um sistema tomográfico funcional, de que detém a patente.

Estes aparelhos são dispendiosos — o seu custo vai de 480.000 a um milhão de dólares

— e só estão no mercado há cerca de seis anos. Contudo, nos grandes hospitais são hoje utilizados para o diagnóstico do cancro e das doenças cerebrais.

Lovaina 79: Primeiro Festival Europeu de Poesia

O poeta e o mundo da linguagem

Ana Hatherly

FESTIVAL EUROPÉEN DE POÉSIE



«O Poeta e o Mundo da Linguagem» é uma tradução aproximada do tema do 1.º Festival Europeu de Poesia, que se realizou em Lovaina no mês passado e que não foi apenas mais um Festival a acrescentar a outros que se têm vindo a realizar em diversos países. Este Festival assumiu características especiais que vale a pena destacar, nomeadamente, a participação de poetas convidados, exprimindo-se nas suas línguas originais, mesmo aquelas línguas minoritárias, ditas «línguas étnicas» ou «línguas não-nacionais» (a questão da correcta designação está ainda em debate) que na Europa têm tradições e literatura próprias, como por exemplo o flamengo, o catalão, o galês, etc., e que normalmente, fora do seu contexto regional, pode dizer-se que não têm divulgação. Aliás, estas línguas minoritárias, ou antes, a literatura poética nessas línguas (mas sem excluir as outras), será o tema do próximo Festival, a realizar-se também em Lovaina, em 1980, de modo a que o panorama da poesia europeia possa conter ao mesmo nível, não só todos os países (este ano não participaram ainda os países de leste e os escandinavos), mas também todos os grupos linguísticos que dela fazem parte. O Festival deste ano, como o seu tema indicava, decorreu já sob o signo da expressão «plurilingue», como assinalaria o secretário do Festival, dr. Eugène van Isterbeek, no seu discurso de abertura e na sua cuidada introdução aos poemas seleccionados, que representavam não 11 países, mas 11 idiomas diferentes, pois «as fronteiras dos Estados não coincidem necessariamente com as fronteiras linguísticas, as únicas válidas em matéria poética». Resultante da variedade e até da pouca acessibilidade de alguns idiomas usados (do português ao

grego, do dinamarquês ao catalão, etc.), mas também altamente elucidativo do nível, eficácia e preocupações da Comissão Organizadora, um dos aspectos mais originais deste Festival consistiu no facto de todos os textos lidos durante as sessões (os poemas e as diversas palestras inaugurais e de encerramento) no início do Festival estarem já coligidos num volume de 380 páginas, distribuído a todos os participantes e em que todos os textos, impressos na sua língua original, estavam também traduzidos para flamengo, francês ou inglês. Acompanhada ainda de detalhadas notas bibliográficas de todos os participantes, esta colectânea constituiu por si só uma valiosa panorâmica da poesia europeia contemporânea. Mas este Festival tem ainda outras ambições, que estão já a caminho de se concretizarem, entre as quais se contam a constituição de um Conselho Internacional, em que Portugal (contactado através do P.E.N. Clube Português) também está representado, e que

está já a tratar, não só da organização do próximo Festival, mas também do lançamento das bases do que se designa provisoriamente como «Associação Europeia para a Difusão da Poesia», com sede em Lovaina, tendo como membro o Comité Internacional do Festival, já constituído, e tradutores, críticos literários, investigadores, professores e pedagogos. Como objectivos principais para esta Associação, apontam-se também ainda provisoriamente (pois o projecto começou só agora a ser discutido e estudado) entre outros, a organização de espectáculos europeus de poesia, a promoção de traduções, investigação e intercâmbio entre as diferentes universidades no sector da tradução; a promoção pedagógica das línguas europeias, nacionais e «étnicas» (termo provisório) através da difusão da poesia nas escolas e a criação de um centro europeu de documentação e de tradução. Prevê-se ainda a instituição de um vultoso Prémio Europeu de Poesia, a entrar em

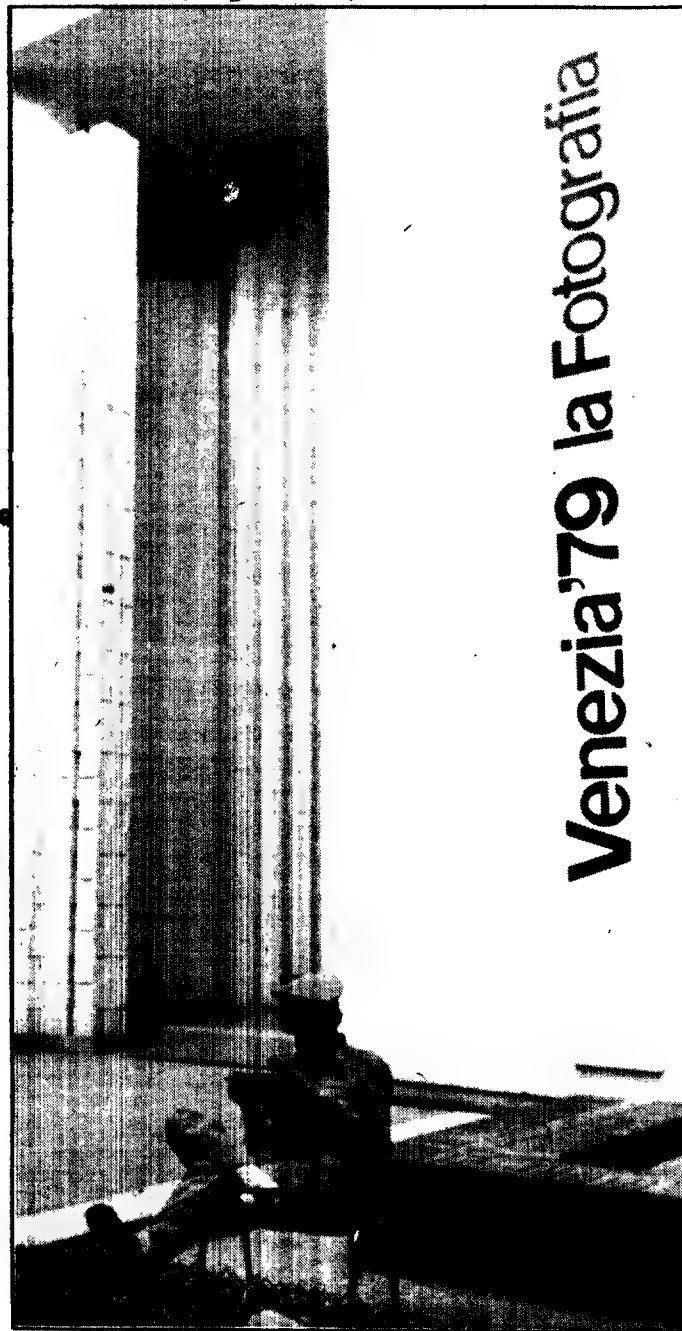
vigor já no próximo ano. Deste breve resumo do que foi e do que poderá vir a ser o Festival Europeu de Poesia, a partir de Lovaina, já o leitor pode depreender algo da importância que ele pode vir a atingir para a divulgação da poesia, inclusive da poesia portuguesa. E para encerrar esta notícia, alguns excertos das «Considerações Finais» deste Festival, da autoria do professor Hendrik Brugmans, reitor honorário do Collège d'Europe: «Pela primeira vez, na História da Humanidade, vivemos à escala mundial, mas raros são os que o sentem como uma experiência, como uma tarefa excepcional. A maior parte senta-se com enfado diante da televisão, contemplando as imagens dos maiores desastres, só arrebitando a orelha quando se fala dos maiores desastres, só arrebitando a orelha quando se fala de uma crise ministerial no seu próprio país provincializado. A vida do poeta, pelo contrário, polariza-se entre a experiência mais pessoal, mais íntima e o calvário que vivem milhões de pessoas no outro extremo do Mundo. Um poeta que, no nosso tempo, não sofresse estes tormentos e não fosse capaz de dirigir uma consciência cosmopolita, seria incapaz de atingir altitude espiritual. (...) Os poetas permanecerão dissidentes, não por indocilidade, mas porque sabem que nenhuma utopia é aceitável sem uma incessante contradição. Sabem que uma utopia «realizada» não seria mais do que uma vasta prisão, qualquer que fosse o seu estandarte. Os poetas são um fermento, pois testemunham sem cessar em favor da revolução permanente e das reformas radicais sempre necessárias.»

A.H.



DE 12 A 18 OUTUBRO DE 1979

FOMOS A VENEZA ver a enorme mostra fotográfica deste Verão. De lá trouxemos, para os nossos leitores, memórias de alguns dos melhores fotógrafos do mundo — Hine, Capa, Cartier-Bresson, Eugene Smith, Tina Modotti.



Veneza '79 la Fotografia

Dentro em breve também em Portugal Canções do Papa em disco

O disco com canções do Papa João Paulo II, um dos «best-sellers» no momento na Europa, será editado brevemente em Portugal. A gravação que saiu a público na RFA, rodeada de um certo sensacionalismo (por se tratar de documentos inéditos em que o próprio Papa canta e toca), é constituída por obras de cariz popular, oriundas da Polónia, bem como por peças do repertório clássico.

A edição do disco tem dado origem a controvérsia, na medida em que foi apresentada como um facto consumado, antes mesmo de o



Papa ter tempo de se pronunciar sobre a conveniência da publicação, vem acompanhado de textos explicativos, que elucidam acerca das circunstâncias da recolha e do conteúdo poético das canções, além de conter outros elementos de interesse. Trata-se de um LP de 33 rotações, que na edição portuguesa (um rigoroso exclusivo da Sassetti) reproduzirá fielmente a apresentação original, salvo no que respeita aos textos, naturalmente traduzidos em português. O preço deverá rondar os 380\$00.

Nasce
o
contrário
de
uma
multidão
solitária?

Pág. 7



Págs. 4-5

Circuitos paralelos

Quinze dias de Macau

Macau, nos folhetos da propaganda a «pérola do Oriente», em termos maos oficiosos, território sob administração portuguesa, em realidade mundo de casinos e jogo, ópio com «campos de recuperação» na Taipa e leproso abandonados a um dos cantos da ilha de Coloane, Macau, dizíamos, vai ter a sua quinzena, com terreno assente nos pisos 0 e 01 das galerias das exposições temporárias da Gulbenkian, a partir do dia 13 e até ao dia 28. O tema sujeita-se a «Macau-400 anos de Oriente». A iniciativa pertence ao Museu Luís de Camões que cede o grosso do material exposto e tem o apoio do Leal Senado e do Governo de Macau — e da Fundação Gulbenkian. Pretende mostrar quatro mil anos de história dos reinos e dinastias da China através de pintura, escultura, bronzes e

terracotas: barro e terracotas tumulares, cerâmica de Shek Wan, loiça imperial Celadon e Blanc Chine, bronzes, pintura chinesa e aspecto da vida chinesa através do vestuário, mobiliário, além de objectos de natureza religiosa e, finalmente, aspectos da vida de Macau, através de porcelanas, móveis, etc. Para seduzir será sem dúvida a exibição, nos dias 14, 21, 22, 27 e 28 (sempre às 18 horas), no anfiteatro ao ar livre, no parque da Fundação, do Grupo das Danças do Leão, formado por 28 figuras. Serão intermediadas as danças com artes marciais chinesas. E mais nesta quinzena: será passado ainda um documento cinematográfico «Cidades Mágicas do Mundo-Macau», no Auditório três, nos dias 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 27, sempre às 17 horas.

Técnicas do AR.CO

Continuam abertas no AR.CO (Centro de Arte e Comunicação

Visual, Rua Santiago, 18) as inscrições para o primeiro semestre de 1979/80 na oficina de ourivesaria/joalharia dirigida por Teresa Meira, assistida por Alexandra Pimentel. A oficina proporciona uma introdução prática às técnicas básicas de trabalhar metais nobres (serrar, limar, forjar, soldar e gravar) e à história da ourivesaria e joalharia. Exige sensibilidade, boa vista, por certo, e muito carinho pelos metais nobres. O semestre inicial terá 16 semanas de duas aulas e sessões livres. A oficina está equipada com ferramentas manuais, um torno eléctrico, banco de soldadura, mufra de esmalte e máquina de polir, laminar e puxar fio. Os alunos devem, no entanto, adquirir 6 ferramentas pessoais no valor de dois contos aproximadamente para além da inscrição de 500\$00 e da propina de 3.500\$00.

Música e Cinema

Na sequência das suas actividades culturais o Instituto Alemão em Lisboa programou para amanhã, no Teatro Nacional de S. Carlos um concerto da orquestra sinfónica de Balberg. O programa: «O Corsário»

de Hector Berlioz; «O Aprendiz de Feiticeiro» de Paul Dukas; «Romeu e Julieta» (fantasia para orquestra) de Tchaikovsky; «A sinfonia n.º 7, em lá maior, op. 92» de Beethoven. A orquestra é dirigida pelo maestro James Loughran. Quanto a cinema passa na RTP-2, no dia 19 de Outubro, às 22 horas, o «Nosferatu» (1921) de F.W. Murnau de que Herzog fez uma segunda versão que passou recentemente entre nós e que foi proibida por «chocante», no Festival de Cinema do Cairo. Trata-se de um clássico do cinema mudo alemão de elevada qualidade expressionista — Nosferatu atravessa o mar num navio fantasma, arrostando com ele a desgraça que acaba por o atingir quando uma mulher intrepidamente se lhe sacrifica. Mesmo no Instituto Alemão vão ser passados três filmes de Volker Schlöndorff, «Fogo de Palha» (legendas em espanhol), no dia 22, às 18 e 30; «A Moral de Ruth Halbfass» (legendas em espanhol), no dia 23, às 18 e 30; «O Golpe de Misericórdia» (legendas em português), nos dias 25 e 26, às 18 e 30. Aponte na sua agenda. Mas na verdade ainda mais cinema: dias 29 e 30, às 18 e 30, passa o «Berlinger» (legendas em português) de Bernard Sinkel e Alf Brustellin; nos dias oito e nove de Novembro, às 18 e 30 e 21 e 30, respectivamente, estreia em Portugal «O Pão do Padeiro» (Pão nosso de cada dia), (legendas em português) de Erwin Keusch. Conta-nos a história de um jovem padeiro e simultaneamente a história do seu amor e da luta quotidiana na defesa da sua pequena padaria contra as grandes fábricas produtoras de pão.

Semana Artur Duarte

Foi galã do mudo alemão, trabalhou no cinema francês, esteve com um pé em Hollywood, foi realizador de comédias frescas do cinema português, distribuidor franco-atirador, um dos inventores das produções em português e espanhol, em que, às vezes, só mudava o galã, vai fazer 84 anos no próximo dia 17, é senhor duma vida em que a monotonia mal entrou e vai ter de homenagem uma semana sobre a sua cinematografia (e são oito longas metragens que conseguiram ser recuperadas) a partir da próxima segunda-feira, no anfiteatro da Biblioteca Nacional.

Leonel Brito é o responsável pela iniciativa. O programa para si: segunda-feira (às 21 horas e 30), «O Costa do Castelo»; na terça (às 21 e 30), «A Menina da Rádio»; na quarta (às 21 e 30), «O Leão da



Artur Duarte, 84 anos — do mudo alemão à Biblioteca Nacional

Estrela»; na sexta (às 21 e 30) «O Grande Elias»; no sábado (às 18) «Encontro com a Vida», e às (21.30) «A Garça e a Serpente»; no domingo (às 18), «Parabéns Senhor Vicente» e (às 21 e 30), «A Recompensa».

Alguns filmes faltam, porventura. E entre eles «O Fogo» que tem uma história que vale a pena ser contada. «O Fogo» arde. Aí vai: Em 1949 Artur Duarte realiza «O Fogo» em duas versões (espanhola e portuguesa) com actores portugueses. Alguns ainda hoje conhecidos, como Oscar Acúrsio e Isabel de Castro. O negativo da versão portuguesa está num armazém de filmes de Lisboa, que arde. Contudo, a versão espanhola existe ainda em Madrid guardada na Cinemateca. Este tipo de cooproduções, muito frequente na década de 40, era uma forma de atenuar os custos de produção, já que, ao contrário de hoje não havia qualquer espécie de subsídio e as pessoas queriam mesmo fazer cinema.

Defesa do Património de Tomar

Um pouco por toda a parte têm-se desenvolvido grupos, de defesa do património cultural e natural das

regiões, com um «élan» que tem exigido muita dedicação. Lembremo-nos a talho de foice, do encontro de Alcobaça, em que, desde investigadores estrangeiros de renome sobre os monges de Cister até jovens historiadores e investigadores portugueses, muitos com assento de docência na Faculdade de Letras em Lisboa, e também professores de Ensino Secundário e alguns padres que não sendo propriamente camilianos, se têm dedicado, num esforço beneditino, a defesa do património cultural das regiões. Cabe hoje a iniciativa a Tomar que inaugura às 16 horas o seu Encontro para o estudo e protecção do património da Região. O Encontro prolonga-se até ao dia 14 e as sessões e debates terão lugar no salão nobre da Câmara Municipal. Além das visitas guiadas será estreado um filme sobre «S. Pedro de Caldelas» — uma «villa» romana na Região de Tomar — e haverá sessões de trabalho sobre património natural, expressão arquitectónica desenvolvimento urbanístico, património monumental e património cultural. Este Encontro é uma organização conjunta do Centro de Cultura Popular e do Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar.

Visitas guiadas em Évora

Recomeçam já amanhã os ciclos de visitas guiadas aos principais monumentos histórico-artísticos de Évora. Este ano o ciclo é constituído por 25 visitas de estudo e termina em Maio do próximo ano.

A Comissão de Moradores olha para a criança

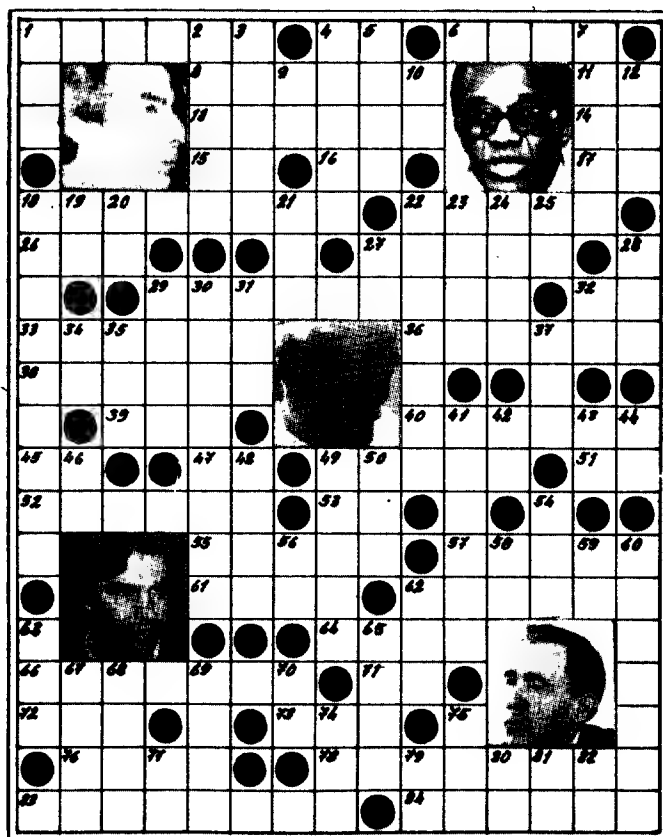
É uma simples comissão que conseguiu uma pequena cave para sede, é a comissão de moradores da Rua da República Peruana, em Benfica que também quis dar o seu contributo ao Ano Internacional da Criança. Assim hoje, toda a população pode (e deve) participar no debate sobre problemas relacionados com a educação da criança. É convidada a dra. Lídia Luís, colaboradora do programa Sinfonia 7 na RDP. A comissão apela para a presença em massa dos moradores.

Rogério Rodrigues



Macau e quatro mil anos de cultura chinesa esperam-no na Gulbenkian

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/18 Tal como se previa, este político voltou à direcção do PSEO, depois do Congresso que assinalou uma importante viragem à direita daquele partido fundamental da democracia espanhola; 4 Gálio (s.q.); 6, 22, 32 Segundo fontes informativas do Vaticano este Papa irá a Moscovo nos Jogos Olímpicos e, tal facto, (se vier a efectuar-se)

será a primeira deslocação de um Sumo Pontífice à URSS; 8 Gentil; 11 Célio (s.q.); 13 Conduzirás para cá; 14 Ouro (s.q.); 15 Satélite de Júpiter; 16 Artigo definido; 17 Vareja; 26 Nome de homem; 27 Entre os antigos, veículo de duas rodas para combates ou corridas; 29, 51, 83 Segundo declarações de Basílio Horta, este líder do PSD será primeiro-ministro se a «Aliança» ganhar eleições; 33 Nome de homem; 36 Pessoas muito parecidas com outras; 38 Assusta; 39 Ecoe; 40 Punha data em; 45 Papagaio da Amazônia; 47 Basta! 49 Atura; 52, 66 Desconhecem-se os pormenores sobre o encontro do secretário de Estado Cyrus Vance, e este seu homólogo soviético, sobre a presença de uma brigada de combate soviética em Cuba; 53 Outro nome da perguça; 55 Profiro em voz baixa e por entre dentes; 57 Designação de extensas charnecas na França, resultantes da destruição de florestas de carvalho, graças a permeabilização anormal derrubadas, e incêndios; 61 Antiga moeda romana, de cobre; 62, 78 Portugal recusou asilo político a este antigo primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe asilo esse que lhe foi concedido pela ONU, não evitando porém a sua prisão; 64 Camada do globo terrestre (entre o nife e o sial onde predominam os silicatos de ferro e magnésio); 71 Sua Majestade; 72 Oásis; 73 Rainha de Portugal; 76 Carril, calha de ferro; 84 Investigara.

VERTICAIS:

1 Força Aérea Brasileira (abrev.); 2 Lasca de madeira para embutidos (bras.); 3 Freguesia do concelho e distrito de Aveiro; 4 Nome de peixe; 5 Pegas; 7 Poente; 9 Nome que os Egípcios davam ao Sol; 10 Ósmio (s.q.); 12 Transpira; 18 Plantarias de grama; 19 ALTERNATIVA; 20 Niquel (s.q.); 21 Aventuroso frenacês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel; 22 Antiga medida de quatro palmos; 23 Instrumento para atirar setas; 24 Touros selvagens; 25 O lado do vento; 27 Cento e um em romano; 28 Lírio; 29 Buraco; 30 Enviara; 31 Renque; 32 Seguir; 34 O mais; 35 Em as; 37 Czar da Rússia cognominado «O Terrível»; 41 Nome de mulher; 42 Tântalo (s.q.); 43 Vossa Senhoria; 44 Em partes iguais; 46 Prefixo de privação; 48 Escudeiros; 49 Gemes como os cães; 50 Curso de água natural e abundante; 54 Organização das Nações Unidas; 56 Abreviatura de Santíssimo; 58 Prata (s.q.); 59 Preposição; 60 Entrar para as forças armadas; 62 Três mil em romano; 63 Nome de letra; 65 Rio da Alemanha que nasce no Tirol; 67 Zombará; 68 Rogar; 69 Universidade americana; 70 Abreviatura que se usa em música; 74 Sufixo que designa pequenez; 75 Princípio; 77 Prefixo de negação; 79 Artigo definido; 80 Em o (inv); 81 Preposição latina que designa movimento; 82 Quinto filho de Jacob.

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1, 18 FELIPE GONZÁLEZ; 4 Ga; 6, 22, 32 JOÃO PAULO II; 8 Airoso; 11 CS; 13 Trarás; 14 Au; 15 Io; 16 As; 17 Sa; 26 Rui; 27 Carro; 29, 51, 83 FRANCISCO SÁ CARNEIRO; 33 Manuel; 36 Sósias; 38 Alarma; 39 Soe; 40 Datava; 45 lá; 47 Tá! 49 Grama; 52, 66 ANDREI GROMYKO; 53 Ai; 55 Rosno; 57 Landa; 61 Asse; 62, 78 MIGUEL TROVÇADA; 64 Sima; 71 SM; 72 Air; 73 Pia; 76 Rai; 84 Sondara.

VERTICAIS:

1 FAB; 2 Patia; 3 Eiroi; 4 Goraz; 5 Asas; 7 Ocaso; 9 Rá; 10 Os; 12 Sua; 18 Gramarias; 19 Ou; 20 Ni; 21 Eon; 22 Passada; 23 Arco; 24 Uros; 25 Lo; 27 Ci; 28 Lis; 29 Furo; 30 Remetera; 31 Ale; 32 Ia; 34 Ai; 35 Nas; 37 Ivá; 41 Amélia; 42 Ta; 43 Vs; 44 Aa; 46 An; 48 Alos; 49 Ganes; 50 Rio; 54 ONU; 57 SS; 58 Ag; 59; De; 60 Alistar; 62 MMM; 63 Aga; 65 Isar; 67 Riré; 68 Orar; 69 Vale; 70 Op; 74 Ito; 75 Ovo; 77 In; 79 Os; 80 No; 81 Ad; 82 Da.

sete
PONTO
sete

Cinema

Cinema de Paris

O liceu e o resto

«Passe ton bac d'abord» (isto é, «Acaba primeiro o liceu») é um afilivo filme de Maurice Pialat, há dez anos prémio Jean Vigo com «L'Enfance nue», e com carreira discreta depois. Mas a infância que retratara na cidade mineira de Lens dar-lhe-ia impulso para este novo filme que subitamente o revelou ao grande público. Na cidade triste do Norte, vivendo das minas de carvão e sem horizontes para além delas, a infância retratada cresceu entretanto, e são adolescentes ao fim do liceu, preparando o exame final, o terrífico «bac», para entrarem na vida. Que vida, não o sabem eles nem ninguém, ante o espectro do desemprego — e a inutilidade dum diploma necessário e

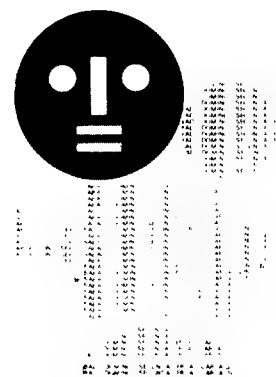
José-Augusto França

insuficiente em que as famílias depositam uma esperança quase mágica de promoção social. Estudar, não estudam estes adolescentes mais ou menos motorizados, arrastando passos cansados entre o café, bailes pelintras e amores sem sentido. Uma vida de província que o consumo atinge com meios modestos de satisfação, e uma inapetência total para tudo, que leva à inadaptação, à talência, à cobardia diante da vida que é sempre dos outros. Que também a não têm... Filme feroz que esconde bem a humana ternura que o realizador

não deixa de experimentar pelas suas personagens. «Passe ton bac d'abord» é uma crónica do quotidiano possível na sociedade (francesa) contemporânea, em anos de crise não só francesa. Uma obra atenta ao evoluir social, apanhado no momento charneira da adolescência e do «bac» ilusório, mas ainda tabu. Uma análise feita de imperdoável simpatia em que o rigor populista leva ao riso, e o riso se prende na garganta, incerto do próprio sentido. Um casamento precipitado para fugir do dia-a-dia baço, mas que

vai fatalmente repetir-lhe as insuficiências, é um polo narrativo mais ocasional que essencial. Resultado de imaturidade, não pode ser mais do que um incidente, ou um acidente, na vida que levam ou não levam os protagonistas do filme. Antes ou depois, o tempo é o mesmo, ou pior, que o recomeço pequeno-burguês da vida do novo casal não encontra as desculpas resignadas da geração paterna. No fim dois outros jovens partem, a buscar trabalho em Paris. Levam o diploma no bolso — para quê? Obtiveram-no, porém — e já, como ao princípio da narração, o seu professor de Filosofia recomeça novas aulas, com idêntica falta de convicção...

J.-A. FRANÇA



CINE/PONTO

INTIMIDADE
de Woody Allen
(USA-1978)

Em (presumível) última semana de exibição, **Intimidade** completa uma agradável carreira que testemunha ter Woody Allen um público fiel. Apesar deste filme ser já (tal como **Annie Hall**) um daqueles com lugar certo em qualquer retrospectiva dos anos 70, aguardemos Manhattan que, garantem-me, ultrapassa ambos.

Cinema ABCine - sala A (14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

A RAPARIGA NA ZONA QUENTE
de Paul Schrader
(USA - 1978)

Não é desmesurado afirmar que Paul Schrader é o «autor revelação» do ano depois de, como argumentista, já nos ter convencido em **Taxi driver** e **Obsessão**. Entre o pecado e o seu fascínio, entre a ordem moral ditada do alto e a ordem que a solidariedade horizontal confirma se tece o percurso deste filme apaixonante para o qual não é demais chamar a atenção.

Cinema Quarteto - sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(interdito a men. 13 anos)

O FANTASMA DO PARAÍSO
de Brian de Palma
(USA-1974)

Talvez o mais brilhante filme de Brian de Palma, mescla do «fantasma da ópera» e de Fausto, turbulenta reflexão sobre os mecanismos da mediocrização programada. Enésima reposição de uma película quase clássica que dá oportunidade para levantar uma questão: para quando a exibição dos filmes de De Palma ainda não estreado?

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

UMA LIÇÃO DE AMOR
de Ingmar Bergman
(Suécia - 1954)

Enquanto este Bergman (menor) de 1954 faz uma carreira curiosa uma pergunta sobre: **Face a face** e **Sonata de Outono** vão demorar muito a chegar ou terão os cinéfilos de Lisboa de se deslocar ao Cacém, à Figueira da Foz, a Santarém para poderem ver os filmes que em qualquer capital da Europa (conosco) já passaram há meses ou anos?

Cinema Satélite (15, 17, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

AMOR ENTRE MULHERES
de Robert van Ackeren
(RFA)

Um filme com «cenas eventualmente chocantes» que faz um justo sucesso depois de ter sido exibido como um marginal. Destino tortuoso para uma película que se move nas veredas do mau-gosto e do convencionalismo seródio para as minas a golpes de um kitsch exemplarmente utilizado.

Cinema Quarteto - sala 2 (15, 17, 19, 21 e 23 h)
(interdito a men. 18 anos)

BANANAS
de Woody Allen
(USA - 1970)

Perto da meia-noite, junto ao Santo António, Woody Allen, intelectual judeu noviorquino, dá-nos, todos os

dias, uma lição de humor por onde paira não pouco desespero. Apesar de ser, provavelmente, o seu filme menos conseguido, por ele perpassa toda a multidão de fantasmas que povoa a sua obra (e o nosso tempo), o maior dos quais é, talvez, a ausência de uma apaziguadora Verdade que abandonou, em definitivo, a nossa civilização. E ainda bem.

Cinema ABCine - sala A (23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

BONNIE E CLYDE
de Arthur Penn
(USA - 1967)

O City tarda em começar a época de estreias (senhor exibidor, não sei se já deu por isso mas estamos em Outubro!) e repõe, pela segunda vez este ano (!) este quase «clássico» de Arthur Penn. Um filme entre a violência limpa de outrora e a violência espectacularizada à Peckinpah que estava em perfeita sintonia com o seu tempo. Corria o ano de 1967, era o Vietname e as desordens nos campus, os Black Panthers e Malcolm X, os Kennedy e Luther King, o som e a fúria de uma América que acordava estremunhada do sonho do pós-guerra.

Cinema City (14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(interdito a men. 18 anos)

EM NOME DO PAPA-REI
de Luigi Magni
(Itália - 1977)

Com uma virulência anticlerical inusitada e um desencanto, um céptico evidentes construiu Magni este filme, interessante **ma non troppo**.

Cinema Cine 222 (14.15, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

UM DIA INESQUECÍVEL
de Ettore Scola
(Itália - Canadá - 1977)

Um daqueles filmes cujo evidente brilhantismo de «escrita cinematográfica» (a destacar muito justamente) é ensombrado por um certo oportunismo político deveras irritante. Até porque a tese de que «afinal era tudo boa gente» nunca produziu nada de bom.

Cinema Quarteto - sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

O CÉU PODE ESPERAR
de Warren Beatty e Buck Henry
(USA - 1978)

Deste filme já se disse tudo: que era um **remake** de um filme de Lubitsch (a ignorância é livre...), que se tratava de uma homenagem a ele (homenagem?...), que era um grande filme e patati e patatá... O que ninguém previu foi que este filminho amável e escoreito (mas sem um só grão de sólido talento) fizesse a espectacular carreira que se vê. Os meses passam, o filme fica, o público acorre. Daí não vem grande mal ao mundo-mas é um fenómeno que talvez fosse curioso meditar um destes dias.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

007 - AVENTURA NO ESPAÇO
de Lewis Gilbert
(G.B. - França - 1979)

Felizmente que há o trabalho cenográfico de Ken Adam para amenizar esta xaropada imbecil e reaccionária.

Cinemas ABCine - sala B (14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45 h) e S. Jorge (15.15, 18.30, 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

AQUI COMEÇA A AVENTURA
de Carlo di Palma
(Itália - 1974)

Aqui começa a faltar a paciência para falar de uma das coisinhas mais parvas e desconchavadas que estes meus olhos viram desde que se lembram.

Cinema Estúdio 444 (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

Cinema Americano/Anos 40

A falta de uma Cinemateca que verdadeiramente funcione, a Fundação Clouste Gulbenkian, através da sua secção de cinema dirigida por João Bénard da Costa, continua a fazer um importante trabalho de divulgação de filmes, autores e cinematogra, autores e cinematografias que, entre o ontem e o hoje, constituem parcela inestimável da memória (e até meados de Dezembro) exhibe-se uma retrospectiva do «Cinema americano dos anos 40», seis dezenas e meia de películas seleccionadas entre o que de mais significativo Hollywood produziu nessa década de ouro. Selecção evidentemente discutível já que qualquer selecção teria de deixar de fora muitos filmes importantes, tal foi a quantidade e qualidade de obras que os «forties» viram chegar aos ecrãs. Muitos são os autores e vedetas representados neste ciclo que, seguindo-se àquele que, dois anos atrás, nos deu uma panorâmica dos anos 30, quase pressupõe um outro sobre os anos 50; tantos são os nomes em jogo que será inútil enumerá-los: qualquer dicionário de cinema americano serve para o efeito. Uma outra questão importa aqui, hoje: a de saber como se poderá falar desse cinema, dado que uma crítica sumária é inútil, um estudo aprofundado é impossível, uma mera notícia é insatisfatória, o silêncio é impensável.

Jorge Leitão Ramos

Penso, de resto que há uma abordagem dos «clássicos» a fazer e que tem a ver com as condições em que os recebemos. Da interpelação que a visão dos filmes provoca, concluo que talvez não seja desinteressante e ocioso tentar uma abordagem desse cinema, pontual ou genérica, partindo da concreta realidade de sermos (eu e o leitor) cidadãos portugueses em 1979 que contactam com um cinema americano dos anos 40. Da relação que essas duas datas, essas duas situações culturais e sociais estabelecem entre si, talvez possa ressaltar qualquer coisa que trabalhe produtivamente a nossa percepção dos filmes. De certo modo, é uma aposta que não ignora o peso mítico e a carga coercivamente cultural que toda a História do Cinema lhes emprestou, que não esquece o aval de «serenidade» que a Gulbenkian lhes garante, que não esconde o carácter de **ghetto** bem pensante em que este tipo de certames pode cair: gostaria de tocar nessas múltiplas facetas deste evento na breve série de crónicas que lhe vou dedicar. O primeiro fenómeno que este ciclo desperta tem a ver com o público: desconhecia-se que houvesse tanta gente tão urgentemente motivada para

assistir a esta retrospectiva. O certo é que, ainda antes de começar, já se haviam esgotado nas bilheteiras os ingressos para a grande maioria das sessões. Uma primeira observação podia ser a de se constatar que há um público entusiasta para o cinema menos comercial (ou, já não comercial). Porém (surpresa?) ainda não há muito tempo filmes como **Rebecca**, **Notorious** ou **Spellbound** (para só citar por Hitchcock) estiveram em exibição comercial em Lisboa sem que se notasse (antes pelo contrário) qualquer particular afluência de espectadores. Será legítimo tirar a ilação de que um filme na Gulbenkian é diverso do mesmo filme no Odeon ou no Tivoli? Será que **Rebecca** no Odeon é espectáculo de feira enquanto no Grande Auditório é cultura? Quer-me parecer que nem só o cinema é motivação para todos aqueles que acorrerem à Gulbenkian: há o lado respeitável da organização, a obrigatoriedade socio-cultural de estar presente, o acontecimento mundano, a parada, de vedetas da cultura nacional que o **foyer** proporciona. É uma população estranha, familiar de algum modo, eternamente constante, onde os profissionais, os curiosos e os pára-quedistas se fundem.

Curzam-se assim no ar conversas bizarras: aqui discute-se a política de produção de Zanuck no princípio dos **forties**, acolá comenta-se que «estes filmes antigos ainda se conseguem ver», mais além, ante o espanto de uma jovem pelo final de **Man hunt**, alguém lhe lembra «olha que é um filme de 1941...». E, sem querer valorizar diferentemente as pessoas pelos comentários, assim se constata estarmos em presença de um público onde não há vestígios de homogeneidade. Talvez, porém, seja isso o que dá a esse público um aspecto diferente daquele que, no mesmo local, assiste aos concertos ou aos espectáculos de bailado. Não apenas porque é mais jovem, porque não cheira tanto a essências caras, mas sobretudo porque a sua relação com o objecto cultural que o congrega é menos sacral, bem mais espontânea. Que ante um filme as pessoas se sintam mais disponíveis para gostar ou não, eis um facto que não é de somenos importância, isto apesar do peso cultural que certos nomes já têm: Sternberg, por exemplo, de quem se incensou **Aconteceu em Xangai** que não passa de um equívoco. É aliás dessacralizadamente que conto falar desse cinema. Sem esquecer nada mas lembrando algumas coisas a propósito.

J.L.R.



Com «Rebecca» começou, no dia 1 na Gulbenkian, o ciclo de «Cinema Americano dos Anos 40».



Imagem fixa

Fotografia 79

Vida em Veneza

José Manuel Maria

Chamava-se Veneza 79 a Fotografia. Vinha de muitos países pelo mundo, em colecções, ou juntavam-na pela primeira vez, de propósito para ali estar. Por causa dela, fotógrafos, gente que gosta de fotografia, muitos jovens, e também negociantes, directores e proprietários de galerias, meteram pés a caminho. Era o Verão, corriam Junho, Julho, mais Agosto e Setembro. O turista de Veneza passava-lhe à margem. Os velhos casais continuavam a fotografar-se a Instamatics na Praça de S. Marcos. Ela era descrita como a maior na história da imagem fixa. A maior exposição de olhares. Os catálogos e os relatórios, que são bons para isso, resumem: quatro mil imagens. Depois, cada um que se desenhava abrindo os próprios olhos e retendo, como se fosse para sempre. O Ícaro, de Hine, que começou a trabalhar como servente de pedreiro? As crianças que riem dentro do prédio bombardeado (Cartier-Bresson)? A mulher de crânio rapado que amou um ocupante (Robert Capa)? Os murais de Siqueiros prolongados no espaço pelo olhar de Tina Modotti? As vítimas de Minimata, por Eugene Smith, ferido gravemente e várias vezes agredido por fotografar?

Capa é nome de fotógrafo: Robert, morto em 1954, na Indochina, ao percorrer em reportagem as linhas da frente. Um irmão dele é hoje dono de um International Center of Photography, em Nova Iorque. Este nome vinha impresso nos cartazes e programas em letras mais pequenas e em terceiro lugar.

O primeiro, principal fazedor da mostra, foi a Câmara de Veneza, de maioria comunistas-socialistas, através do seu assessor para a Cultura e as Belas-Artes, um comunista, que a revista francesa Photo dizia parecer saído de um filme de Bertolucci. Bom, o segundo ajudante foi a Unesco. E o resto demorou um ano a fazer. O «resto» foi pôr em Veneza um conjunto de vinte seis exposições de fotografia, dez das quais criadas para esta ocasião. E organizar quarenta e cinco ateliers para um milhar de jovens aprendizes. Mais

dezena e meia de conferências e dois simpósios.

Para acolher isto tudo serviram seis palácios da velha cidade (velha que não esconde a idade): o da Bienal, o Museo Correr e Ala Napoleonica, o Fortuny, os Saloni, o Palácio Querini Stampalia e o da Isola di S. Giorgio. E para os percorrer era um circuito turístico que se tinha de fazer em Veneza. Que, aqui e ali, se cruzava nas ruas com os turistas guiados. Cujos não podiam fazer ideia de que aquele jovem sozinho com a Leica a tiracolo ia ter com multidões de coisas fotografadas a pensar:

— Cabe tudo num tema destes: **Tendências e mestres do séc.XX!**...

Fotógrafos e colectivas

O sumo melhor, mais igual, mais unido desta Veneza de fotografia

eram as exposições individuais. E de entre estas notavam-se as que tinham sido organizadas pelo fotógrafo ou por alguém próximo dele e da fotografia, face às de menos sorte, organizadas por serviços de museus.

Das individuais, tinham sido seleccionadas expressamente para Veneza 79 as retrospectivas de **Robert Capa, Henri Cartier-Bresson, Robert Frank, Francesco Paolo Michetti e Giuseppe Primoli.**

As de **Diane Arbus, Eugene Atget, Lewis Hine, Eugene Smith, Alfred Stieglitz, Weegee e Edward Weston** eram as outras, e já tinham sido estreadas algures. Dentro das colectivas havia alguma mistura: **fotografia italiana contemporânea. Fotografia europeia contemporânea. Imagens dos homens. Fotografia americana contemporânea. Feito na América Latina. Japão, um auto-retrato. O mundo em cores. A paisagem. Paisagens efémeras: imagens de dança. Uma colecção Polaroid** e outras duas colecções privadas: a de **Alfred Stieglitz** e a de **Sam Wagstaff.** Com ar de última da hora, ainda mais uma **Estátuas funerárias pré-colombianas e palafitas na Nova Veneza.** Aqui, fotografias de interesse só documental. Ali e além, ao pé do muito bom, imagens cuja inclusão era de interesse duvidoso. Pelo que toca à Polaroid difícil esquecer (esconder) que se trata de uma marca comercial.

Havia quem bramasse. Revistas de fotografia, por exemplo: que Veneza era a grande ausente, que na exposição não estava a cidade, ainda por cima a mais fotografada

de quantas há. Mas Veneza estava lá, reconhecida e desconhecida. Obrigatória, a pé e no **vaporetto**, para chegar até às fotografias. Fora dos postais e da balbúrdia das excursões **Ciao Venezia**, fora desse massacre (bem vivo) Veneza tem gatos por ruas mais estreitas que em Alfama ou na Mouraria, saguões, diria, calhas escuras e becos por onde se entra para prédios de primeiro andar com pátios comunitários, dezenas de campanhas areadas no portal, os aparelhos de televisão funcionando, as pequenas janelas de peitoril em que as pessoas estão ao mesmo tempo viradas para fora e para dentro, e ouve-se uma mãe a berrar pró filho **porca Madonna!**, de onde em onde abre-se a fachada de uma igreja, e é um largo que se forma, e os degraus debaixo vêm eles lamber a água.

Ateliers

Contas portuguesas exactas, no albergue dormia-se por cento e setenta e cinco e quinhentos. Mas eles estavam num barco da marinha. Eles eram os que frequentavam os **ateliers**: o Palácio Fortuny tinha sido completamente restaurado para as aulas. Todos os ateliers esgotaram. Duravam para cada aprendiz uma semana e custavam-lhe cinco contos. Entre os temas, a psicologia do retrato, a exploração de mim, a moda, por trás das coisas, o instantâneo a cores (**Mary Cosindas**), histórias conhecidas e desconhecidas de sobre grandes fotógrafos (**Romeo Martinez**), explorar Veneza, o livro de fotografias, experiências sem

Continua na pág. 6

Os fotógrafos que escolhemos

Lewis W. Hine

(n. 1874 Wisconsin, m. 1940 Nova Iorque)

Na sua terra começara a trabalhar como operário numa fábrica de tapetes. Em Nova Iorque é servente de pedreiro. Aos 31 anos conclui um curso de sociologia. Fotógrafo autodidacta, segue durante anos a procissão de crianças que trabalham nas minas do carvão, nas fábricas de fiação e de cartagem, nas oficinas de serralharia, nos campos do Texas. Ouvi as suas histórias trágicas, vi as suas vidas desgraçadas, e assisti aos seus esforços vão na batalha industrial, em que a aposta está sempre perdida para eles. Este levantamento fotográfico contribui para a promulgação de uma lei de protecção dos menores no trabalho. Cria milhares de imagens de operários, de emigrados, de habitantes das zonas miseráveis, do desemprego rural. Penetra na dignidade do trabalho. Grava a construção do Empire State Building, seguindo dia a dia, andar a andar, a progressão da carcaça de aço. Quer estabelecer uma prova fotográfica sobre o trabalho em que os homens estão sempre em perigo: **Quis mostrar coisas que era preciso modificar. Quis mostrar coisas que era absolutamente preciso reconsiderar.**

ção do Empire State Building, seguindo dia a dia, andar a andar, a progressão da carcaça de aço. Quer estabelecer uma prova fotográfica sobre o trabalho em que os homens estão sempre em perigo: **Quis mostrar coisas que era preciso modificar. Quis mostrar coisas que era absolutamente preciso reconsiderar.**

Robert Capa

(n. 1913 Budapeste, m. 1954 Vietnam)

Frequenta a Universidade em Berlim, mas de 1931 a 1933 trabalha como assistente de fotografia e operador de cinema, antes de fugir para Paris, por causa das perseguições raciais nazis. Durante a guerra civil de 1936 está em Espanha com os republicanos. Em 38 está na China, durante a invasão japonesa. Fotografa a guerra na Europa entre 1941 e 1945, o desembarque na Normandia em Junho de 1944, a «colaboracionista» que a multidão escorraça e escarnece em Chartres, a China em 1948, depois a Indochina. Morre percorrendo as linhas da frente em reportagem. Mais do que uma observação dos aspectos bélicos, interessam-lhe as condições de vida da população civil, vítima dos conflitos. Steinbeck, que com ele trabalhou, escreveu sobre Capa, em *Images of War*, 1964: **Ele sabia, por exemplo, que não se pode fotografar a guerra, porque a guerra é, sobretudo, um choque. Mas fixou esse choque em película fotografando pormenores. Sabia exprimir o horror de um povo inteiro no rosto de uma criança. O seu aparelho captava e mantinha a emoção.**

Robert Capa: «A colaboracionista», em Chartes libertada, 1944; «Miliciano ferido de morte por franquistas», Espanha 1936.

Henri Cartier-Bresson

(n. 1908 Chanteloup, vive em Paris)

Depois de um período em que se interessa sobretudo pela pintura, a partir de 1931 entrega-se à fotografia. Colabora com Jean Renoir em *La vie est à nous, Une partie de*

campagne, e *La règle du jeu*. Preso pelos alemães em 1940, foge da prisão de Wurttemberg em 43 e dois anos depois fotografa a Libertação. Estava na Indonésia quando os Holandeses se retiraram e em Pequim quando os comunistas lá entraram. Decifrou rostos famosos ou ignorados, Nehru e o operário de Billancourt, Fidel e o pescador italiano, uma velha no mercado da Rua Bucí, em Paris, e Ganhi à morte. Funda com Capa, Rodger, Vandivert e Seymour a agência **Magnum Photos**. A ideologia deste grupo representa o conceito de fotojornalismo que marca a informação visual no pós guerra e nos anos mais recentes. O Louvre, dedicando-lhe em 55 uma exposição de 400 imagens, abre pela primeira vez o seu espaço a um fotógrafo. A importância da sua obra não se mede pelos quilómetros de película impressionada, pelas léguas percorridas na superfície da Terra, pela ressonância dos acontecimentos registados e pela ubiquidade do viajante. Ele define o aparelho fotográfico como o instrumento encarregado de fixar a decisão do olhar.

Eugene Smith

(n. 1918 Wichita, m. 1978 Nova Iorque)

De fotógrafo profissional nos dois jornais de Wichita, transfere-se para Nova Iorque onde trabalha para a *Newsweek* e para a *Life*. Em 42 é correspondente de guerra voluntário. Durante as operações no Sul do Pacífico a sua coragem torna-se legendaria. É gravemente ferido durante a invasão de Okinawa. Volta à *Life* e nos anos seguintes realiza algumas reportagens memoráveis, entre as quais *The Spanish Village*. Trabalha com máquinas de pequeno formato e com a luz ambiente. Em 54 demite-se da *Life*, por considerar que há aí entraves à sua liberdade de expressão, e liga-se à cooperativa **Magnum Photos**. Dá início a uma reportagem sobre Pittsburg, que re-

sultará um dos mais convincentes inquéritos sociológicos no mundo do trabalho. A partir de 1959, porque lhe faltam a energia e o apoio económico para continuar a fotografar intensamente, alterna esta actividade com a de professor. O pai suicida-se durante a Depressão, e ele próprio raramente teve segurança económica. Como profissional independente, recusou ofertas de milhares de dólares de revistas que não lhe garantiam o controlo sobre a selecção e a apresentação das imagens. O seu último trabalho denuncia os efeitos do inquinamento por mercúrio da população de Minimata, no Japão. Como anos antes lhe acontecera em Filadélfia, valeu-lhe o espantamento brutal por marginais a soldo da empresa química.

Tina Modotti

(n. Udine 1896, m. 1942 Cidade do México)

Emigra para a Califórnia em 1913, e durante alguns anos trabalha como operária têxtil. No tempo livre faz teatro e por um breve período chega a participar em filmes. Fixa-se no México. São seus amigos Siqueiros e Rivera, com os quais se liga na luta anti-imperialista, em que se empenha como fotógrafa e como revolucionária. Em 1927 entra para o Partido Comunista Mexicano e prepara uma pesquisa fotográfica sobre os marginalizados. Em 29 a Universidade da Cidade do México organiza a primeira exposição de Tina Modotti, apresentada por Siqueiros. No ano seguinte é presa por ser comunista e pouco tempo depois é expulsa do México. Viaja pela Europa e pela União Soviética, dedica-se totalmente à militância revolucionária. Em 36 está em Espanha, combatente no V Regimento. Volta ao México e retoma a sua actividade fotográfica, fazendo também traduções e retomando a luta clandestina. Para a sua epigrafe fúnebre escreveu Neruda: **dulcemente, hermana.**

As fotos

Lewis Hine: «Ícaro», durante a construção do Empire State Building, Nova Iorque, 1930; «Jovens mineiros do carvão num depósito em South Pittston, Pennsylvania», 1911.

Robert Capa: «A colaboracionista», em Chartes libertada, 1944; «Miliciano ferido de morte por franquistas», Espanha 1936.

Cartier-Bresson: «Sevilha», Espanha, 1933.

Eugene Smith: «Velório espanhol», 1951.

Tina Modotti: «Composição com foice, cartucheira e guitarra», 1927. (v. foto na pág. 6)



Música

Brel reeditado

Um ano volvido sobre a morte de **Jacques Brel**, uma editora discográfica, a Moviplay Portuguesa, prepara-se para editar em Portugal seis álbuns do autor de «Amsterdam».

A iniciativa, merecedora dos mais vivos aplausos, tem como objectivo principal dar a conhecer de uma forma o mais completa possível, parte do valioso património cultural legado por aquele que foi, sem dúvida, um dos mais importantes autores/compositores/intérpretes da Música Popular Francesa Contemporânea.

Por intermédio dessa iniciativa, os adeptos da arte «breliana» poderão a partir de meados do corrente mês ter acesso a alguma da mais significativa discografia de Jacques Brel, ou seja, «**Ne me quitte pas**» (álbum que inclui entre outros trechos «Mareike», «Ne me quitte pas», «Les Flamandes», «Quand on a que l'amour», «Le Moribond», «Les Biches», «La valse à mille temps», «**La Fanette**», «Matilde», «La Fanette», «Jeff», «Zangra», «Madeleine», etc.), «**Vesoul**» («J'arrive», «Vesoul», «Un enfant», «La Bière», «Regarde bien petit», «Comment tuer l'amant de sa femme...», etc.), «**Le Plat Pays**» («Les Bourgeois», «Les paumés du petit matin», «Le Plat Pays», «Casse Pompon», «Une île», etc.), «**La Chanson des Vieux Amants**» («Mon enfance», «Le Cheval», «Mon père disait», «Les Bombons 67», «La chansons des vieux amants», etc.) e «**Ces Gens Là**» («Jacky», «Les Bergers», «L'âge idiot», «Ces gens là», etc.).

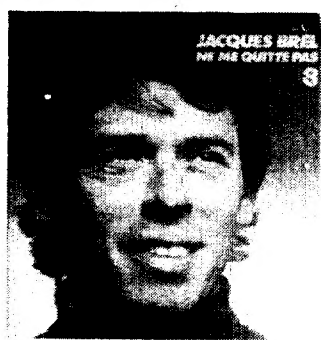
Como facilmente se verifica, o interesse desta próxima edição é a vários títulos aliciante, tanto mais que nos coloca ao alcance das mãos (e dos ouvidos) obras cada vez mais difíceis de encontrar nos mercados

nacional e estrangeiro pela simples razão que apenas reeditadas logo esgotadas.

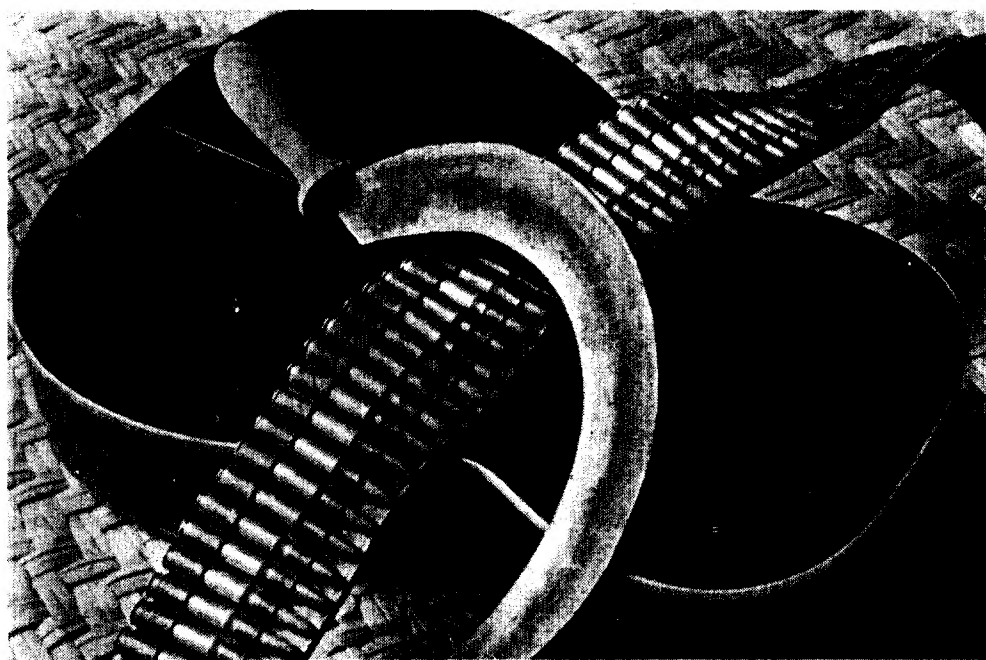
Eis, pois, uma oportunidade a não perder para todos aqueles que ainda conhecem mal a obra de um poeta que com ironia e ternura, tristeza e alegria tão bem soube retratar nas suas canções e vida tal como é: ora amor ora ódio e injustiça, ora dádiva e amizade.

Georges Brassens, outro grande poeta da canção francesa e também grande amigo de Brel, disse um dia: «Apesar de tudo o que canta, Jacques ama as pessoas, ama, especialmente, todos aqueles que mais ataca. Jacques é um Mundo de generosidade mas faz tudo para o esconder». Pois bem caro leitor, Brassens tinha razão...

M. A.



Vida em Veneza



Tina Modotti: «Composição com foice, cartucheira e guitarra», 1927.

Continuação da pág. 5
câmara, mensagens do interior (Eva Rubinstein), foto-jornalismo (Marc Ribaud), a cor (Pete Turner), cor e luz (Ernest Haas), o nu à luz do dia (Lucien Clergue)... Mas que coisa é um destes ateliers? Cursilhos semanais? Ensinam-se chaves, truques? Ensina-se numa semana a justeza do olhar? Parece que alguns professores falavam do olhar. De mobilidade, de disponibilidade, de testemunho. E que os alunos perguntavam que marca de máquina, que objectiva, que filme, que tempo de pose... E fartavam-se de fotografar o professor, talvez para demonstrarem que ali estiveram mesmo.

Il Fotografo, italiana, e a Photo destacam os resultados conseguidos no atelier de Pete Turner, que se teria limitado a falar de coisas sem importância, a exigir determinados pormenores técnicos e a mandar os

alunos explorar Veneza. Num diário desse atelier feito por um aluno italiano lê-se que no antepenúltimo dia, perante os diapositivos, primeiro resultado do trabalho realizado, começam a entrar na mecânica do atelier e a compreender o papel de Turner, que se cifra sobretudo em estimular um câmbio de informações e dividir a sua experiência.

O olhar

Havia quem reclamasse — uma revista sindical, por exemplo: que ao emoldurar fotografias se tinha querido pôr o diabo dentro de molduras. Porque a fotografia democratizou a imagem e subverteu-a, e a moldura vai ressoar-lhe a, distanciando-a outra vez. Pois a fotografia entrou no mercado da arte. As molduras pretendem exaltar a estampa no centro de um espaço que se cre

privilegiado. Mas falar das molduras implicaria falar de toda a apresentação das exposições, e, antes e depois, das exposições mesmas, de todo esse gigantesco olhar arquivo inquieto de vida e história. Falar da emoção desse reencontro com as imagens conhecidas de há anos. Algumas estão assinadas pelo autor. As de Hine estão muito perto do original. São pequeninas ampliações. Três quartos de século depois — dizia o velhote: **Quis mostrar coisas que era preciso modificar** —, três quartos de século depois do começo, estão elas em Veneza, a dos doges, junto das de tantos outros companheiros, e vêm milhares e milhares de jovens com máquinas o mais último modelo que podem a tiracolo dizer-lhe **olá, fotógrafo!** Ali estão os mestres, o grande atelier. Olhem, dizem eles.

Teatro

“Estrela e morte de Joaquim Murieta”, de Neruda

Um espectáculo soviético em Portugal



“Estrela e Morte de Joaquim Murieta”, de Pablo Neruda. Adaptação: Pável Gruchkó. Música: Alexei Ribnikov. Encenação: Mark Zakhárov. Coreografia: A. Drozhin. Figurinos: M. Koreneva. Cenografia: A. Ivanov. Interpretação do Teatro Moscovita Komissomol Leninista apresentado pela C.G.T.P.-Intersindical. Teatro São Luiz. Estreia: 4-10-1979. Graças à iniciativa da C.G.T.P.-Intersindical tivemos a oportunidade de ver um grupo de teatro soviético, evento demasiado raro para não ser especialmente saudado. Esta peça foi, depois do 25 de Abril, encenada por Joaquim Benite com o Grupo de Teatro de Campolide, num espectáculo então bastante discutido mas que tinha a marca das negáveis capacidades de fazer espectáculo (no bom sentido) de que o encenador dera já evidentes provas que continuaria a dar, de resto. O espectáculo soviético é, evidentemente, muito diferente. Trata-se de uma adaptação para ópera-rock feito com grandes recursos tanto sob o ponto de vista técnico como de representação. Espectáculo predominantemente musical, escapa, por esse lado, à minha alçada, embora o que nele há de teatral justifique a sua inclusão na rubrica de crítica de teatro. A cantata de Neruda conta a história de um trabalhador chileno e dos seus amigos que partiram para a Califórnia à procura do ouro. Ai encontram os Rangers que representam, no seu perfil de aventureiros vestidos de negro, o inimigo que passa da exploração à

destruição daqueles que explora. A morte de Murieta não é a morte da esperança, outros vieram, outros virão. O que impressiona no espectáculo é, sobretudo, a sua eficácia. Eficácia ao nível da música, goste-se ou não; eficácia ao nível da marcação, da utilização do som e da luz (sem paralelo com o que se faz entre nós, pois estamos ainda na pré-história da luminotécnica); eficácia sob o ponto de vista de utilização de dispositivos que ajudam a dar correctas extrapolações ao texto; eficácia no que se refere aos intérpretes que são actores que sabem cantar e dançar, exprimindo-se, a esses três níveis, com uma segurança, uma força comunicativa, um rigor que só uma preparação básica feita a sério explica. Basta ver a forma como a marcação foi concebida e é executada tendo em conta a necessidade de utilizar os microtones para se ter uma ideia de como o espectáculo obedece a um esquema meditado e rigoroso seriamente executado. Nem tudo nesta versão soviética de Neruda me pareceu, no entanto, excelente. Ha cenas que me parecem talhadas, sob o ponto de vista de invenção cénica, caso da cena do navio, caso da composição da Morte; ha marcações gestuais que já se transformaram em clichés. O espectáculo sobe, sempre que deixa de se identificar com experiências do musical norte-americano, caso do «Hair», para adquirir uma identidade própria. É evidente que este espectáculo não representa o melhor teatro soviético. O seu nível de

comunicação aberto a experiências alheias constitui a sua força e a sua traqueza. A sua força porque garante uma liberdade criativa, tão denegada no Ocidente capitalista, que permite a utilização de códigos estranhos, absorvendo-os suficientemente para os transformar em sinais originais. A sua traqueza porque, a meu ver, uma maior diversificação dos meios expressivos (por exemplo, um maior contraste tanto sob o ponto de vista musical como gestual, entre emigrantes e «rangers», exploradores e explorados) ajudaria a evidenciar o conteúdo político do discurso, ou seja, a denúncia, sempre oportuna, diga-se o que se disser, do capitalismo, aqui tendo como marca de pavor a actual realidade chilena. Algumas cenas do espectáculo, como a da violação e a tentativa de Murieta para dar vida a Teresa, entre muitas outras, são reveladoras da capacidade do grupo em criar momentos muito fortes através de meios de expressão muito simples. É essa uma das grandes forças do espectáculo que no fez crescer agua na boca para o conhecimento de mais espectáculos soviéticos. Venham eles. O público, que enche o São Luiz como ha muito não víamos, não deixara de corresponder apesar dos obstáculos da língua. Alias, esse público tão diferente dos «habituais» das estreias deu, desde logo, um outro conteúdo ao espectáculo. Público presente para ver e não para ser visto — impunha o teatro como realidade sociológica e esteticamente distinta. E também por isso este espectáculo foi importante

Carlos Porto

Ricardo e as borboletas

«RICARDO E AS BORBOLETAS», de Francisco de Almeida. Encenação: Armando Cortez. Cenografia: Octávio Clérigo. Interpretação: João de Carvalho, Clara Maria, Maria Adelina, Armando Cortez, Leonor Poeira, Verónica, Luiz Beira, Júlio César, Fernanda Gargão, Couto Viana, Luiz Pinhão, Francisco Brás. Teatro Maria Matos. Estreia: 20-9-1979. Uma das maravilhas do teatro, é que a gente nunca sabe onde é que vai parar. É como nos recordes desportivos: há sempre a possibilidade de que o próximo atleta seja mais rápido ou salte mais alto. Mas, ao contrário do que acontece no desporto (onde há os que chegam em últimos e os que desistem, mas todos alimentando a vontade de vencer), no teatro é uma calamidade quando os nossos

artistas pretendem bater recordes negativos. Agora, por exemplo, no Maria Matos (subsidiado pela SEC), acaba de se estreiar um original português de autor escondido (com rabo de fora), e eu não sei como lhes explicar o que se passa no palco. É este um dos «dramas» dos críticos: metem-lhe dois bilhetes na mão e nós somos (sentimo-nos) obrigados a escrever alguma coisa, mesmo que seja uma asneira de fazer corar um carroceiro (como se dizia quando havia carroceiros). Ora, como não estamos em tempos disso, é preciso encontrar alguma coisa para dizer sobre uma peça que é uma daquelas chanchadas que nem sequer tem categoria para ser uma chanchada. Como hei-de explicar? É como um senhor, que pensasse ser escritor de teatro, começasse a agarrar em ideias à sorte, cada uma

dela com menos graça e menos original do que a outra, e as exprimisse num diálogo construído em lugares-comuns, em clichés que pretendessem ser trocadilhos graciosos! Caramba! Peça feita para Armando Cortez que a aproveite para fazer a sua propagandinha do laranja-PPD — facto, aliás, menos importante do que a própria indigência do espectáculo — «Ricardo e as Borboletas» é isto: Esta peça e este espectáculo só têm uma qualidade: fazer com que o mais modesto dos críticos se sinta um génio. Repito, este espectáculo é subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura. Tableau, co'a breca...

CARLOS PORTO

PS — O melhor da «festa»: a vcz (feminina) do «ponto»...

Sociedade

Nasce o contrário de uma multidão solitária? Gigantismo e participação nas festas do "Avante"

Compreende-se facilmente porque é que as festas do «Avante!», embora funcionem como megaestruturas fechadas de animação cultural, não sofrem senão superficialmente os problemas do gigantismo característicos de iniciativas comparáveis: nasceram há pouco tempo, estão em fase de definição, a expansão dos seus conteúdos apenas ainda se esboçou. Por outro lado, a grande adesão dos seus públicos, que a vivem simultaneamente como prova de liberdade conquistada e como microcosmo tendencialmente libertado, esconjura as insuficiências de «participação», relega para segundo plano a eventual falta de peso das actividades reflexivas na sua economia e esbate a pulverização de públicos, que de facto não se verifica de modo sensível.

Há no entanto indícios de gigantismo: apesar das dezenas de colóquios, debates, mesas-redondas que apelam para o diálogo e para a reflexão, a imagem global das festas é talvez, antes de mais, a de um lugar «especial» de encontro e de circulação convivial de grandes massas de pessoas. Sintoma desta tendência é o facto, significativo, de os jornais que fazem a cobertura das festas quase não escolherem fotos desses debates, colóquios, etc., para ilustrarem os seus textos. Por outro lado, embora de facto quase insensivelmente, esboça-se o conhecido fenómeno da pulverização dos públicos: como integrar na economia geral da festa, por exemplo, os muitos jovens, quase despolitizados, que lá vão para ouvir os «monstros» da canção estrangeira?

Estes e outros problemas, ou a sua quase inexistente expressão, são motivo de reflexão para os responsáveis. Poderíamos perguntar, sintetizando: para além da luta feroz que a direita lhes move por ver nelas uma prova de força de um partido inimigo, e porque elas constituem actos importantes de democratização da cultura, quais são os problemas próprios destas festas? Quais os conhecidos e os que se antevêm?

Ao «hall» de recepção do novo edifício da Rua Soeiro Pereira Gomes, em Lisboa, vem ter connosco um antigo actor de teatro, ex-jornalista de rádio, agora membro da SIP do Partido Comunista: tínhamos combinado com ele, Rui Pedro, ligado à organização das festas, uma conversa clarificadora destas questões.

Ele escolhe a perspectiva «genética» para responder à nossa bateria de perguntas:

— A primeira festa, na FIL, foi uma surpresa até para os próprios organizadores: era o primeiro grande encontro de massas num espaço com aquelas características, e, nesse espaço, para muitos, o primeiro encontro com as propostas do Partido Comunista. No fundo, ela acabou por ser uma espécie de mostra dos grandes temas do Partido uma mostra do «Portugal que Portugal nunca vira»: na vida, no trabalho. A surpresa veio quando, posta a festa de pé, nos encontramos tantos ali, fruindo dessa mostra, um pouco estupefactos por ela finalmente ter sido possível. Claro, faltava-nos toda a experiência. A «participação» revestiu características experimentais; tinham sido organizados sobretudo espectáculos, e os espectáculos criam sobretudo «espectadores».

Com a ida para o Jamor nos dois anos seguintes, o carácter da participação modificou-se muito substancialmente: passou a tratar-se de implantá-la a partir do zero em terreno selvagem. Desenvolveu-se, assim, o aspecto da construção material, hoje tão importante. O recinto passou a ser esboçado, desenhado, concebido para os efeitos pretendidos, construído do nada. Por outro lado, a arte e a cultura populares irromperam pela festa dentro, entrecruzando-se com o desporto, a música erudita, o artesanato, as literaturas... A festa transformou-se numa fonte inesgotável de projectos de animação.

— Tem-se falado, a propósito da deste ano, em «salto qualitativo». O que define esse movimento? Para onde aponta ele? Quais as diferenças mais profundas em relação às festas dos anos anteriores?

— Enriqueceram-se as intersecções, diversificou-se o leque dos interesses. A valorização da arte e da cultura populares tornou-se um traço mais marcante e abre enormes perspectivas para o futuro. A festa deste ano foi também mais sistematicamente organizada, mais claramente planificada. Estes factos reflectem uma maior clarificação do projecto da festa ao nível político e ao nível cultural.

Rupturas em série

— Mas trata-se de um espaço gigante. Isto não se reflecte no tipo de participação das massas de visitantes?

— Há pelo menos três níveis em que vale a pena avaliar a participação das massas: o da definição do projecto, o da execução e o da adesão do exterior. Quanto à definição do projecto, as reuniões locais, concelhias, sectoriais, não páram de enriquecer o plano central, durante a sua preparação. Este plano, ou projecto central, vai assim absorvendo concepções e propostas, cresce com elas. A própria concepção geral do «projecto à partida» pode evoluir, modificar-se significativamente.

— Isso tem de facto acontecido?

— Sim, tem de facto acontecido. São muitos, muitos milhares de pessoas a darem, nessa fase, ideias e sugestões. E a vontade de participar na concepção da festa tem crescido de ano para ano. Quanto à execução, há artistas, técnicos e operários que nela trabalham durante meses. Isto implica muita criação colectiva, muita invenção. Montar construções em tubo de aço sobre terreno acidentado não é um trabalho para principiantes. E no entanto muitos dos que participaram, de algum modo, nesse trabalho, são principiantes... O mesmo se poderia dizer quanto ao levantamento topográfico, metro a metro, do terreno, quanto à piquetagem, quanto à construção de canalizações de água, esgotos, electrificação...

— Parece haver em tudo isso alguma subversão das qualificações do trabalho manual e técnico.

— Claro. Há, por parte de muitos dos que vêm participar na montagem da



Rui Pedro

festa, um aprendizado do trabalho manual: estudantes, funcionários públicos, empregados de balcão e de escritório participam nesses trabalhos e em muitos casos saem deles com uma pré-qualificação como trabalhadores manuais que é inédita em Portugal. Este aspecto é importante, porque a nossa sociedade está muito marcada por um fronteira «inultrapassável» entre os manuais e os intelectuais, e a festa, como as jornadas de trabalho voluntário, permitem justamente ultrapassar, na prática, essa fronteira.

Quanto à participação na festa depois de montada, quanto às centenas de milhares de visitantes que assistem aos espectáculos, aos concertos, ao comício, que participam nos colóquios, etc., ela representa apenas, portanto, uma das fases da participação. Que dizer deles? Que o que mais os marca, e talvez seja uma das ideias-força da festa, é a fraternidade, vivida publicamente por muitos e muito diferentes sectores da produção? O sentimento de comunidade, o seu grau de adesão à festa são testemunhos da universalidade das preocupações do Partido, e correspondem a um desejo real das massas, durante tantos anos frustrado.

— A festa funcionaria então como um «revelador» de desejos.

— Mais exactamente: o carinho que as massas dispensam à festa tem a ver com a ligação orgânica do partido à vida dos trabalhadores, no quotidiano. Lembremo-nos de que é a única festa, na nossa sociedade, que exalta o trabalho e os seus frutos, e a luta pela vida numa sociedade mais justa, a luta por outras relações de produção...

— Parece-lhe muito sensível a ruptura do quadro tradicional dos espectáculos do consumo cultural ou da própria produção cultural, no âmbito da festa? Em que e como, concretamente?

— A ruptura dos quadros tradicionais é evidente em muitos aspectos da actividade da festa: trabalhadores sem nenhuma vivência urbana, confrontados com a música de um trio de trompas ou com uma peça de Mozart tocada num circo precário, rompem necessariamente

com a sua anterior visão do mundo da música. Esta ruptura é também verdadeira para os artistas: o contacto com um público que se conta por centenas de milhares de pessoas em movimento é uma experiência nova para músicos, pintores, escultores.

— São eles próprios que o afirmam?

— Sim, temos testemunhos directos de artistas participantes que sublinham como o confronto com esse público rompe o quadro convencional da produção e da mostra de arte erudita. Por exemplo: a bienal de artes plásticas, onde estavam representados mais de 120 artistas, foi visitada por mais de 100 mil pessoas. Muitas delas discutiram sem constrangimento os quadros, as esculturas, interpretaram em alta voz e como quiseram as propostas dos autores. Isto cria inevitavelmente um novo fluir do sentido, rompe com o quadro em que as obras viviam, coloca os artistas perante interrogações que não se tinham posto.

— Essa ruptura do quadro de circulação dos objectos culturais teve este ano significados pontuais claramente políticos. Estou a lembrar-me do modo como a direita protestou contra a existência de um stand sobre Camões.

— Era de esperar. A direita entra em pânico cada vez que sente, em acto de democratização da cultura, e não consegue deixar de lhe testemunhar verdadeiro ódio. Ora, as realizações relacionadas com Camões levadas a efeito na festa não foram senão um apontamento: o Partido Comunista pensa dar grande atenção em 1980, a várias iniciativas relativas a Camões. Trata-se antes de mais de mostrar que ele pertence ao povo, era do povo, e que ao povo pertence, de direito, o património que ele nos legou! Esta directriz de recuperação, pelo povo, do seu próprio património, é comum a várias áreas de preocupação cultural. Ela inspira a recuperação, por exemplo, da literatura de tradição oral, e das várias formas de arte que nesta festa começamos a mostrar, do barro e da madeira aos instrumentos musicais...

— Houve, esporadicamente, testemunhos de novas problemáticas nascidas para a festa: a regional e da preservação da natureza, por exemplo. Essas experiências já foram avaliadas?

— Essas são sem dúvida áreas a desenvolver, mas ainda nos escapa o modo como se verificará esse desenvolvimento. Por exemplo, já é claro que a arte e a cultura populares deixarão provavelmente de representar um espaço determinado na festa para nela se disseminarem, passando a fazer parte da inspiração de cada uma das suas actividades. Mas seria precipitado dizer que o mesmo se passará com a problemática regional. A problemática regional como a da preservação da natureza e do património cultural, nascem do alargamento do nosso quadro de preocupações. Este quadro está em expansão: muitos dos seus conteúdos são ainda flutuantes, ou ainda não se exprimiram. Com o desenvolvimento próprio do Partido, com o esclarecimento das questões, é natural que venham a aprofundar-se e a autonomizar-se relativamente. Mas dizer isto é dizer uma generalidade. Na prática, cada região descobrirá e exporá os seus próprios problemas. Ver-se-á então sob que forma.

— As conferências nacionais por sectores que o Partido Comunista tem organizado não constituem um quadro de reflexão sobre o estado de algumas questões, que valeria a pena investir na festa?

— As conferências nacionais por sectores são um cadinho das propostas do Partido. Há nelas um cada vez maior apuramento das questões abordadas. Mas o que a festa espelha sobretudo é a evolução global das propostas políticas do Partido, e a sua clarificação. A festa é o levantamento do modo como se trabalha e vive no País e no Partido, e esta linha de força dificilmente se alterará. No fundo, o que mais influi na «face» da festa é a própria actividade e o estilo de trabalho do Partido, o modo como ele se revela nas grandes movimentações de massas contra a política reaccionária dos últimos governos, contra o aumento do custo de vida, etc. O Partido revela-se aí, e a festa acaba por ser o espelho de tudo o que aí é trazido à tona, na luta pela democracia, pela sociedade socialista. Para usar um «slogan», é a «festa de tipo novo para um partido de tipo novo». Se influencia o Partido, é na medida em que ela constitui mais uma aplicação do seu estilo de trabalho: organização, participação disciplinada, criação colectiva. E estas são características do Partido em quaisquer circunstâncias. Como o é igualmente a responsabilidade das opiniões dadas e das funções atribuídas ou Assumidas. A festa não se distingue, portanto, do trabalho geral do Partido. Mas tem uma grande influência e um considerável peso político no movimento de massas, porque testemunha as preocupações que regem o nosso trabalho.

Influência, coexistência

— Exactamente em matéria de influência sobre públicos exteriores ao comunista, parecem ter surgido este ano indícios de alguma dificuldade em enquadrar o público jovem da música contemporânea estrangeira?

— Esse enquadramento está em estudo; há talvez soluções a encontrar na melhor organização dos horários dos espectáculos, na repartição dos palcos e dos auditórios... Mas a festa tem custos suficientemente largos para integrar sem grandes problemas as contradições secundárias entre os seus públicos.

— Parte do público comunista não preferirá, de futuro, evitar a «infiltração» de sectores tão claramente alheios à inspiração básica da festa? Não estranha incidentes como o ocorrido no final do concerto do Richie Havens?

— Creio que não. O que se passou foi o esboço, apenas, de um típico fenómeno de multidões, provocado pela grande participação emotiva a que convidavam os concertos de alguns dos cantores. Trata-se de um caso exemplar: ele não põe em causa, por pouco que seja, a nossa vontade de continuar a incluir na festa este tipo de espectáculos. Este problema acabará por ser resolvido por todos, como têm sido inúmeros outros, desde o da implantação da festa e o da sua segurança até ao dos acessos difíceis... Nós temos resolvido de ano em ano problemas potenciais de toda a ordem, e temos-os resolvido exactamente devido à disciplina, à planificação e à grande adesão de centenas de milhares de pessoas aos conteúdos da festa. Esta adesão aos conteúdos da festa tem «feito maravilhas» em aspectos que abrangem áreas tão distintas como a montagem do hospital com capacidade para assistir mais de cem doentes, os problemas de tráfego no interior e no exterior da festa, as relações com a Câmara, com os bombeiros, com a PSP, com a GNR. A adesão à festa é também cada ano testada e está, ela própria, em movimento constante, em expansão.

J.M.

Sociedade



Desenho de Jules

Todos nós deliramos quando sonhamos. A única diferença dos alienados é que sonham acordados.

No delírio dos esquizofrénicos o que nos impressiona é a sua impermeabilidade — a mesma que os etnólogos nos têm dado a conhecer nos modos de pensar (mágicos e míticos) dos povos primitivos.

Contudo, em certas situações afectivas e passionais, também no «homem comum» das nossas cidades podemos constatar fenómenos de regressão até à mentalidade mágica, com a mesma carga de superstição, medo e angústia característica, digamos, do homem primitivo do paleolítico. As premonições, as superstições astrológicas que invadem a imprensa, os feitiços propiciatórios que os automobilistas põem nos carros e tantos outros indícios de uma mentalidade primitiva que perpassam, através da frágil camada de civilização intelectual que os recobre, são suficientemente reveladores sobre a persistência da mentalidade mágica nas sociedades modernas.

Há, no entanto, uma diferença fundamental entre o esquizofrénico e o primitivo: este vive num mundo colectivo, partilhando com a comunidade as noções mágicas e as representações animais; aquele vive num mundo autista e isolado. Os primitivos tentam neutralizar através dos ritos as ameaças e os terrores do mundo exterior, as forças maléficas desencadeadas pela violação dos tabus, o medo e o sentimento da culpabilidade provocado por essa transgressão ignorada e sempre possível. Idêntico arcaísmo encontramos nos esquizofrénicos, também dominados por sentimentos de culpabilidade, temor e angústia suscitados pelo caos que nasce neles a partir das perturbações funcionais do metabolismo cerebral.

Ambos, primitivos e esquizofrénicos, manifestam uma tendência para reorganizar o mundo desorganizado pelas potências invisíveis ou pela doença. É essa, nos primeiros, a função dos mitos, e nos segundos a da efabulação que caoticamente destrói e cria sentidos ao mundo.

Conseguir furar o muro da doença com a ajuda do lápis ou do pincel, é um grande passo para o esquizofrénico enovelado em si próprio, já que isso implica uma participação dos outros no seu mundo fechado.

Quando consegue exprimir-se graficamente (o que não é frequente), fá-lo de maneira explosiva, livre de quaisquer preconceitos ou entraves, numa autêntica criação espontânea em estado puro. É nisso que o mecanismo da criação do «alienado» se distingue de modo quase específico. No louco, não há planos, buscas ou ensaios: a produção sai-lhe espontaneamente, por vezes mesmo contra a sua própria vontade, e seria em vão que nela procuraríamos imagens pensadas, reflectidas. O que lá se encontrará, de

facto, são as preocupações humanas de todos os tempos, expressas numa linguagem directa. A porta do inconsciente abre-se de rajada, como se cedesse à tempestade.

A expressão plástica dos loucos supõe na sua base uma inexperience da percepção, constituindo, no plano gráfico, a prova duma inadaptação às condições reais dos objectos. O artista mentalmente «alienado» tem por única referência, na reprodução dos objectos, o esquema interno (equivalente ao «modelo interior» de Breton e dos surrealistas), como ele julga ou sabe que esse esquema é, e não como as coisas lhe aparecem

«objectivamente». Procede, portanto, à substituição da realidade objectiva por uma realidade subjectiva, consistindo o seu trabalho em modificar uma estrutura dada, em decompô-la no decurso da imitação e em recompô-la acto contínuo. Tudo isto segundo um modelo interno cujas estruturas variáveis constituem verdadeiros «conceitos efectivos».

O «senso comum», que nem sequer está certo das suas noções de tempo e de espaço, aceita como «normais» (dentro de limites «aceitáveis», bem entendido) a megalomania, o orgulho e a má-fé, mas arroga-se o direito de violentar tudo o que escapa às suas regras incertas. No fundo, o que leva as nossas sociedades a separar e a isolar os loucos, por um lado, mesquinhas razões práticas, e, por outro lado, o medo de serem despertadas do seu sono sem sonhos e da sua alienação pela voz terrível do livre pensamento integral a gritar-lhes que a verdadeira vida «está ausente».

«O espírito sopra onde quer, e só uma pretensão igual à dos padres pode consignar-lhe certas vias e proibir-lhe outras... A salvação reside exclusivamente numa fidelidade honesta, recta, directa, à realidade trágica que é, no fundo, a existência humana». A estas palavras justas de Ignazio Silone corresponde, como um eco, a voz admirável de André Breton: «Não temo avançar a ideia, só à primeira vista paradoxal, de que a arte daqueles que hoje são arrumados na categoria de doentes mentais constitui um reservatório de saúde moral». A finalizar, lembremos que, nos «alienados» e nos «normais», a arte (a poesia plástica) prossegue a sua busca de realidade para além das aparências sensíveis, através da subjectividade, num esforço original e sempre novo no sentido da profundidade humana, onde reencontra as formas e os conteúdos arcaicos e primordiais, inerentes à nossa própria natureza. Esta busca fez estalar o verniz amarelento do «quadro de museu», libertou a cor, carregou as formas de sentido, animou o papel e a tela, e substituiu a idealização académica do mundo pela projecção directa, sem entraves, do imaginário. Já não se trata de estudar a luz, a cor, o objecto, mas de abrir uma janela sobre o desconhecido.

O espírito sopra onde quer

Ernesto Sampaio



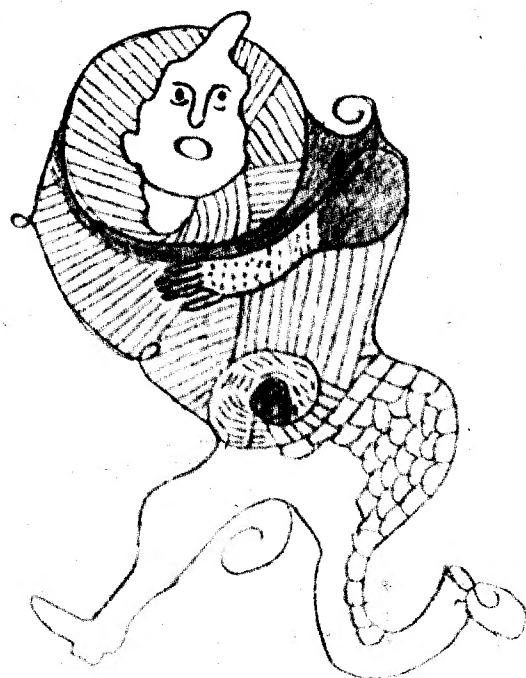
Rafael — Retrato de bocas múltiplas. Sexualização do pensamento num esquizofrénico (parto pelo cimo do crânio; analogia com o mito do nascimento de Minerva)



Charles-Octave (psicose paranoide). «A noiva e os monstros»



Aloisa (esquizofrenia). «Retrato duma pincesa» (exibição dos seios e olhos vendados)



Desenho de Jules, camponês suíço semi-analfabeto. Na adolescência, teve a certa altura a impressão de que as pessoas faziam sinais e comentários à sua passagem. A 1 de Outubro de 1910, depois de agredir a mãe à paulada, foi internado num manicómio, onde veio a falecer em 1944. Diagnóstico: esquizofrenia

A lei e a justiça

Duda Guennes

Acima da lei deve imperar o espírito de justiça, mesmo por que uma lei pode ser injusta. Mesmo por que um juiz pode não ser justo. Há leis que são verdadeiros abortos jurídicos, como há juizes que são autênticos insectos. A lei deve ser universal e abrangendo o igual para todos. A lei tanto proíbe o pobre como o rico de roubarem um pão. Quer o pobre quer o rico tenham fome. A lei também proíbe, igualmente a pobre ou rico, que se durma sob as pontes. Tenham ou não casa para morar.

Os grandes agrários e latifundiários do Alentejo, com certeza, acham a lei Barreto ótima. Os camponeses, vítimas dessa lei, discordam. A lei depende de quem a interpreta.

É sobre a interpretação da lei que vou transcrever uma inédita sentença proferida por um juiz brasileiro, de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, que mereceu do *Jornal do Brasil* a seguinte título:

Juiz diz em sentença não ser cego como a Justiça e acusa de injusta a Lei

«A lei é injusta? Claro que é, a Justiça é cega? Sim, mas o juiz não é». Com estas afirmações, o juiz Moacir Danilo Rodrigues, da 5.^a Vara Criminal concluiu uma inédita sentença em que determina o arquivamento do inquérito policial instaurado contra o operário Marco

Antônio Dorneles de Araújo, acusado de vadiagem. Ao declarar que a afirmação de que a Lei é igual para todos «é uma frase mística para apaixonados e sonhadores académicos de Direito».

O juiz continua dimensionando a Lei, tendo a Justiça como o bem supremo: «na escala de valores utilizada para valorizar as pessoas, quem toma um trago de cana (aguardente), num beliche, às 22 horas e não tem documento nem

cartão de crédito, é vadio. Quem se encharca de uisque escocês numa boite da Zona Sul e, ao sair, na madrugada, dirige um belo carro com carteira recheada de cheques especiais, é um burguês».

Marco Antônio de Araújo, 29 anos, — segundo o «JB» — fora indiciado em inquérito policial por vadiagem prevista na Lei de Contravenções Penais. Havia sido preso num bar de prostitutas indocumentado.

No início de sua sentença, o juiz:

Moacir Danilo Rodrigues indaga: «O que é vadiagem»? A resposta dada pela Lei de Contravenções Penais é «entregar-se habitualmente a ociosidade, sendo válido para o trabalho». Trata-se de uma norma legal draconiana, injusta e parcial. Destina-se apenas ao pobre, ao miserável, curtido, vencido pela vida. O filho do pobre, que pobre é, sujeito está a penalização. O filho do rico que rico é, não precisa trabalhar, porque tem renda paterna para lhe assegurar meios de subsistência. Depois se diz que «a Lei é igual para todos». Prossegue o justo juiz: «Marco Antônio mora na ilha das Flores (o Casal Ventoso lá do sítio). Carrega sacos. Seu mal foi estar num bar na

Rua Voluntários da Pátria, às 22 horas, mas se haveria de querer que estivesse numa uisqueria ou cervejaria do Centro, ou num restaurante de Petrópolis (Cascais lá do sítio), ou numa boite de Ipanema (Ipanema vocês conhecem pelo menos de nome)? O rico se é preso ao cometer uma inflação de trânsito, constatada a embriaguez, paga fiança e se livra. O pobre, se não tem emprego, é preso por vadiagem. Não tem fiança, e mesmo que houvesse não teria dinheiro para pagá-la, e fica preso. É com juizes desse tipo que a Justiça se impõe. Saber colocar acima do da prosaica e fria letra da Lei, o espírito da justiça.